

TULHA

PET ARQUITETURA E URBANISMO



EQUIPE EDITORIAL

Adriano Bueno
Bianca Pereira
Breno Pilot
José Camilo Carlos Júnior
Lucas Jansen
Maria Stella Angote
Milena Kammer
Paola Hoehne
Rodrigo R. Roda

Tutor: Luiz Augusto Maia Costa

edição 4
junho/2017



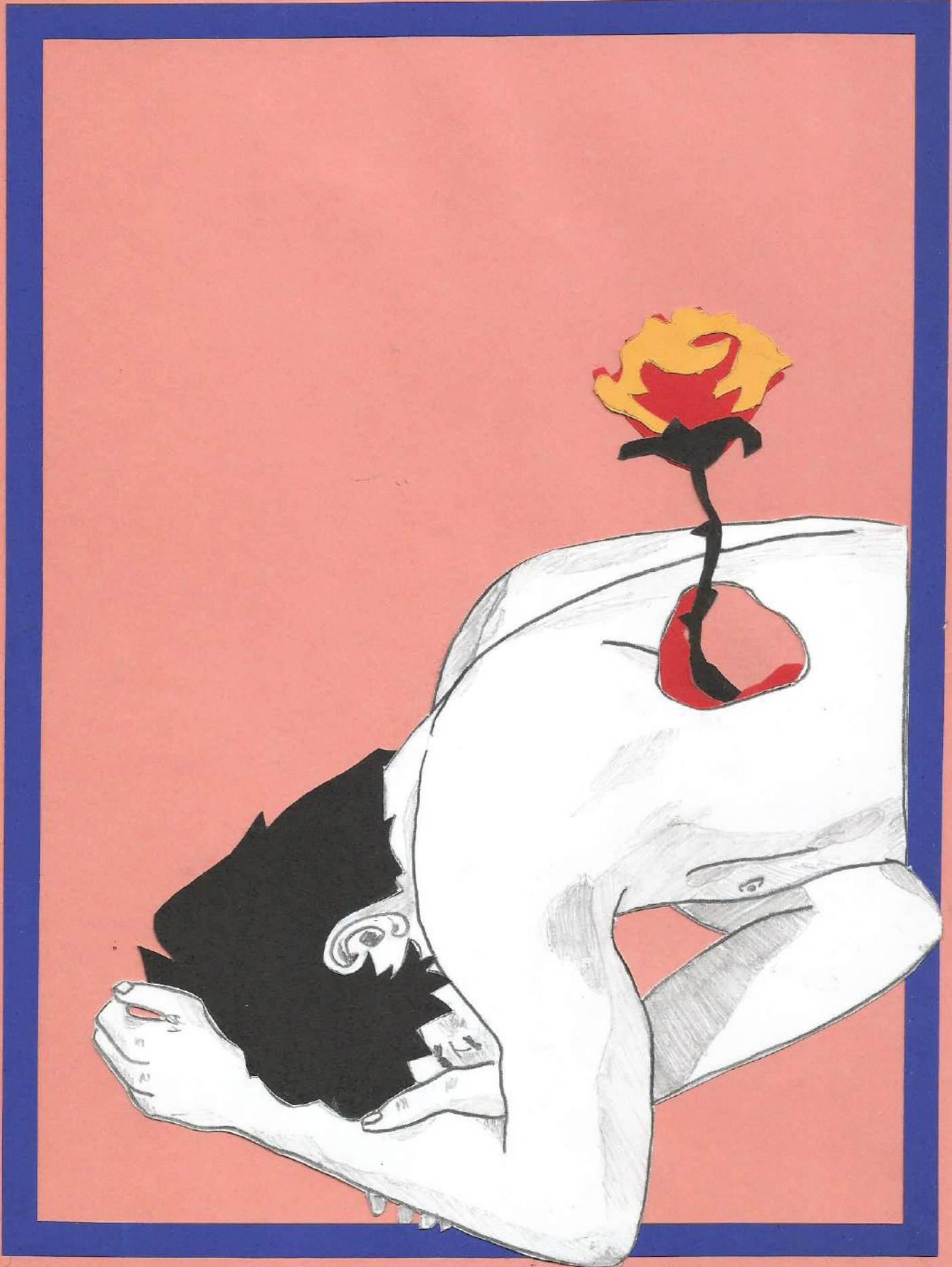
PET ARQUITETURA E URBANISMO
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

EDITORIAL

Nesta edição a Revista Tulha procurou diversificar assuntos e perspectivas em relação ao conteúdo. Conta com a participação de professores da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, alunos e não-alunos. Os temas, bastante variados, apresentam desde o panorama da arquitetura no Chile até a questão do machismo nos dias de hoje e o direito à cidade, além de produções acadêmicas e trabalhos finais de graduação. O relato do TETO nos fez lembrar a importância da luta por um lar, os contos literários e os poemas nos fazem esquecer do mundo real, os retratos e ilustrações nos levam para Belo Horizonte, Santiago ou qualquer que seja o lugar que a imaginação possa nos levar. A seção da Agenda não nos deixa esquecer dos programas culturais mais interessantes que estão acontecendo.

Agradecemos imensamente à participação de todos e, em especial, ao Lucas Benatti, autor das ilustrações da capa e seções, que nos conquistou pela sensibilidade de seu trabalho e gentilmente aceitou o convite para ilustrar a 4ª edição.

Equipe Editorial



06ENSAIOS
TEÓRICOSRESISTÊNCIA PELO DIREITO À CIDADE: Manutenção
cultural a partir do morar no caso da Ponta do Leal 8**16**ENSAIOS
TEXTUAISJARDIM FILTRANTE, A TECNOLOGIA QUE ESTÁ RE-
VOLUCIONANDO O SANEMANETO NO MUNDO 18Santiago do Chile: Arquitetura
MODERNIDADE APROPRIADA 20

ONDE ESTÃO AS MULHERES ARQUITETAS 24

UTOPIA SUBJETIVA 28

TETO 30

EFEITO COLATERAL 32

UM PEQUENO CONTO DE HALLOWEEN 35

POESIAS 36

LIGA DE BATERIAS UNIVERSITÁRIAS
PUCCAMP 38

EMPODERE ARQUITETAS 40

JOSÉ MAYER E OS OUTROS MACHISMOS 44

46

TRABALHOS

FLOATING ARTISAN SCHOOL 48

ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
Jardim Santa Genebra 52O PROCESSO IDEÓLOGICO DA DEMOCRATIZAÇÃO
NA ARQUITETURA 58

PROJETO SUOR: O FUNDÃO 68

PROJETO MARIAS 72

MEMORIAL DA VALA 74

PRAÇA DAS LUTAS 78

81ENSAIOS
GRÁFICOS

LUCAS BENATTI 84

MARIA STELLA 98

PEDRO PAULO 102

PAOLA HOEHNE 108

VICTOR LUCENA 116

118

AGENDA

ENSAIOS TEÓRICOS



RESISTÊNCIA PELO DIREITO À CIDADE: Manutenção cultural a partir do morar no caso da Ponta do Leal

A conformação espacial das cidades, campo de disputa de diferentes demandas sobre o espaço, se dá, entre outras causas, a partir de decisões tomadas em função do interesse sobre o capital que ela representa, e, em um sistema que coloca a terra como mercadoria, nenhuma decisão é tomada ao acaso. Assim como grande parte das cidades, Florianópolis se desenvolveu de acordo com os interesses de uma classe dominante, que direcionou os investimentos em infraestrutura pública e privada na direção que os conduziu, sujeitando a classe dominada à exclusão dos privilégios que os grandes centros urbanos oferecem - temática abordada por Henri Lefebvre em sua obra de 1968, que originou o conceito de direito à cidade. O artigo em questão, escrito em paralelo à pesquisa "Habitação de Interesse Social e Direito à Cidade", tem como objetivo investigar o processo de organização social da comunidade pesqueira da Ponta do Leal e a sua luta de resistência pela permanência diante de ameaças de remoção e realocação em locais distantes e sem acesso aos benefícios urbanos citados por Lefebvre - sob o pretexto da construção de novas obras que trariam consigo o desenvolvimento do município. Para tal, buscou-se a compreensão das dinâmicas da cultura pesqueira e o esclarecimento sobre lutas de resistência através de leituras específicas, que auxiliaram no entendimento amplo das motivações da comunidade pela permanência. Para maior aproximação com o estudo de caso, investigou-se o processo de conquista do espaço através de publicações e documentações realizadas pela mídia local, que, durante os anos, relatou os diálogos entre a Prefeitura e a comunidade. Como resultado, têm-se um estudo da conquista da comunidade pela manutenção da prática da pesca através da permanência no local - destacando suas dificuldades e analisando criticamente a proposta final da prefeitura, que construiu em um terreno adjacente ao assentamento um conjunto habitacional que não considerou as especificidades do morar da cultura tradicional dos moradores.

Camila Costa Curta¹; Lara Norões Albuquerque¹; Marina Toneli Siqueira²

INTRODUÇÃO

Localizada ao leste do estado de Santa Catarina, Florianópolis conta com uma população de 469 690 habitantes, segundo estimativa do IBGE de 2015. Entre eles estão migrantes do interior do estado e de outras regiões brasileiras, que hoje, segundo Censo Demográfico do IBGE de 2010, compõe 52% da população do município, superando o número de nativos. Com uma conformação espacial peculiar, a capital catarinense tem 2,77% do seu território em área continental, e 97,23% em área insular, sendo conhecida mundialmente como a Ilha da Magia, que abriga, durante a alta temporada de verão, cerca de 2,4 milhões de turistas. A Ilha, em seus primórdios, foi ponto de defesa militar da colônia portuguesa e posteriormente núcleo de povoamento, assim como outros territórios litorâneos do estado, como Laguna e São Francisco do Sul (PEREIRA,

2003). Os portugueses, vindos da região do arquipélago dos Açores no século XVIII, trouxeram consigo uma cultura que reflete até os dias de hoje na conformação sócio-espacial da cidade, seja na arquitetura ou em práticas tradicionais. A partir da segunda metade do século XX, a intensificação dos fluxos turísticos e a grande quantidade de espaços ainda não habitados na ilha colocaram a cidade açoriana na mira do mercado imobiliário, trazendo para cá investidores e construtores com o intuito de explorar o solo como capital - e ignorando o patrimônio natural, construído e cultural que aos poucos se perderam. A aceleração da expansão urbana impactou, além da configuração histórico-espacial da cidade, os traços culturais e padrões de comportamento das populações de origem açoriana, que ainda se mantinham conservados pelas comunidades nativas (PEREIRA, 2003).



Figura 1 - Vista aérea da Ponta do Leal. Fonte: Divulgação/Prefeitura Municipal de Florianópolis

A valorização da terra teve como consequência, a segregação socioespacial da população do município, fazendo com que comunidades de baixa renda se conformassem em solos menos especulativos, como morros e áreas continentais. Com o crescimento intenso da população, esses territórios que antes não eram valorizados, tornaram-se locais de grande interesse imobiliário, e é em um recorte desses territórios que está localizada, atualmente, a comunidade da Ponta do Leal.

A DEPRECIAÇÃO DA CULTURA TRADICIONAL E A PONTA DO LEAL

A cultura da pesca permanece forte no imaginário popular de Florianópolis. Porém, apesar da constante menção e uso da imagem pesqueira como produto turístico da cidade, o que se vê, na prática, é a depreciação dos costumes tradicionais, sujeitos às crescentes tensões econômicas-sociais e ambientais e aos conflitos sobre as terras costeiras habitadas. A porção de terra conhecida como Ponta do Leal é, atualmente, habitada por uma comunidade de raízes e práticas de pesca arte-

sanal de subsistência. Na última década, os moradores têm sofrido com processos intensos de ordens de remoção e realocação para territórios distantes da cidade, por conta da “ilegalidade” de suas moradias e de interesses maiores pela pequena porção de terra. O assentamento informal construído em palafitas sobre o mar por migrantes do município de Lages e São Francisco do Sul está localizado há mais de 40 anos no bairro Estreito, às margens da baía norte da parte continental de Florianópolis, em um terreno adjacente à sede administrativa da Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (CASAN). Vivem hoje na Ponta do Leal cerca de 400 pessoas com uma renda média por chefe de família de até 3 salários mínimos (ALOMAR, 2016). Inicialmente formada por uma população que vivia da pesca, hoje são poucos os moradores da Ponta que sobrevivem apenas dessa prática, tendo a sua maioria buscado outras fontes de renda mais lucrativas para sustentar suas famílias - alternativa decorrente da depreciação da pesca artesanal que foi substituída pela pesca industrial em grande escala, tor

nando-a uma prática econômica inviável. Os ecossistemas costeiros - como é o caso da Ponta - apresentam condições favoráveis para a prática da pesca artesanal, já que ali ocorrem mais facilmente a reprodução e a alimentação das espécies marinhas, surtindo efeito no volume de capturas. Porém, ao mesmo tempo em que estas zonas se caracterizam como benéficas para a cultura pesqueira, são zonas sob o olhar constante do setor imobiliário e de infraestrutura, além de serem áreas protegidas por legislações ambientais.

INTERESSES IMOBILIÁRIOS E ECONÔMICOS SOBRE A COMUNIDADE

O crescente aumento das cidades e dos processos especulativos trouxeram consigo interesses econômicos sobre a valorização de terrenos privados, que passaram a guiar os processos de investimento e melhorias na infraestrutura urbana da cidade. As decisões que concernem à valorização qualitativa do espaço urbano são tomadas por classes privilegiadas da sociedade: políticos, grandes empresários, instituições de poder, entre outros. A população, que pouca voz têm nesse processo, fica submetida ao processo de apagamento de sua história, de suas relações e de sua moradia, submersas em decisões que pouco às beneficiam. Invisíveis à lógica especulativa, são frequentemente retiradas de espaços urbanos com potencial de crescimento de seu valor de troca - espaços sob o olhar da financeirização do solo - e realocadas para terrenos menos valorizados, distantes de sua origem e dos centros urbanos e carentes de boas condições de habitabilidade. Enquanto uma parte da população pobre subiu os morros em busca de um espaço onde pudessem habitar, outra parte se manteve próximo ao mar, como única forma de manter uma fonte de renda que o coloca como instrumento de trabalho: a pesca. Em Florianópolis, casos de comunidades pesqueiras condenadas à remoção sob pretexto de se assentarem em Áreas de Preservação Permanente (APPs) são frequentes. Enquanto isso, edificações pertencentes à população de alta renda sob áreas de mesma característica permanecem por disporem de fer-

ramentas de poder para defender suas propriedades. No planejamento da realocação das comunidades, entre elas a Ponta do Leal, não são consideradas as necessidades específicas de cada família e a cultura da população. Nesses casos, frequentemente desconsideram o contato dessas com o mar, fundamental para a manutenção da prática pesqueira, e o convívio e relações que formaram nesses mesmos locais por anos. O processo de remoção que envolve a comunidade da Ponta do Leal iniciou em 2001, quando uma Ação Civil Pública com o objetivo de despoluir a região do balneário do Bairro Estreito de Florianópolis foi ajuizada. Segundo a ação, os réus, a Prefeitura Municipal de Florianópolis, a Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (CASAN) e a Fundação do Meio Ambiente (FATMA) deveriam solucionar os problemas de ligações clandestinas de esgoto que eram rejeitadas na orla e assentamentos irregulares sob área de preservação permanente. A condição de ilegalidade do assentamento formalizada pelos laudos técnicos e a impossibilidade de execução de um programa de saneamento nas casas construídas sobre palafitas tiveram como consequência a proposta de remoção completa da população do local (RAMPAZZO, 2008). Além do projeto de "limpeza" da costa, na Beira Mar continental - onde estão assentadas as famílias da comunidade - estava previsto, pelo Plano Diretor para 2014, o aumento do gabarito construtivo. Com a finalidade de dar suporte à expansão do interesse do capital, surgiu a necessidade de novas obras de infraestrutura, entre elas a continuação do aterro e da Avenida Beira Mar Continental, que facilitaria o deslocamento rápido entre o continente e a ilha através da conexão com as pontes Colombo Sales e Pedro Ivo. A comunidade da Ponta do Leal era, assim, um entrave para a continuação do aterro previsto para o projeto de expansão, que os realocariam de suas terras. O projeto social proposto pela Secretaria Municipal de Habitação e Saneamento Ambiental, de acordo com o plano de remoção da comunidade, consistia na sua realocação para dois projetos habitacionais distintos: um conjunto habitacional multifamiliar que distava 2km da

Ponta, denominado Vila Jardim Atlântico, e um conjunto habitacional unifamiliar que distava 3km, denominado Vila Fabiano de Cristo. Entretanto, o projeto foi rejeitado pela comunidade, que resistiu alegando a falta de compatibilidade com suas necessidades e expectativas. A partir desse momento, a população da Ponta do Leal, organizada e com apoio de outros segmentos da sociedade, inicia uma luta pelo protagonismo no projeto urbano e habitacional que os afetaria diretamente. Os anos que se seguiram (2006-2008), foram marcados por constantes processos de negociação. Em 2008, durante uma Audiência Pública em que constavam representantes de diversas Instituições envolvidas e os moradores da comunidade, foi deliberada a busca por uma nova alternativa de Projeto Habitacional. Porém, desde 2005, os moradores já haviam entrado em contato com outras fontes para solucionar a problemática habitacional que viviam. Uma dessas fontes, o AMA (Ateliê Modelo de Arquitetura, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina), pôde fazer parte do processo e atuar junto à comunidade, agindo como um dos atores mediadores entre a população e poder público. As ações resultaram em um acordo de cessão de um terreno público adjacente ao assentamento inicial, pertencente à União e utilizada, naquela época, pela CASAN como estacionamento. O terreno seria utilizado para a construção de conjuntos habitacionais para a relocação da comunidade através do Programa Minha casa Minha Vida Entidades - categoria do Programa Minha Casa Minha Vida que financia projetos autogeridos pela comunidade com assistência de entidades ou organizações não governamentais - uma grande vitória para a comunidade que reivindicou seu direito pela permanência e pelo direito à cidade, que poderá continuar habitando o local onde suas dinâmicas e costumes já estão consolidados.

UM NOVO PROJETO PARA A PONTA DO LEAL

Após a vitória pela permanência no espaço já habitado, a comunidade tomou

parte do processo projetual das novas habitações de interesse social propostas para a população. O AMA teve atuação junto aos moradores utilizando de métodos projetuais participativos para a criação das novas unidades habitacionais, período que durou de 2010 a 2011. Apesar da enorme conquista por parte dos atores sociais, a demora e o receio de perder a possibilidade de obtenção de verbas ocasionou o interrompimento do processo projetual participativo, e em 2013, os moradores, junto ao novo prefeito, passam a se enquadrar no PMCMV Empresas - outra categoria do programa na qual todo o processo de projeto e construção são feitos por empresas privadas sem participação dos futuros usuários do espaço. Ainda com auxílio do AMA, os moradores reivindicaram a despadronização do novo projeto, e lograram com a possibilidade de adequação do projeto de acordo com alguns itens discutidos durante o processo participativo de projeção.

Com 88 apartamentos distribuídos em quatro blocos em alvenaria convencional, o projeto final elaborado pela prefeitura para o PMCMV Empresas, com poucas alterações advindas do projeto original e participativo, teve sua construção iniciada em julho de 2014, e tinha como prazo inicial de entrega fevereiro de 2016. A área do terreno conquistado é de 4.135 metros quadrados, e foi doado pela União e pelo Município ao Fundo de Arrendamento Residencial (FAR). Os novos apartamentos, que no projeto inicial proposto pela prefeitura tinham apenas 38 metros quadrados de área, contarão com 52 metros quadrados, após muita luta e reivindicação da população, e contarão com sala, cozinha, área de serviço, sacada e banheiro. O condomínio terá playground, 15 vagas de estacionamento para carros e 30 para motocicletas, e cada proprietário pagará por 10% do valor total do imóvel, que custa R\$ 64 mil, em parcelas que não devem ultrapassar 5% da renda total da família.

Apesar da flexibilidade restrita dos padrões para financiamento pela Caixa Econômica Federal, a voz da comunidade da Ponta do Leal teve peso no projeto das novas habitações realizado pela Prefeitura, quando, por meio do AMA, fizeram questão que os resulta



Figura 2 - Habitações atuais sob a água e o novo conjunto habitacional ao fundo. Fonte: Cristiano Estrela/ Agência RBS.

dos projetuais dos processos de participação de etapas anteriores fossem levados em consideração. Apesar do projeto efetivado não ter sido elaborado por meio participativo, alguns elementos do processo anterior podem ser encontrados. Vê-se, com o caso em questão, a importância da mobilização das comunidades na busca pelos seus direitos, muitas vezes negados ou invisíveis ao olhar dos técnicos. Em casos como esse, arquitetos, assistentes sociais, técnicos ou antropólogos, devem atuar como mediadores dos anseios sociais para com as Instituições de poder.

Porém, ao se analisar o projeto das residências que serão entregues aos moradores, nota-se uma dissociação muito grande às dinâmicas consolidadas da comunidade. A cultura do morar junto ao mar, e a dependência pelos que faziam dele seu local de trabalho, não foi totalmente considerada. A população que vive atualmente em casas, com uma relação estabelecida com o entorno, será transferida para apartamentos em um condomínio habitacional fechado - mo-

delo definido por urbanistas como “anti-cidades” por criarem bolhas auto-segregadas do espaço urbano - que os isola do entorno onde foram implantados e aumenta o estigma já existente sobre a comunidade.

Apesar da grande conquista da comunidade pela sua permanência, não se pode desconsiderar a perda cultural que essa mudança no modelo do habitar acarretará. Mesmo que grande parcela das antigas famílias de pescadores não viva mais da pesca, foi junto ao mar que essa comunidade se estabeleceu. Afinal, está correto estabelecer padrões universais de moradia, de habitabilidade, de relacionamentos entre pessoas e ambientes, em um contexto de grande pluralidade cultural? Ao homogeneizarmos a população, prevalecem os valores que detêm maiores formas de poder econômico, cultural ou político sobre minorias. Neste processo, perdem sua cultura, comunidades pesqueiras, comunidades quilombolas, indígenas, entre outras comunidades que não detêm dos meios para

lutar contra a massa homogeneizadora.

LUTA E RESISTÊNCIA: A CONQUISTA DO DIREITO À CIDADE

A relação entre habitação e o direito à cidade pode ser entendida quando analisa-se o contexto em que habitação está inserida. Em uma comparação entre o termo “habitação” e “habitat”, entende-se o primeiro como o teto sob o qual se mora, e o habitat como o meio em que esse se encontra. A provisão pública de habitação no Brasil historicamente oferta à população de baixa renda espaços de moradia sem uma preocupação com as condições de habitabilidade do entorno, e comumente afastado dos grandes centros urbanos (BURGUIÈRE, 2016). Dentro do Programa Minha Casa Minha Vida a modalidade Empresas, gerida por construtoras privadas, é responsável pela aplicação de cerca de 97% dos investimentos no programa, enquanto apenas 3% são dirigidos a modalidade Entidades. Sendo assim, a maior parte da provisão de habitação pelo PMCMV é viabilizada por construtoras privadas, que colocam o lucro à frente da qualidade da habitação produzida, inserindo essas políticas dentro de uma lógica mercadológica que acaba beneficiando grandes empreendedores em detrimento da população que deveria ser atendida - intenção contrária a modalidade Entidades que ao promover moradia através da atuação dos próprios moradores considera sua qualidade e suas reais necessidades.

Dessa forma, nota-se que políticas que seriam implantadas com o objetivo de suprir a carência habitacional, tratam-se na verdade de políticas econômicas, efetivadas em momentos de crises financeiras como forma de alavancar o mercado da construção civil. Como resultado, têm-se a produção em massa de moradias sem qualidade construtiva, localizadas em contextos urbanos inadequados, sem infraestrutura ou serviços públicos de educação, saúde, transporte público, cultura, e lazer.

Junto ao processo de redemocratização no Brasil a partir dos anos 80 cresceu no país a movimentação popular por

reformas urbanas, e junto aos movimentos nacionais, moradores de uma mesma comunidade ou bairro se organizaram para reivindicar, frente às instituições de poder, a conquista de qualidades em escala local - os chamados Movimentos de Bairro. Esses podem ser vistos como processos de protagonismo e de resistência dos moradores pela defesa de seus direitos e de suas relações - postas em perigo por processos de remoção, especulação ou de esquecimento pelos órgãos públicos. O caso da Ponta do Leal pode ser citado como um exemplo deste movimento. A comunidade, que demonstrou articulação para reivindicar suas necessidades, mobilizou-se pela participação no desenvolvimento do projeto urbano e habitacional que os envolve, e, diante das tentativas de realocação para locais com características divergentes, lutou pela sua permanência no espaço onde suas dinâmicas já eram consolidadas - escolhendo viver na cidade em oposição ao local distante para onde seriam reassentados. Sob o olhar antropológico, o projeto final do caso da Ponta do Leal não se mostrou um objeto condicionado pela cultura local, não se adequou ao modo de morar da população, impondo um modelo hegemônico habitacional, demonstrando um descaso à grande parte das reivindicações, apesar de ter acatado à algumas delas. Apesar do resultado final do projeto arquitetônico, sob o ponto de vista do direito à cidade a população se tornou agente da sua conquista, participando ativamente do processo de realocação. Em sua obra, Lefebvre coloca a participação como a autogestão por parte da população (LEFEBVRE, 2008). Para ele, a ação popular é imprescindível para a produção de uma cidade democrática, sendo necessária uma mudança do espaço urbano que seja gerida “de baixo para cima”, e não de forma contrária - impondo à população de baixa renda decisões que as concernem porém tomadas sem a consulta dela. De acordo com Alomar (ALOMAR, 2016) “Na cidade que Lefebvre imagina, a cidadania através das forças sociais e políticas organizadas, opera os meios de planejamento e tem um absoluto controle da produção do espaço urbano ao seu redor.” - e foi justamente a participação da comunidade no caso da Ponta do Leal que garantiu os seus direitos.



Figura 3 - Casas sobre palafitas e barco de pesca na Ponta do Leal. Fonte: Antônio Mafalda

Aluta pela permanência no local onde originalmente se estabeleceram pode ser entendida como um resultado da apropriação daquele espaço por parte da comunidade. Essa apropriação se dá a partir da vivência e das práticas sociais lá estabelecidas; das transformações espaciais, realizadas no caso em questão pelos próprios moradores; e da consolidação de dinâmicas e hábitos que consolidam o sentimento de pertencimento ao território edificado. A apropriação se pratica quando prevalece o valor de uso acima do valor de troca (LEFEBVRE, 2008, p. 139). Assim, cria-se o espaço urbano como obra, em detrimento ao espaço urbano como produto de consumo.

Lara Norões Albuquerque¹, graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, onde desenvolve pesquisas nas áreas de Gênero e Cidade e Habitação de Interesse Social e Direito à Cidade. Fez parte da coordenação do Encontro de Grupos PET da Região Sul - SulPET de 2017, evento interdisciplinar anual que visa a construção e manutenção do Programa de Educação Tutorial.

Camila Costa Curta¹, graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC. Foi bolsista e voluntária no Ateliê Modelo de Arquitetura, Escritório Modelo de Arquitetura da UFSC, onde desenvolveu projetos de extensão de cunho social através do método de projeção participativa. É

egressa e voluntária no Programa de Educação Tutorial - PET do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, onde desenvolve trabalhos de pesquisa nas áreas de Permacultura Urbana e Habitação de Interesse Social e Direito à Cidade.

²Professora do departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

II ENCONTRO INTERNACIONAL DE DESENHO URBANO. Mesa redonda 1 - O caso da Ponta do Leal. Disponível em: <<https://eidu2013.wordpress.com/2013/06/07/mesa-redonda-1-o-caso-da-ponta-do-leal/>> Acesso em 10 de novembro de 2016

ALOMAR, J; NUNES, A; SUGAI, M. Habitação de Interesse Social e Direito à Cidade: Disputas sociais pelo espaço urbano no Brasil e no Equador. Disponível em: <<http://www.anparq.org.br/dvd-enparq-4/SESSAO%2037/S37-01-ALOMAR,%20J;%20NUNES,%20A;%20SUGAI,%20M.pdf>> Acesso em 4 de novembro de 2016

BURGUIÈRE, Elsa; GHILARDI, Flávio Henrique; HUGUENIN, João Paulo Oliveira; KOKUDAI, Sandra; DA SILVA, Valério. Produção social da moradia no Brasil: Panorama recente e trilhas para práticas autogestionárias. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016

Jornal Zero. Xenofobia ergue muro entre nativos e migrantes enquanto acirra segregação cultural. Disponível em: <<https://medium.com/@zeroufsc/xenofobia-ergue-muro-entre-nativos-e-migrantes-enquanto-acirra-segrega%C3%A7%C3%A3o-cultural-87bc1cef4d8#.ndx00plou>> Acesso em 15 nov 2016

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. Itapevi, SP: Editora Nebli, 2016. 155p.

PEREIRA, R. Formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina (Brasil): gênese e transformações recentes. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13604/12471>> Acesso em 15 de novembro de 2016

RAMPAZZO, M. Resistência e protagonismo da comunidade de Ponta do Leal frente à política de habitação em Florianópolis. Florianópolis: 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/119606/285204.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 15 de novembro de 2016

Trincheira Virtual. A luta pela moradia em Florianópolis. Disponível em: <<https://pcbsc.wordpress.com/2012/01/21/a-luta-pela-moradia-em-florianopolis/>> Acesso em 15 de novembro de 2016



ENSAIOS TEXTUAIS

JARDIM FILTRANTE

A TECNOLOGIA QUE ESTÁ REVOLUCIONANDO O SANEAMENTO NO MUNDO

Lidando com o esgoto de uma forma mais inteligente

Danilo Noda Mariotto

Mas afinal, o que é Jardim Filtrante? Esta tecnologia se baseia na ideia de brejos, que nada mais são que áreas com um potencial de purificação de esgoto muito grande. Lógico que é proibido poluir brejos, então a ideia é simular a mágica que torna os brejos tão especiais. A ideia dos Jardins Filtrantes surgiu de uma prática de mais de 100 atrás, no qual algumas cidades que possuíam coleta de esgoto despejavam-no em brejos das proximidades. Claro que depois de alguns anos, esta prática se tornou inviável. É somente em 1950 que uma grande pesquisadora alemã chamada Dr. Käthe Seidel, iniciou trabalhos no Instituto Max Planck para desenvolver melhor a ideia de se utilizar brejos no tratamento de esgoto de forma mais segura.

Anos mais tarde, (em 1980), houve os primeiros relatos de trabalho com Jardim Filtrantes no Brasil. E somente nos anos de 2000, a tecnologia começa de fato

a ter um maior reconhecimento. Infelizmente, ainda temos muito o que evoluir no uso desta tecnologia no Brasil. Mas não perco as esperanças. Este é o futuro!

A tecnologia, desde então, começou a chamar atenção de alguns profissionais da área, já que ela possui diversas características atraentes. Para se ter uma ideia, a tecnologia desenvolveu tanto que hoje em dia temos diversas concepções diferentes de Jardim Filtrantes no qual cada uma consegue tratar esgoto de formas únicas, atingindo eficiências superiores até a tecnologias consideradas convencionais. Imagine criar jardins ornamentais dentro de cidades ou residências que ao mesmo tempo que são belos e agradáveis, também fornecem diversos produtos como adubos, flores, e matérias primas para artesanatos ou rações para animais. Não só isso, as vantagens desta tecnologia incluem uma operação muito mais simples, uma

facilidade que garante que qualquer pessoa possa construir em sua própria casa, e um custo muito competitivo com demais tecnologias.

Lógico que nem tudo é mil maravilhas. Quando há poluentes muito específicos, temos de utilizar tecnologias específicas também. O Jardim Filtrante pode ser utilizado para tratar alguns tipos de esgotos industriais, no entanto, ela é mais indicada para esgotos domiciliares.

A desvantagem desta tecnologia está no fato dela precisar de áreas muito grandes e de ser um desafio maior em locais muito inclinados. Como toda tecnologia, ela também tem uma vida útil (variando de 10 anos para mais dependendo de bons projetos) que de tempos em tempos precisa de uma manutenção básica. Mas nada que não possa ser resolvido com muita facilidade.

O potencial do Jardim Filtrantes no Brasil é ainda pouco explorado. Afinal, só fossa séptica não trata nem



um pouco o esgoto, e para devolver a água mais limpa para a natureza, precisamos de um chamego a mais. Quando falamos que todas as pessoas no Brasil têm o direito ao saneamento, esquecemos que muitos lugares afastados de áreas urbanas com maior infraestrutura, não estão tratando seu esgoto. Este é o caso de uma realidade massiva de pessoas que moram em bairros mais afastados, em favelas, no meio rural, ou até em pequenas cidades do interior.

É possível mudar a realidade de saneamento no Brasil, mas isto é uma tarefa de todos. Devemos zelar pela saúde de nossas águas, e isto pode ser mais simples do que se imagina. O Jardim Filtrante tem um papel muito importante para isto. Desde projetos pequenos a megalomaníacos.



Figura 1: Projeto Saneamento no Meio Rural, Arceburgo – MG

Figura 2: A Flor e a Borboleta, sistema de tratamento de esgoto em Koh Phi Phi

Referências Bibliográficas

- BRIX, H.; KOOTTATEP. T.; FRYD, O.; LAUGESEN, C. H. The flower and the butterfly constructed wetland system at Koh Phi Phi— System design and lessons learned during implementation and operation. *Ecological Engineering*. v.37, n.5, p.729-735, mai. 2011.
- KADLEC, R. H.; WALLACE, S. D. *Treatment Wetlands*. 2nd ed; CRC Press: Boca Raton, FL, 2009.
- SEZERINO, P. H.; BENTO, A. P.; DECEZARO, S. T.; MAGRI, M. E.; PHILIPPI, L. S. Experiência Brasileira com Wetlands Construídos Aplicados ao Tratamento de Águas Residuárias: Parâmetros de Projeto para Sistemas Horizontais. *Engenharia Ambiental*. Santa Catarina, v.20, n.1, p.1151-1158, jan/mar, 2015.
- VYMAZAL, J. *Constructed Wetlands for Wastewater Treatment: Five Decades of Experience*. *Environ. Sco. Technol.* n.46, p.61-69, 2011.

Danilo Noda Mariotto é engenheiro Ambiental e Sanitário formado pela Universidade Federal de Lavras



SANTIAGO DO CHILE

ARQUITETURA

MODERNIDADE APROPRIADA¹

Luis Fernando Campanella Rocha²

Foto por Maria Stella

As viagens de estudo são instrumentos importantes na formação de um arquiteto urbanista. Visam de maneira objetiva empreender visitas a obras fundamentais, cidades e conjuntos arquitetônicos válidos para a sua formação. Concorde com Lucio Costa em seus depoimentos: “arquitetura é coisa para ser vivida”².

A FAU PUC Campinas apoia, em seu Planejamento Pedagógico, viagens de estudo. Esta atitude é fundamental para transformar experiências em conhecimento que repercutirão durante a formação e estimular o hábito pela vida toda do aluno.

A escolha dos itinerários visa contemplar as questões mais importantes da arquitetura considerando contextos históricos, culturais e a capacidade de cada sociedade solucionar e se adaptar as condições do seu território. O Chile como roteiro de viagens é um desejo compartilhado por alunos e professoras em conhecer as condições da arquitetura Latino Americana e de suas relações com a arquitetura Brasileira. O Chile abriga em seu acervo de arquitetos o vencedor do prêmio Pritzker 2016, Alejandro Aravena e seus projetos a frente do escritório Elemental de vivendas sociais. A cidade

de Santiago tem uma paisagem urbana que mostra diversidade e contraste, como as espetaculares obras de Borja Huidobro, radicado durante os anos 70 na França e autor de projetos importantes com seu sócio Chemetov em Paris e Santiago.

A escola mais tradicional do Chile é a Pontifícia Universidade Católica de Santiago que mantém importantes relações com as fundações Ford e Rockefeller. Junto à Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Valparaíso e a Universidade do Chile são as maiores responsáveis por fomentar a cultura arquitetô-



Foto por Camila Godoi

nica e propaga-la ao mundo. As cidades de Santiago e Valparaíso constituem o roteiro escolhido. Nelas, grandes edifícios em porte e alta tecnologia convivem com a defesa do patrimônio.

Jeannet Plaut, arquiteta chilena, afirma que como na maioria dos países desenvolvidos³ o Chile concentra na sua capital a maior parte da riqueza nacional, tanto em termos econômicos como culturais. Situação que evidencia a diferença de tratamento entre a arquitetura na capital e no restante do país. Longe da capital emerge uma arquitetura sensível mais próxima das paisagens e natureza. Valparaíso, a cidade porto, foi declarada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO no ano 2003, graças a peculiaridade de suas soluções arquitetônicas que vencem a enorme declividade de seu sítio. Na diversidade da arquitetura chilena atual são importantes a simplicidade, a economia e o funcionalismo. Na área profissional convivem o pós-modernismo, eclétismo, racionalismo, modernis-

mo e a arquitetura modular.

Enrique Browne, José Cruz e Borja Huidobro são representantes do pós-modernismo; Cristián Boza pertence à corrente eclética; Fernándo Castillo Velasco e Emilio Duhart, que faleceu em 2006, são racionalistas; Mathias Klotz e Felipe Assadi representam o modernismo, e Alejandro Aravena forma parte da corrente modular. Assim como em outras áreas da cultura chilena a diversidade é a principal característica.

Os edifícios do palácio de La Moneda e da catedral de Santiago são obras do italiano Joaquín Toesca. São legados da arquitetura neoclássica do século XVIII, que marcou as pautas para o posterior desenvolvimento urbano da capital. Outro construtor estrangeiro que deixou sua marca no Chile foi o célebre engenheiro Gustave Eiffel, criador da Igreja de San Marcos, da Casa de la Gobernación e da Aduana de Arica⁴.

Na atual paisagem urbana convivem mansões neoclássicas, como a da Rua República que Jossué Smith

Solar levantou para a família Alessandri e hoje é o Departamento de Engenharia Industrial da Universidade do Chile, e edifícios vanguardistas localizados principalmente no setor leste da capital.

A maioria destas edificações está no bairro El Bosque. A pouca distância, no bairro El Golf, o edifício da empresa de Consórcio Nacional de Seguros chama a atenção, pois valoriza o final da quadra com seus acessos nas esquinas, sua fachada curva e seu jardim vertical. Outros projetos similares mudaram esse setor da cidade até transformá-lo em um novo centro financeiro.

Para outros setores e segmentos da sociedade, o arquiteto Alejandro Aravena desenvolveu novas opções de desenho, que significaram vários prêmios internacionais como o Marcus Prize for Architecture 2009 dado aos arquitetos emergentes pela Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

Atualmente, no Chile se está vivendo um processo de busca que relacione os

princípios e a estética da arquitetura com novas formas de compreender a profissão e a cidade contemporânea, sem deixar de se preocupar pela identidade e pelo patrimônio arquitetônico; o uso adequado da tecnologia permite edificar grandes torres em altura e volumetria original. Santiago e as principais cidades do país mostram ao visitante as obras de arquitetos chilenos que têm sabido ligar a história e a cultura ancestral com as novas técnicas, tendências e materiais.

Cecilia Puga, Mathias Klotz, Felipe Assadi, Smiljan Radic, José Cruz são alguns dos muitos nomes de arquitetos que imersos em seus trabalhos tornam a arquitetura chilena singular. Arquitetura recente chilena é o resultado de um conjunto equilibrado entre forças do passado e do presente.

A este cenário comen ta Hugo Segawa⁵ : O desafio para compreender a realidade chilena no panorama global da arquitetura contemporânea se encontra na história da pró-

pria arquitetura que em seu estado atual representa a evolução assim como também das várias maneiras de pensar e construir. Desde que Le Corbusier⁶ projetou a Casa Errázuriz na costa do Pacífico, que este longo e estreito país tem sido lugar de experimentações que aproxima a arquitetura vernacular e outras de caráter moderno. A arquitetura chilena se transformou em um campo para concepções do tipo construtivista com ênfase nas tecnologias locais, muitas vezes de baixa qualidade, resultando uma maneira de repensar os significados da construção e a relação da arquitetura, paisagem e território.

O trabalho de todos estes profissionais é investigativo e concentra alto índice de qualidade nos detalhes, valorização do patrimônio, desenho em nível altíssimo e acertos na contemporaneidade.

Materialmente falando, madeira, concreto e pe-

dra são o que melhor reflete esta arquitetura. Precisão tecnológica de acordo com os meios contemporâneos de que dispõem junto a uma certa tradição moderna, compõem novas e originais soluções de arquitetura.

Mochilas prontas, temos um bellissimo acervo arquitetônico a frente, que a distância entre Brasil e Chile nos aproxime. Viagens são estímulos criativos, saímos de nosso ambiente rotineiro e enfrentamos com olhares curiosos e transformadores para tudo a nossa volta. Bagagem carregada de experiências, com certeza voltaremos diferentes!!!!

¹Galiano, Luis Fernandez Galiano crítico espanhol de arquitetura sobre a produção chilena contemporânea de arquitetura.

²COSTA, Lúcio. Arquitetura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 2,

³Plaut, Jeannette. Pulso: Latino Arquitectonico. Santiago, 2009. Pg 18/19

⁴<http://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/arquitetura-do-chile>

⁵Segawa, Hugo. Architectura Viva CHILE Numero 85

⁶Le Corbusier viajou o mundo inteiro ao longo de sua carreira. Seu profundo interesse pelo planejamento urbano e consciência social fez com que se voltasse para os países em desenvolvimento. Foi graças ao trabalho executado nestes países que suas idéias mais avançadas, referentes à adaptabilidade da arquitetura ao clima e a necessidade de casas populares, puderam frutificar e ser mais prontamente absorvidas.

Luis Fernando Campanella Rocha é professor da Graduação em Arquitetura e Urbanismo da PUCC, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela PUCC e responsável pela viagem guiada para o Chile em Maio de 2017.

As fotos são das alunas Maria Stella Angote e Camila Godoi, estudantes do 4º ano de Arquitetura e Urbanismo da PUCC, presentes na viagem.



ONDE ESTÃO AS **MULHERES** ARQUITETAS?



Victor dos Santos

Na segunda semana do mês de Maio, no Centro Cultural de São Paulo, foi realizado o Seminário Internacional com o tema “Onde estão as mulheres arquitetas?”, que buscou trazer a real importância e reconhecimento das mulheres na arquitetura. Durante o evento ocorreram rodas de conversas, apresen-

tações de coletivos, palestras e um workshop baseado em um ateliê, em que os alunos de algumas faculdades convidadas tiveram a oportunidade de realizar um projeto de intervenção no local do seminário, contando com a assessoria de professores internacionais como Maria Andrea Tápia, PhD em projeto

de espaço ambiental na Universidade de Sassari e Despina Stratigakos, autora do livro “Where Are the Women Architects?“, cujo o título foi aderido como tema do seminário. Esse rol de feitos gerou importantes discussões e temas que deveriam ser desenvolvidos nas faculdades e na sociedade como meio de reparar e demonstrar o valor



STATUS DAS MULHERES NA ARQUITETURA

A condição da mulher na sociedade é enfrentada e discutida há muito tempo, em razão de serem posicionadas como um membro frágil e inferior aos homens. Como exemplo, o decreto de 1377 da Universidade de Bolonha expressa a desvalorização do conhecimento da mulher: "Desde que a mulher é a primeira razão do pecado, a arma do diabo, a causa da expulsão do homem do Paraíso e a destruição da antiga lei, como consequência, devemos evitar a todo o comércio com ela, defendemos e proibimos expressamente que qualquer pessoa permita entrar uma mulher, seja ela qual for, mesmo a mais honesta nesta universidade". (Traduzido do original; em espanhol)

Aos poucos, as universidades foram aceitando o ingresso de mulheres, mas ainda com certas restrições como a exigência de que elas fossem extraordinárias, ou seja, que obtivessem um grande conhecimento.

Já no campo da arquitetura, durante o século IX, havia ainda uma forte resistência das mulheres para profissão, uma vez que alguns estudos abordavam a existência de limitações no seu físico e no seu cognitivo, isto é, diziam que a arquitetura poderia trazer riscos a sua saúde, como a esterilidade, e que sua força, por maior que fosse, seria insuficiente para conduzir uma obra.

Além disso eram iden-

tificadas por suas vestimentas, obrigadas ao uso de calças e botas para proteção e para que não fosse mostrado o corpo feminino. O projeto de uma arquiteta era também questionado; relatavam que se preocupavam mais com os detalhes do que com o todo e que portanto deveriam se designar a algo mais interno, como a disposição dos móveis em uma residência, o que chamamos nos dias de hoje, de design de interiores.

Logo, esse histórico teve reflexo no salário e prestígio das mulheres que até hoje sofrem com essa diferença salarial e de protagonismo. No caso da arquitetura, um estudo realizado nos Estados Unidos, retrata que as arquitetas ganham 20% a menos que os arquitetos, mesmo com o aumento de 12% no número de arquitetas entre 2000-2015.

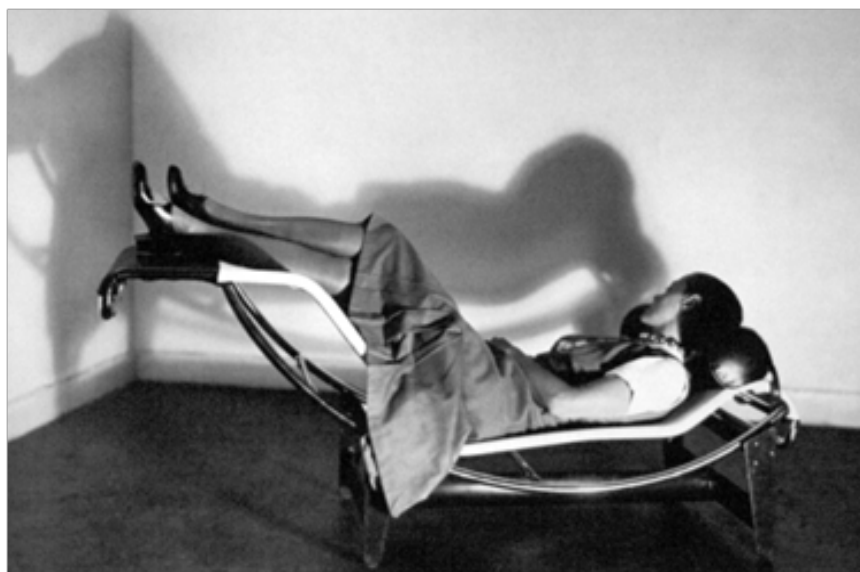
O número de alunas na arquitetura também expandiu, mas o corpo docente não aumentou concomitantemente, principalmente na disciplina de Projeto, na qual

ainda há um grande protagonismo de homens. Um outro estudo, apontado pela professora Maria Andrea, ainda cita que 40% de graduados em arquitetura no mundo ocidental são mulheres, porém apenas 12% são registrados como praticantes da carreira.

REPARAÇÃO HISTÓRICA

Com a desvalorização das mulheres na sociedade e o ingresso na universidade, as mulheres que conseguiam fazer o curso de arquitetura, na vida profissional enfrentavam mais um problema, o protagonismo. Ana Gabriela Godinho, professora da FAU Mackenzie, realizou uma pesquisa, afim de encontrar arquitetas que estavam perdidas na história.

Usando algumas técnicas ela encontrou dezenas de nomes, por exemplo, a de observar os nomes abreviados. A Biblioteca Nacional da Argentina apresentava nos livros os nomes dos seguintes arquitetos: Clorindo Testa, Francisco Bullrich, A. Ca-



Charlotte, 1928

zzaniga. Assim eram escritos os nomes dos três arquitetos que realizaram em conjunto o edifício, porém como observado o último nome aparece abreviado e não escrito por extenso como os outros, não nos revelando se é um homem ou uma mulher. No caso, e como na maioria, de acordo com a pesquisa, o nome se refere a uma mulher, Alice. Alice Cazzaniga. Portanto, quando um projeto tinha a participação de uma arquiteta seu nome era abreviado ou nem ao menos mencionado.

Outro exemplo mais recente, se refere a Chaise-longue, um ícone do modernismo, desenvolvida a partir das curvas naturais do corpo humano enquanto parece estar flutuando por cima de seu suporte, que é totalmente referenciada a Le Corbusier, mas que quando foi projetada, trabalhavam juntos Pierre Jeanneret e Charlotte Perriand. Ao que tudo indica, Le Corbusier não desenvolveu essa obra sozinho, já que Charlotte era formada em arquitetura e designer e a Chaise teve como referencial o tamanho do seu corpo, como demonstra abaixo a foto tirada por Pierre.

Logo, a falta de reconhecimento pelas arquitetas as tiram de um patamar que deveria ser delas, além de que o reconhecimento do projeto implica em remuneração e outras oportunidades de trabalho. Não ao acaso, mas quando se traz algum repertório em sala de aula, os nomes mencionados são em sua grande maioria de arqui-

tetas, enquanto as arquitetas mencionadas são somente as mais conhecidas e que obtêm repercussão. Portanto, reparar a história é fundamental para a valorização das arquitetas, e isso pode ser feito a partir de pesquisas, levando para as aulas de história e projeto nomes de arquitetas, além dos coletivos, que detém o papel de introduzir os ideais das mulheres nas universidades.

EXISTE UMA ARQUITETURA FEMININA?

Esta pergunta foi feita em umas das rodas de conversas do seminário, a qual tinha o objetivo de reconhecer se deveria existir uma arquitetura para as mulheres e se existe uma arquitetura de arquitetas.

O primeiro questionamento foi visto como algo que é necessário, já que as mulheres ainda continuam vulneráveis à cidade. Trazer um território de confiança é, de certo modo, trazer uma maior proteção. Portanto, pode-se pensar uma arquitetura específica, mas lembrando que uma cidade deve servir para todos.

Porém, esse projeto voltado para o olhar da mulher, não necessariamente precisa ser feito por uma arquiteta, pois como disse a professora Ana Gabriela Godinho: “Uma arquiteta competente projetará uma indústria automotiva não como mulher, mas como profissional. Podemos dizer o mesmo de um homem pensando uma escola infantil. Esses profissionais lidam

com os aspectos femininos e masculinos à medida que a obra pede”. Há ainda uma defesa por equipes mistas, pois a multiplicidade de olhares tem como resultado um trabalho mais qualificado.

Victor dos Santos Souza é estudante do 2º ano de Arquitetura e Urbanismo da PUC

UTOPIA SUBJETIVA

Lucas Benatti

Utopia Subjetiva é a materialização de uma utopia não ideal, sem associar-se a uma *antiutopia* que trilhasse um percurso distópico. Comprometida mais com a abertura do que com o estreitamento, a série de colagens da visualidade a projeções imaginárias que baseiam-se no real, mas que habitam justamente esse “não-espaco”, o lugar de encontro da experiência com a fantasia. Residindo nesse campo de suspensão entre o ontem e o amanhã, passado e futuro, na impossibilidade de materialização de uma utopia, dialoga com a memória, os

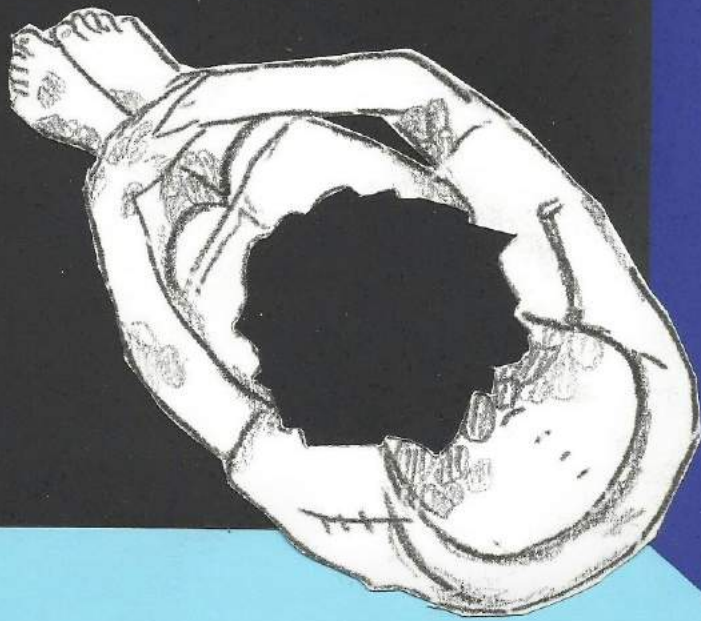
afetos recebidos e decodificados, as experiências, mas aponta para a fantasia, enquanto fachada da memória, como uma nova configuração visual construída pela *realidade-sujeito*. Nesse aspecto, a escolha da colagem como linguagem artística não é gratuita, a partir da sobreposição de camadas, do (re) ordenamento, alcança-se a possibilidade de visualizar a obra acabada, antes da obra estar acabada, tornando-se, desta forma, uma das poucas linguagens que possibilitam uma projeção do futuro, a partir da estrutura do passado, sobre o presente.

Artista e graduando do curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá; Membro do projeto "Desenvolvimento cultural por meio da arte - Universidade Sem Fronteiras", UEM. Representante do eixo Artes Visuais; Bolsista PIBIC - CNPq/FA com o projeto "O discurso do corpo feminino na performance *Lovely Babies* de Márcia X." (2015-2016); Membro do Grupo de Pesquisa Discursividades, Cultura, Mídia e Arte – GPDISCMÍDIA (2015-2016); Participou do projeto de pesquisa docente, Mídia, Urbano, Arte e Cultura em Discurso / CNPq (2015-2016).

✉ lucas-benatti@outlook.com

📷 @artebenatti

<https://lucas-benatti.wixsite.com/arte>



TETO

Gabriela Montefusco

Perto de Cubatão existe uma comunidade que se chama Vila dos pescadores, uma faixa de terra que o restante da cidade insiste em ignorar, por ser cortada pela linha de trem, diversos córregos e o mangue. Um local insalubre, apertado, perigoso, esquecido e invisível.

Os moradores lutam contra a escassez de trabalho, contra a guerra travada entre polícia e tráfico, contra a falta de escolas públicas, contra as diversas doenças de um lugar onde não há nenhum saneamento básico e contra o próprio mar que inunda e leva as precárias moradias.

Vila dos Pescadores, minha primeira ação junto ao TETO, lá pude aprender tanta coisa em apenas 6 dias, uma experiência maravilhosa



Coleta TETO

que tive a honra de participar, e digo isso porque até agora, dois anos depois, reverberam dentro de mim imagens, palavras e sentimentos que surgiram.

Em meio ao caos social que vivemos, conheci duas famílias que se permitiram sair da zona de conforto e enfrentar o desconhecido, acreditaram em um grupo de jovens para derrubar sua casa na espera que venham fazer seu novo lar. Nada disso seria possível sem a coragem e a esperança dessas pessoas, que precisam do

reconhecimento e oportunidades, serem vistas como transformadoras da realidade.

Depois de quase uma semana deixei meus pré-julgamentos de lado, aquela visão que a televisão passa da favela, e aprendi a admirar; como ser tão feliz enfrentando tantas dificuldades ou como ajudar o vizinho com o pouco que tem. Ensinaamentos tanto sobre a vida como sobre mim, porque minha barreira foi desfeita, a gênese de um ser. Não poderia voltar a minha rotina, meu confortá-

vel lar e esquecer tudo visto e vivido e achar que é normal.

“Começou, não para” é o grito de guerra do TETO, embalada por essa energia participei da ECO (Escutando Comunidades) na Vila Nova Esperança, que possui como objetivo traçar o perfil socioeconômico dentro da comunidade para servir de apoio para futuros trabalhos e a Coleta, a ação em que os jovens vão para a rua denunciar a violação do direito de 11 milhões de pessoas e arrecadar recursos para financiar os projetos.



Construção na Itatiaia

Gabriela Montefusco é estudante de Arquitetura e Urbanismo, do 7º semestre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, participante do TETO Brasil (Julho 2015 – Atual) - estudo da área, mobilização, arrecadação e construção de moradias de emergência para as comunidades: Vila dos pescadores – Cubatão/SP, Vila Nova Esperança – São Paulo/SP e Itatiaia – Campinas/SP.

Instituto ELOS – Minha casa minha vida (Janeiro de 2017 – Fevereiro de 2017)

Vivência e mutirão para construção de uma área de lazer para o Residencial Sirius – Campinas/SP

EFEITO COLATERAL

Marcela Ferro Agulhão

Ele saiu sem olhar para trás. Eu fiquei ali, espiando pela porta entreaberta, se haveria um último olhar, aquele olhar das pessoas que vão, mas não querem ir, aquele olhar que deixa um pouquinho da pessoa que olha para junto da que fica, aquele olhar já cheio de saudades. Pois esse olhar, esse olhar não houve. Ele apenas caminhou em direção ao portão e foi. Eu fiquei. Fechei a porta e me virei para a sala. Minhas roupas não estavam em meu corpo, mas jogadas pelo chão e pelo sofá. Empurrei uma peça para poder me sentar, dessa vez sozinha. O tecido do sofá ainda estava quente e impregnado pelo seu cheiro. A sala estava com o seu cheiro, a casa toda estava com o seu cheiro, a minha pele estava. Eu estava impregnada dele, de seu suor, de sua saliva, de seus fluidos. Estava suja, me sentia suja, me sentia usada, me sentia abandonada, como me senti nas outras vezes. Fechei os olhos. Pude sentir suas mãos e sua respiração ofegante e seu corpo que me tocava. Fechei os olhos assim como ele fazia quan-

do estava comigo. Fechei os olhos para não ver que eu estava sozinha. Tudo ficou escuro, como a noite lá fora. A luz do abajur, que tingia a sala de amarelo alaranjado do pôr do sol foi-se escurecendo e apagou, completo negro. A cor vinhosa do sofá e dos restos de bebida nas taças sobre a mesa também escureceram. A música que eu havia escolhido para embalar nossos movimentos foi sumindo, diminuindo, e eu só podia ouvir a respiração dele, na pele arrepiada da minha nuca. Ainda podia senti-lo. Eu não era apaixonada por ele, mas quando ele vinha, ah, quando ele vinha, me sentia apaixonada. Sentia que queria olhar para sempre seu rosto, sua boca, seu corpo. As noites quentes com ele eram como em filmes, como em séries de TV, nos quais os personagens tem vidas interessantes e animadas, e não tediosas, como a minha. As noites com ele eram lembranças gostosas, suaves e lascivas, ao mesmo tempo. E havia pensado tanto nele nos últimos dias, em como seu corpo é perfeito, e perfeito para o meu e para me fazer sentir

extasiada. Quando lembrava dele a vontade vinha, a ansiedade inundava tudo, e meu pensamento, meu corpo e meus sentidos ficavam tomados por ele. E nada mais fazia sentido, apenas a pressa em vê-lo. Era inteiro bonito, inteiro quente. Eu tremia e me arrepiava e o imaginava na minha cama, na minha boca, na minha pele. Mas quando acabava, ele ia e o doce delicioso da ansiedade e do encontro logo se transformavam no amargo do abandono. Ele caminhava para longe e se esquecia de onde esteve, do meu corpo. E ia, e ia, e não voltava. Como quem caminha num deserto e só volta para a casa quando tem sede. Voltava e matava a sua sede. E saía novamente. Eu abri os olhos devagar, como quem não quer acordar para abandonar o sonho bom e feliz que se sonha e que tira o sonhador da realidade assustadora. Eu passaria a noite toda com ele naquele sofá, a semana toda, se ele quisesse, com o doce. Mas ele não quis. Levantei-me devagar e olhei em direção a varanda, onde podia avistar a lua cheia no alto do céu, clara, branca, iluminava a noite escura, sozinha, fria. Pesada, comecei a pegar as minhas roupas, que ele havia tirado, delicada e ferozmente, e jogado no chão. Lentamente, coloquei as cadeiras em seus lugares corretos, que ele havia arrastado; sentei no sofá, que ele havia esquentado com nossos corpos; apoiei a cabeça entre minhas mãos, respirei, respirei

fundo e levantei; levei para a cozinha as taças, a garrafa e a toalha, em que ele havia derrubado bebida; me arrastei; juntei o lixo da sala, que ele havia sujado. Abaixei a música que tocava, a que ele havia sugerido. Senti de novo o gosto amargo em minha boca, o gosto sujo, a sensação de estar sozinha, do abandono. Ele deixava marcas toda vez que vinha, marcas que demoravam a passar. Depois que ele vinha, eu tinha que arrumar a casa e o coração. E arrumar essa sensação de abandono que ele causava. Sensação de que eu estava imersa numa neblina amarga e pegajosa e branca, que me prendia e dificultava meus movimentos, e não me deixava fluir e viver, e me sujava. A neblina me arrastou para a cama. Havia esquecido de desligar a música, que estava baixa, tocava longe. Meu corpo na cama estava inerte, não me mexia. Era estanha essa reviravolta que acontecia em mim por causa dele, esse seu efeito colateral de droga. Primeiro a euforia e ansiedade indescritível e maravilhosas, que me faziam querer viver e sorrir e sentir e davam certeza de que a vida valia a pena. Depois o abandono, solidão, tristeza, exaustão. Era sempre assim, todas as suas visitas me deixavam clara, brilhante, para depois me sujar da neblina branca, pegajosa e amarga. E embora essa parte dele ficasse comigo, ele nunca olhava para trás quando saía, para não ver o amargo no qual me jogava.

UM PEQUENO CONTO DE HALLOWEEN

Júlia B. Gurgel

Vagava pelo cemitério. Encontrei uma garotinha ao lado do pinheiro. A menininha devia ter quantos? Uns 6, 7 anos? O que ela estaria fazendo ali essa hora da noite? Estaria perdida? Rezando por alguém? Muito estranho. Resolvi me aproximar. “Ei, o que faz aqui?” perguntei. Ela se virou. Não tinha percebido o quão pequenina era, e agora conseguia ver seus hipnotizantes olhos azuis e seus cabelos pretos. “Vim enterar meus sentimentos” dizia ela. “Mas porque garotinha? Qual é seu nome?” indaguei. Ela me lembrava de alguém que conhecia a algum tempo atrás, só não conseguia me lembrar quem. Ela parecia não me escutar. Virou-se e começou a cavar. “Pare, não pode cavar aqui! É proibido, está nas regras do cemitério!” E fui em sua direção. Minha mão atravessou seu ombro e ela parou. Arrepiou-me o corpo todo. Ela inclina a cabeça e me observa. Preparei-me para correr, quando ela disse “Mortos não precisam de sentimentos, precisam?”.

A menina começou a tremer o corpo todo e a emitir sons irreconhecíveis. Paralisei-me de medo. Obriguei minhas pernas a se mexerem e meu corpo a se movimentar para a porta de saída do cemitério mais próxima. Porta 1, trancada. Consegui ouvir passos de pés que quebravam galhos secos caídos no chão. Punha-me a correr novamente. Porta 2, trancada. Eu mesmo que era o vigia não lembrava que tinha trancado todas essas portas. Chaves. Eu tinha as chaves! Coloquei as mãos nos meus bolsos e encontrei-as. Procurei freneticamente a que se encaixa nessa fechadura. Continuava ouvindo passos. Estavam chegando perto. Mais passos que quebram galhos e vindo em minha direção. Ouvia vozes por trás da cabeça. As chaves caíam.

Mais galhos quebravam-se, porém, agora estes faziam barulhos mais altos, como se fossem ossos que se quebravam. “Assassino”, as vozes repetiam. Ossos quebrando, como os que quebrei

uma vez. Não, mais de uma vez. “Assassino”. Essa palavra entrava na minha cabeça e me lembrava daquela noite. “Não fiz por querer!”. “Assassino”. Estávamos bêbados. Eu e mais dois amigos resolvemos brincar pelas ruas com cabos de ferro que encontramos no chão, estavam lá por causa de um acidente de carro. “Não sou assassino!” gritei para as vozes. Já era tarde demais, meu corpo foi encoberto pelo preto, sentia pessoas me tocando, gritando, mas não via nada.

A polícia chegou ao cemitério ao nascer do sol e encontrou um corpo retorcido ao lado de um pinheiro. Vizinhos preocupados haviam dito que ouviram gritos entre as duas e as três da madrugada. Um homem fora morto. “Já é o terceiro dessa noite. Vamos levá-lo junto com os outros dois” disse um dos policiais.

Júlia Gurgel, 5º Semestre, estudante de Arquitetura e Urbanismo da PUC



Alice Pereira Carlos

Crise dos vinte

Voo até a lua
broto em todas manhãs
mergulho em mim mesma
o tempo cresce
e eu continuo precoce

Sei como é a solidão e
o contrário dela também
fumo um cigarro enquanto
a voz do chico e os vinte vêm
ele canta tão empolgado
mas será que esse canto
diz o que ele sente assim tão bem?

isso não é uma autobiografia
muito menos daquelas que
nas bancas se vendem

Homens na esquina
e eu na janela
eles sabem que apesar de você
o vento ainda vai e vem?

Eu sou oceano, amor
afogo, transbordo
Serás que não mergulha?
Ou achas que sou assim
cristalina e transparente?

Abisme-se amor
aqui há escuridão, não nego,
mas será que nunca andou pela
noite escura?
Há beleza lá, não há?!
Há seres desconhecidos
e sentimentos a serem descobertos.

Permita-se, amor
não existe mistério além daquele no
fundo
do coração
Mas sabe bem quem ele é
Só não prova da euforia que é
Sentir o ardente das profundezas,

Entendes, amor?
Não há enigmas
onde já mergulhou
nos resquícios
daquele mar.

Eu o amo
Estou sozinha, eu sei
Navego no mar que transbordo
Siga para onde haja terra firme!
É o que me dizem..
Mas volta e meia dou meia volta
E naufrago novamente neste teu amar
sombrio
Tuas ondas são turbulentas e eu não
tenho
forças para mergulhar
Eu fico dançando
E este teu oceano é o meu palco
Eu rodopio
Eu tropeço
Eu me afogo
Me desculpe,
eu não sou um pé de valsa.

Como pássaros voadores de nós mes-
mos
procuramos a liberdade em outros ni-
nhos,
habitamos e construímos outros ninhos.

Entregamos nossos ramos ao vento,
nossos tijolos às ruínas
Viramos reféns de uma utopia
sobre habitar corpos alheios

Sem abrir
mão das
próprias asas.

serás jardineiro
de meus espinhos ou
somente de minhas pétalas?

Alice Pereira Carlos estudante de Letras na Universida-
de Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2º período. Voluntá-
ria no Projeto de Extensão "Cinema Francês em Deba-
te" e integrante do grupo de autores da Revista Oblívio
- projeto da Faculdade de Comunicação da UFJF.

LIGA DE BATERIAS PUCCAMP



Elisa Barroso
Rodrigo Roda

Ensaio, ensaio e mais ensaio, essa é a rotina dos ritmistas das baterias universitárias que buscam se aprimorar cada vez mais. O principal motivo é que as baterias dentro das universidades, vêm passando por diversas transformações e buscando cada vez mais o aprimoramento técnico no modo de tocar os diferentes instrumentos e em seus diferentes ritmos, tudo isso porque as baterias são responsáveis pelas torcidas nos jogos, apresentações em festas, campeonatos, inters e em eventos. Dentro desse panorama e tendo conhecimento de todas as dificuldades enfrentadas pelas baterias da PUC-Campinas, surgiu no início do ano de 2017 a “Liga das baterias Puccamp”, formada entre as 9 baterias da

universidade sendo elas dos cursos e centros de: Arquitetura, Comunicação, Direito, Engenharias, FACECA (contendo os cursos de Ciências econômicas, ciências administrativas e contábeis), Fisioterapia, Medicina, Odontologia e Psicologia. O objetivo dessa liga é dar maior suporte e estrutura com um projeto de auto-ajuda, fortalecendo os laços entre as baterias das diferentes áreas do conhecimento. Isso se dá através de ensaios integrados, workshops sobre os instrumentos, futuros desafios internos entre as baterias da PUC-Campinas, a fim de aumentar o incentivo entre os ritmistas, assim como futuras festas gerais para descontrair e aproximar ainda mais os integrantes. A Liga de Bateria Puccamp bebe da fonte da

LNBU (Liga Nacional de Baterias Universitárias), criada em 2010, principal responsável por representar e organizar competições de baterias universitárias em todo o País.

Os alunos do 4o ano de Arquitetura e Urbanismo da PUC, Elisa Barroso, ritmista, e Rodrigo Roda, ex-ritmista da bateria FAUCatruz, escrevem uma nota de agradecimento referente as grandes mudanças que a bateria passou nos últimos anos:

“Há 4 anos, nos foi apresentada, pelos nossos queridos veteranos essa família que desde o ano passado agora tem nome, FAUCatruz. E desde então, muitos desafios vieram no caminho. Alguns dos nossos familiares acabaram acompanhando de longe, mas sempre presentes. Muita gente ainda julga



e argumenta que fazer parte de Bateria Universitária é sinônimo de perda de tempo, e acrescentam que a Bateria muitas vezes não é um compromisso que se deve ter na Faculdade. Sendo assim, evidenciamos e agradecemos imensamente a todos que ajudaram a construir essa história até o momento, e gratos, afirmamos que a FAUcatruz hoje é uma FAMÍLIA. Isso tudo foi possível através de um dos fatores essenciais do ser humano: a MÚSICA. Responsável por nos sensibilizar em muitas experiências e momentos dessa vida. Não é novidade que por ser curso integral, a FAU consome muito do nosso tempo e da nossa vida. Porém, não tem nada melhor do que encontrar outros ritmistas, exercitar algo tão gostoso e relaxante

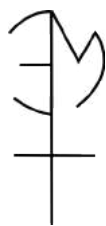
que é a música. O que mais aprendemos nessa família foi principalmente a forma como apoiamos e incentivamos uns aos outros, visto que nenhum instrumento se faz sozinho! E nesses 4 anos tivemos muitas conquistas: aumentamos os números de ensaios, sacrificamos alguns finais de semana de descanso, aumentamos nosso repertório, tocamos em eventos beneficentes, festas da Atlética, e a maior conquista: foi apresentar na formatura da turma 38! Hoje, a maioria da bateria é formada por alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos, e, em nosso nome, Elisa Barroso e do Rodrigo Roda, somos muito gratos a todos vocês por confiarem e consolidarem cada vez mais um sonho de 4 anos atrás. A FAUcatruz é uma fa-

mília graças à vocês! E temos a certeza de que cada vez mais essa família crescerá cada vez mais. Deixamos aqui o nosso agradecimento aos nossos veteranos que nos apresentaram essa família e a todos que hoje fazem parte dela! Gratidão, em especial pela FAUcatruz.”

Elisa Barroso estudante 4º ano de Arquitetura e Urbanismo da PUCC ritmista da FAUcatruz desde 2014

Rodrigo Roda estudante 4º ano de Arquitetura e Urbanismo da PUCC, ex-ritmista e mestre da bateria FAUcatruz de 2014 a Janeiro de 2017.

EMPODERE ARQUITETAS



Julia Gurgel

Foi logo após uma aula de Direitos Humanos, numa sexta-feira, que um grupo de amigas se juntou e começou a discutir sobre o movimento feminista na faculdade. Até que pararam e pensaram que não existia um coletivo na FAU, e como isso era ruim, porque não havia esse tipo de discussão entre os alunos da faculdade, que são, em sua maioria, mulheres.

Assim, surgiu o coletivo Empodere Arquitetas no primeiro semestre de 2016; simples e com poucas integrantes. Suas reuniões se davam no cemitério da FAU, um espaço que garantia a visibilidade das pessoas que passavam e que era um ponto de encontro nos intervalos do grupo de amigas.

Conforme se davam as reuniões, se tornou cada

NA FAU SÓ TEM VIADO E
MULHERZINHA



vez mais evidente a importância desse tipo de debate, visto que foram compartilhadas situações que aconteciam com todas as meninas na faculdade, no dia a dia, mas que não eram discutidas anteriormente por falta de um espaço para que essas questões pudessem ser apresentadas.

Demorou um pouco, mas o coletivo cresceu – e continua crescendo. O primeiro ato significativo, que realmente mostrou a presença do coletivo e a intolerância de machismos na faculdade, foi quando colocamos frases que ouvimos no nosso cotidiano dentro da faculdade nas paredes da FAU, o que causou um desconforto geral e gerou discussões entre os alunos. Logo após, fizemos uma reunião com a finalidade de apresentar o coletivo para todas as pessoas da faculdade.

A partir desse momento, definimos o dia da nossa reunião semanal e um calendário de eventos para seguirmos todos os anos. Um dos eventos mais significativos e importantes para nós foi o “Almoço Rosa”. Nessa reunião, diferente das outras, realizamos um lanche solidário: trouxemos doces e salgadinhos preferencialmente de cor rosa, e ouvimos depoimentos de uma psicóloga conhecida de uma das meninas do coletivo, que convive com o câncer de mama. Além disso, recebemos uma carta da mãe de outra menina do coletivo contando sua experiência.

Ainda em 2016, criamos o “Terça da Arquiteta”,



Primeira Reunião



Almoço rosa

SEI QUE É DIFÍCIL PRA VOCÊS MENINAS
ENTENDEREM COMO FUNCIONA, MAS
VOU EXPLICAR DE NOVO.



VAI DE DECOTE QUE O PROFESSOR
TE DÁ UMA NOTA BOA.



MAQUETARIA NÃO É LUGAR DE MULHER.



que consistia em toda terça-feira colarmos cartazes e postá-los na página do facebook do coletivo, contando a história e mostrando alguns trabalhos de arquitetas, inspirado no trabalho do grupo “Arquitetas Invisíveis”.¹

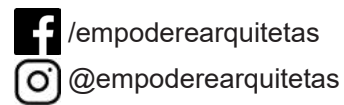
No início de 2017, o Empodere Arquitetas começou suas atividades nas festas e no primeiro dia do trote da FAU, garantindo a segurança das calouras enquanto participavam das brincadeiras comuns, barrando possíveis tentativas de assédio. Posteriormente, o grupo realizou outras reuniões, em princípio apresentando oficialmente o coletivo para todos os calouros. Em outra reunião aberta, preservativos masculinos e femininos foram entregues para iniciar a discussão sobre como prevenir doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) mais comuns.

No Bixow (evento tradicional da FAU), as integrantes do coletivo foram identificadas com uma faixa cor de rosa no braço, tanto no evento dentro da faculdade, quanto na festa posterior à ele, com a intenção de, assim como na semana do trote, garantir a segurança de todas.

A reunião sobre Anorexia e Bulimia contou com o depoimento de uma aluna, a qual compartilhou sua história sobre suas patologias, o que gerou debates entre os alunos.

Por fim, ainda temos outros eventos agendados para esse ano, e contamos com a presença de vocês. Nossas redes sociais² estão abertas para receber denún-

cias anônimas de assédios ou ações relacionadas dos alunos e funcionários da FAU. “Enquanto a profissão da arquitetura discriminar a mulher, o restante da sociedade irá objetificá-la através da imagem da arquitetura”³.



COLETIVO FEMINISTA?
LEGAL, MENINAS SE UNINDO PRA DAR
DOR DE CABEÇA PROS HOMENS.



VAI DE DECOTE QUE O PROFESSOR
TE DÁ UMA NOTA BOA.



- 1.Site: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/> e Página do Facebook: <https://www.facebook.com/arquitetasinvisiveis>
- 3.HOSEY, Lance. “Sexism Is Alive and Well in Architecture”. 13/07/2015.

Júlia Gurgel, 5º Semestre, estudante de Arquitetura e Urbanismo da PUC

JOSÉ MAYER E OS OUTROS MACHISMOS

Juliana Gesuelli Meirelles

O caso de assédio do ator global José Mayer teve imensa repercussão dentro e fora das redes sociais. A coragem da figurinista Su Tonami em denunciá-lo é louvável, sobretudo em uma sociedade machista que mata mulheres simplesmente por serem mulheres. Tivemos dois casos hediondos essa semana.

O estupro e assassinato da estudante da Unicamp Sandy Andrade, 21 anos, ocorrido na cidade de Limeira-SP e quase decapitação da fisioterapeuta Tássia Mirella Sena de Araújo, 28 anos, de Recife-PE são provas da crueldade cabal que a desigualdade de gênero pode causar quando não discutida e combatida.

Para deixar a situação ainda mais crítica, o Minis-

tério da Educação retirou da Base Curricular dois temas centrais para a consolidação de uma sociedade igualitária que se pretende democrática: a identidade de gênero e a orientação sexual. Segundo o Jornal Folha de São Paulo (06/04/2017:

“O recuo ocorreu após divulgar a jornalistas uma versão prévia do documento que servirá como referência sobre o que deve ser ensinado em todas as escolas públicas e privadas do país”.

Hoje, direitos humanos, igualdade e democracia são artigos de luxo que parecem estar cada dia mais distante do nosso horizonte. Correto?

Não! Quanto mais retrocessos, mais a sociedade brasileira se mobiliza na luta

para manutenção de seus direitos. Um dos grandes problemas é que toda essa resistência não aparece na mídia tradicional. E é justamente aí que a mídia alternativa e as redes sociais devem atuar para combater toda e qualquer misoginia.

Mas ainda temos um longo caminho a percorrer no combate ao machismo e na consolidação dos feminismos, que fundamentalmente lutam pela igualdade entre os gêneros e é contra todas as formas de opressão exercidas sobre as mulheres.

A opressão começa quando um homem tem um tom de voz mais alto e subestima a capacidade feminina em todos os campos da vida. O crime começa quando um homem ameaça uma mulher

com tapa ou aperto do braço, restringe o uso de suas roupas tentando definir a identidade da “sua mulher” ou das mulheres que fazem parte do “seu círculo” de convivência. Esse é o início da escalada contra consolidação da formação identitária feminina livre de pré-julgamentos. Atualmente, as mulheres buscam a criação de seus múltiplos espaços de atuação na sociedade, seja no universo público ou privado da família. Isto é novo e incomoda o status quo que não aceita passivamente o questionamento da tradição.

O mundo pós-moderno em que vivemos é construído pelas desconstruções. A quem se destina os novos olhares e lugares? Certamente, a sujeitos com identidades bem complexas que lutam pela conquista de espaços. Dentre eles estão às mulheres com suas infinitas matizes, desejos e ações.

O que os homens precisam começar a entender e a vivenciar é que qualquer tentativa de enquadramento do outro que viole o direito fundamental à posse de si é crime contra a humanidade. Ninguém pertence a ninguém. Cada um pertence a si próprio e nisso inclui-se a posse do seu corpo. Aquele que ousar desrespeitar o universo sagrado do corpo feminino deve responder pelos seus atos e assumir as consequências, independentemente do grau de suas ações. José Mayer já começa a sentir na pele a resistência aos seus atos. Para ele e para todos os outros, lá vai o recado: NÃO TEM MAS... !

FONTES

<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/aluna-da-unicamp-morta-em-limeira-pode-ter-sido-confundida-com-outra-jovem-diz-policia-civil.ghtml>

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vidaurbana/2017/04/06/interna_vidaurbana,697921/vizinho-de-fisioterapeuta-e-autuado-em-flagrante-por-assassinato.shtml

Juliana Gesuelli Meirelles é jornalista pela PUC-Campinas e doutora em História pela Unicamp. Atualmente é docente do Curso de Biblioteconomia da PUC-Campinas.



TRABALHOS

FLOATING ARTISAN SCHOOL

Projeto vencedor do concurso *Venice: Artisan School* - realizado pela Archicontest

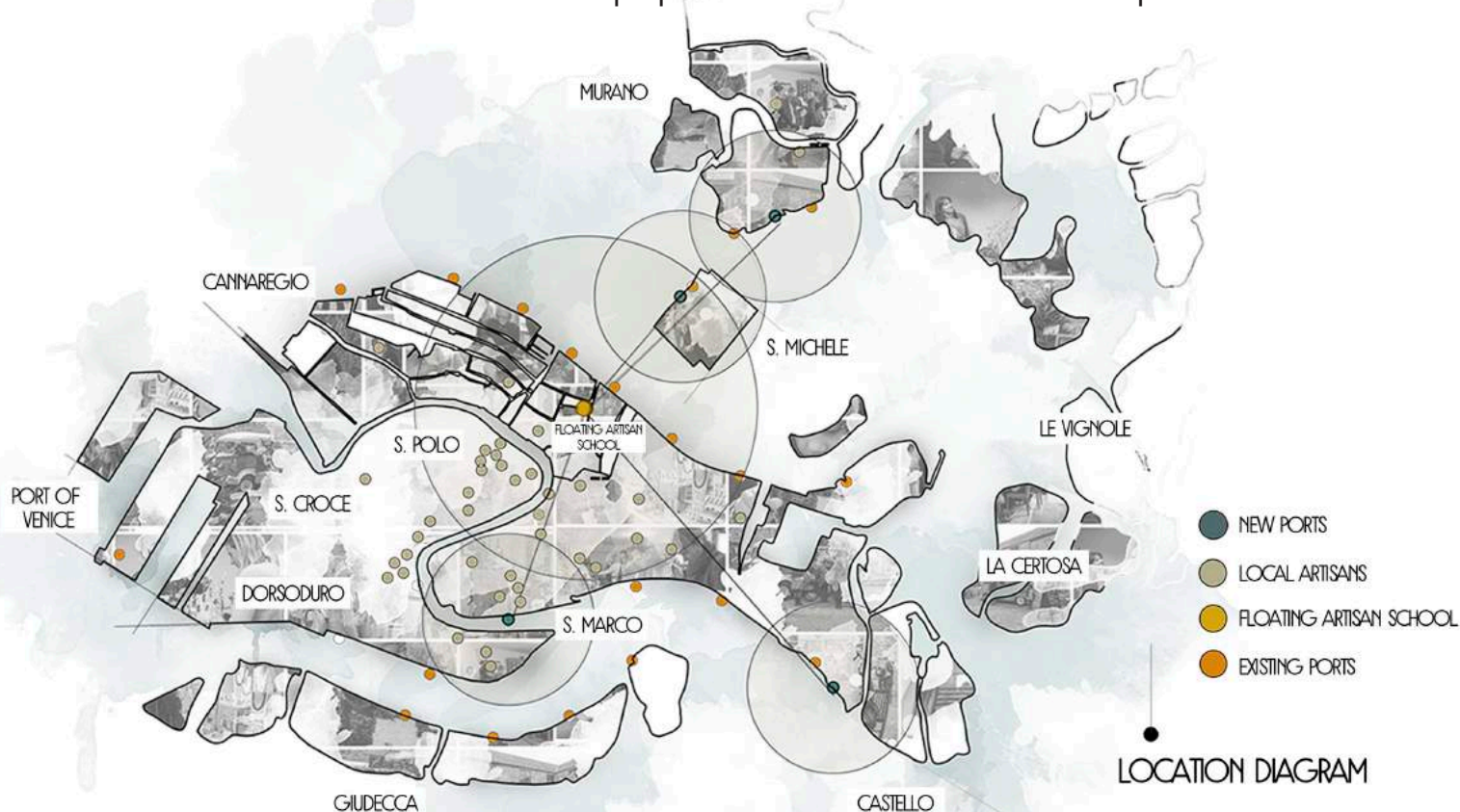
Djuly Duarte Valdo, Letícia Sitta, Marina Nallin Violin, Raissa Gattera e Thais de Freitas

“Eu penso em escola como um ambiente onde se é bom aprender. As escolas começaram com um homem embaixo de uma árvore, que não sabia que era professor, discutindo suas percepções com uns poucos que não sabiam que eram alunos.” disse Louis Kahn, em 1960. Mesmo naquela década, ele já podia ver a falha no sistema educacional vigente: “As escolas são boas para serem vistas, mas são superficiais em arquitetura porque elas não respeitam o espírito do homem embaixo da árvore.”

Outro problema são as esquecidas corporações de ofício: a tradição criada pelas mãos dos artesãos locais, a qual está se perdendo no tempo. Baseado neste cenário, o papel desta nova arquitetura é repensar a maneira como arquitetos projetam escolas, para quem elas são projetadas e qual seu propósito na sociedade. Como, através deste novo sistema, poderia ser possível disseminar o artesanato.

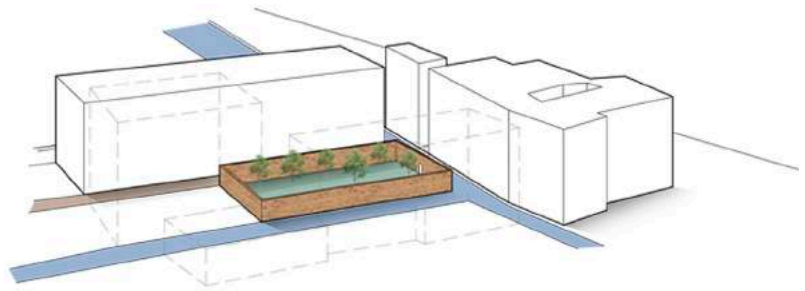
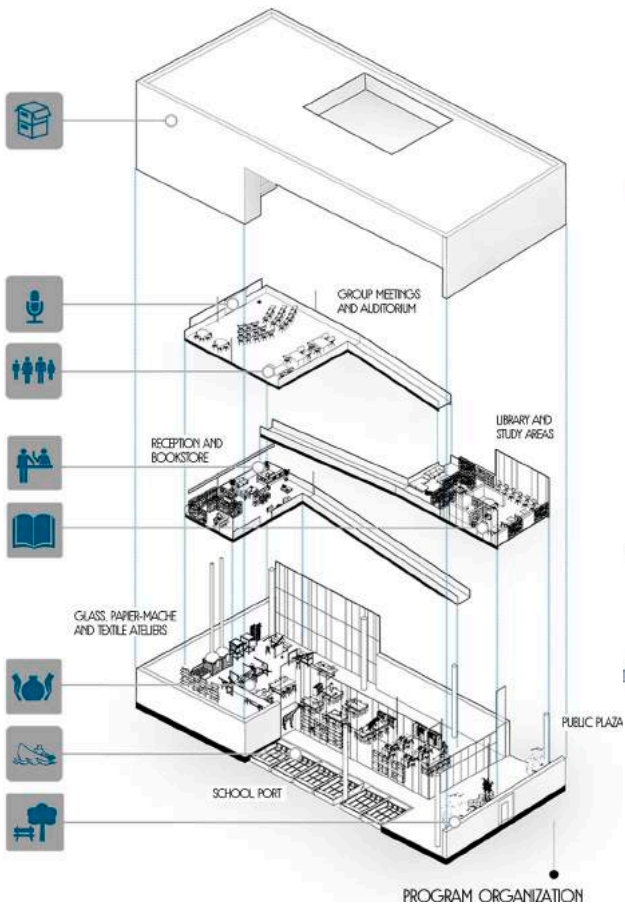
Desta forma, a “Floating Artisan School” trás uma nova proposta: uma escola

que usa os canais de Veneza como um meio de conexão. É através da água, o principal elemento da cidade, que o artesanato é disseminado. Portanto, para expandir a importância deste sistema educacional, a escola é desenhada para levar as salas de aula para diferentes lugares da cidade, providenciando experiências únicas. Além da base principal, com todos os ateliers e áreas de suporte, classes de aula em barcos flutuantes são localizadas no porto da escola, por onde eles irão sair para se conectar



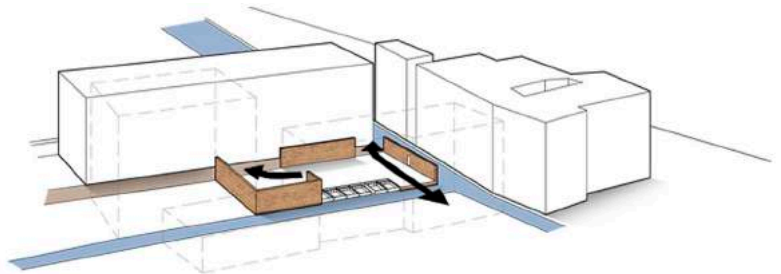
com outras bases menores em diferentes pontos da ilha. Uma releitura de uma antiga Ágora Grega ou ainda uma classe de aula menor podem ser exemplos de programas para estes novos portos que, associados com os pontos existentes dos artesãos locais, podem contribuir para a troca de conhecimento entre estudantes e artesãos.

O artesanato precisa ser visto e ser experimentado, uma vez que é o coração



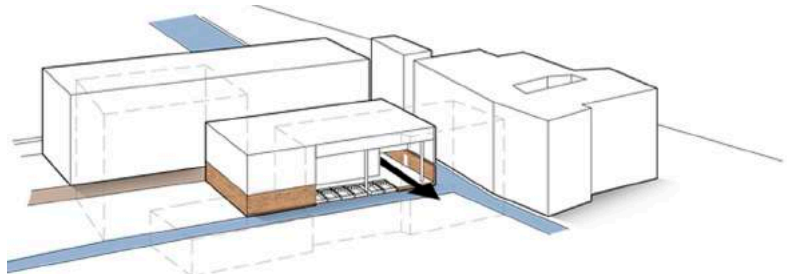
THE PROJECT AREA IS SURROUNDED BY WALLS.

THE PRE-EXISTENT



THE REMAINING WALLS DEFINE THE MAIN ENTRANCE OF THE BUILDING AND THE PORT FOR THE SCHOOL.

WHAT REMAINS



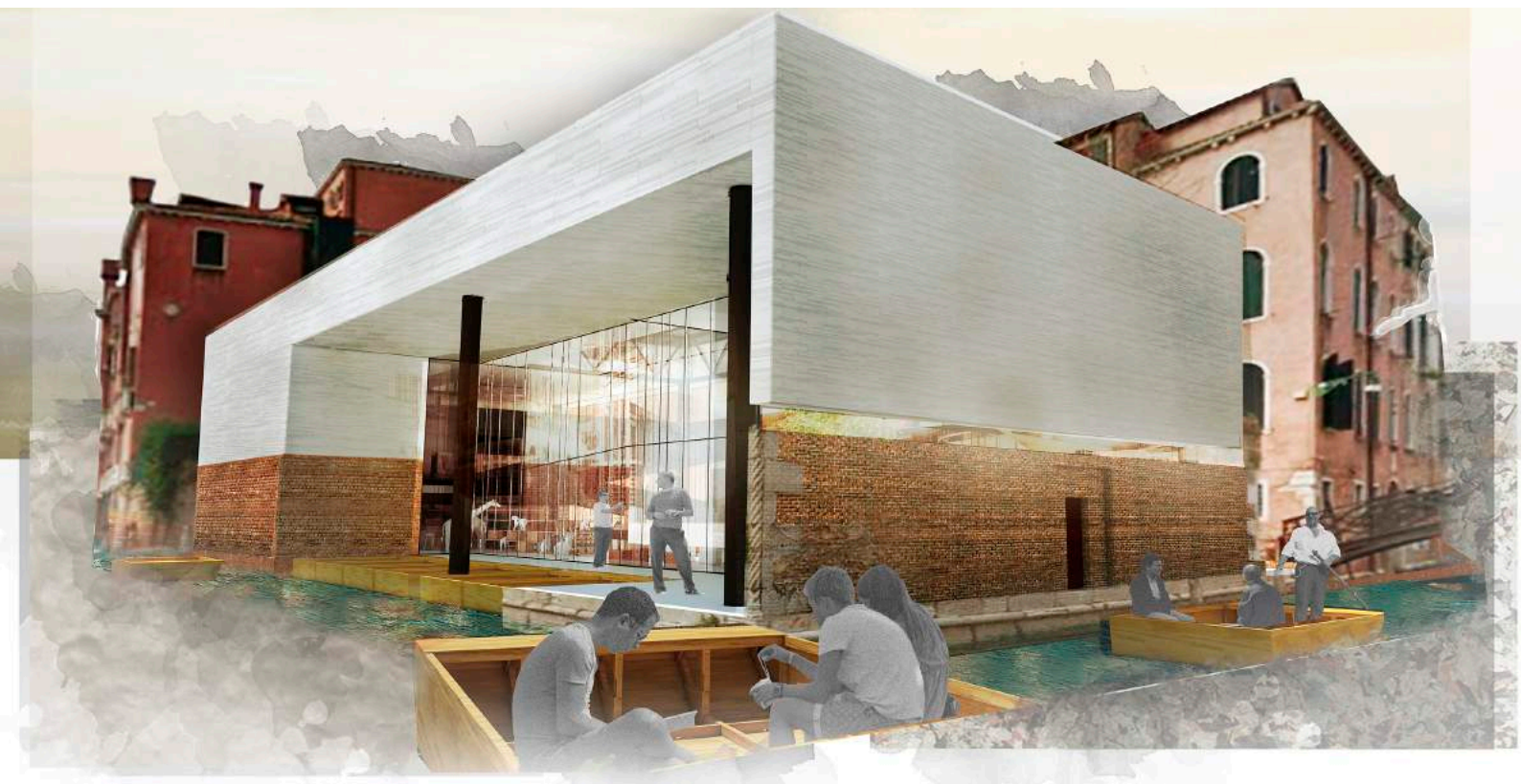
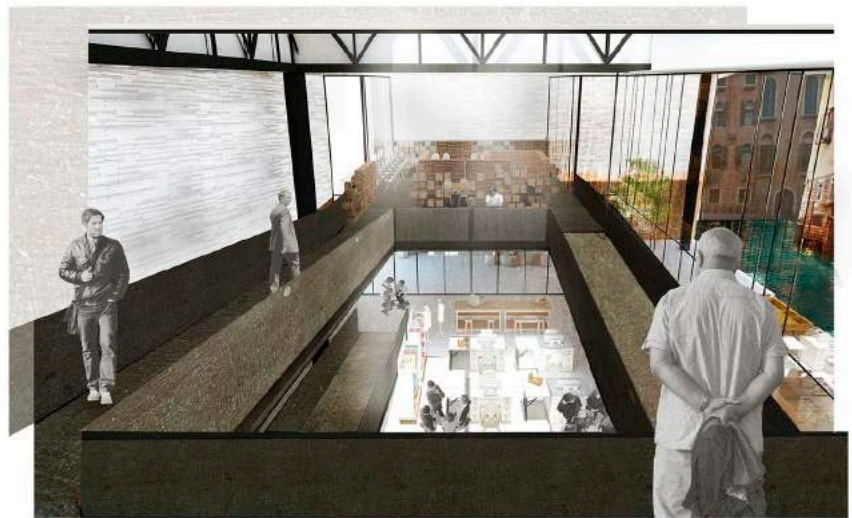
THE REMAINING ENTRANCE IS AN OPEN PLAZA FOR STUDENTS AND VISITANTS WHICH CONNECTS THE ACCESS OF THE STREET WITH THE ACCESS THROUGH WATER.

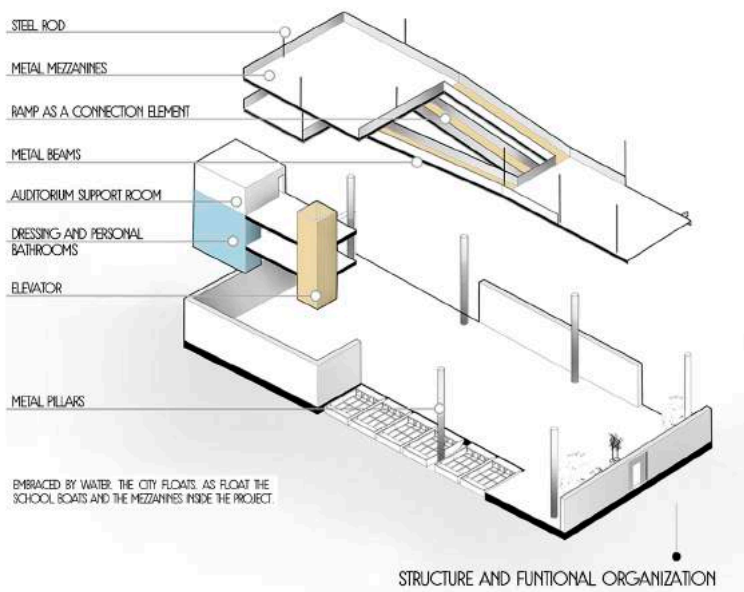
PROPOSAL



do projeto, assim como o coração da cidade. Na entrada principal, uma praça pública recebe os estudantes e visitantes, providenciando um espaço para interação social e exposições. Continuando o circuito, com o propósito de exaltar a principal atividade do edifício, estão os ateliês, localizados no espaço mais visível e privilegiado: o térreo. Assim, a produção dos artesãos pode ser observada através do painel de vidro por todos que estão passando por perto. Os ateliers são projetados tendo como base a interação e a troca de conhecimento e o resultado é um espaço de trabalho sem uma segregação física. O processo do aprendizado não acontece apenas entre estudante-professor, mas também entre estudante-estudante e estudante-visitante.

O projeto todo é enla-





çado por rampas, permitindo acessibilidade, visibilidade e interação. Enquanto estudantes podem ter acesso direto aos ateliers, visitantes são guiados diretamente do térreo para o primeiro mezanino, onde a recepção e a livraria são localizadas. O segundo mezanino é dedicado à biblioteca e áreas de estudo e também é projetado com um layout livre. O mesmo procede no último mezanino, dedicado à grupos de encontros e ao auditório. Por fim, acima do auditório há um espaço para armazenamento de mercadorias e utensílios, os quais podem ser transportados por uma plataforma elevatória. Todos esses programas são envoltos por uma estrutura nova composta por elementos metálicos, garantindo reversibilidade além de permitir uma construção rápida e fácil. Além disso, o uso da estrutura metálica tem o propósito de ser um gesto de reforçar as tradições locais de construção enfatizando a contrariedade entre a nova intervenção e o ambiente existente.

Assim, o projeto propõe um layout baseado em espaços abertos, interações e intercâmbio de conhecimento, refletindo o verdadeiro “espírito do homem embaixo da árvore”. Os barcos e os portos ao longo da cidade ajudam a disseminar cultura e história, mantendo viva a importante tradição do artesanato em Veneza.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Jardim Santa Genebra

Disciplina de Projeto E da FAUPUCC - 3º ano

Letícia Taverna Papa

Jaynefer Guilhen

Maria Stella Angote dos Santos

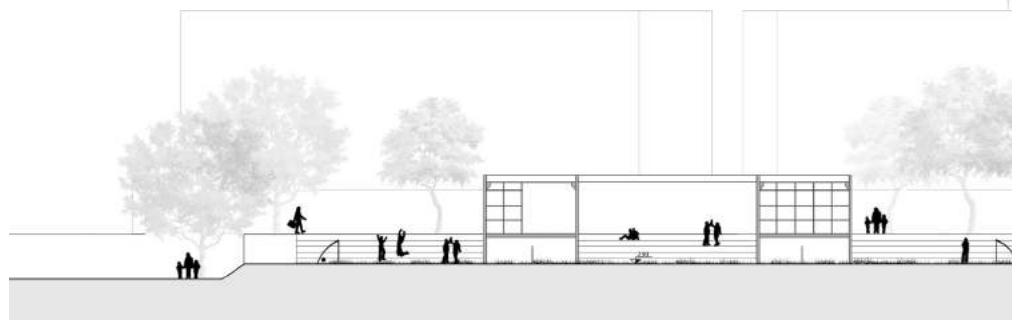
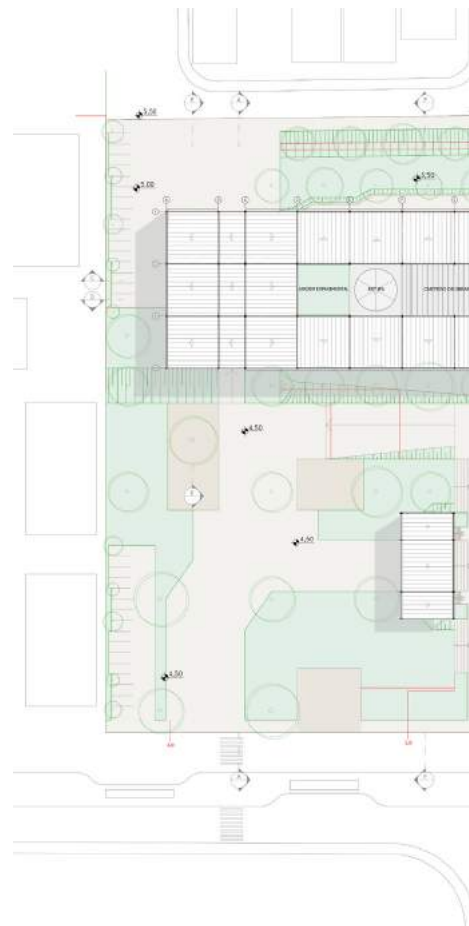


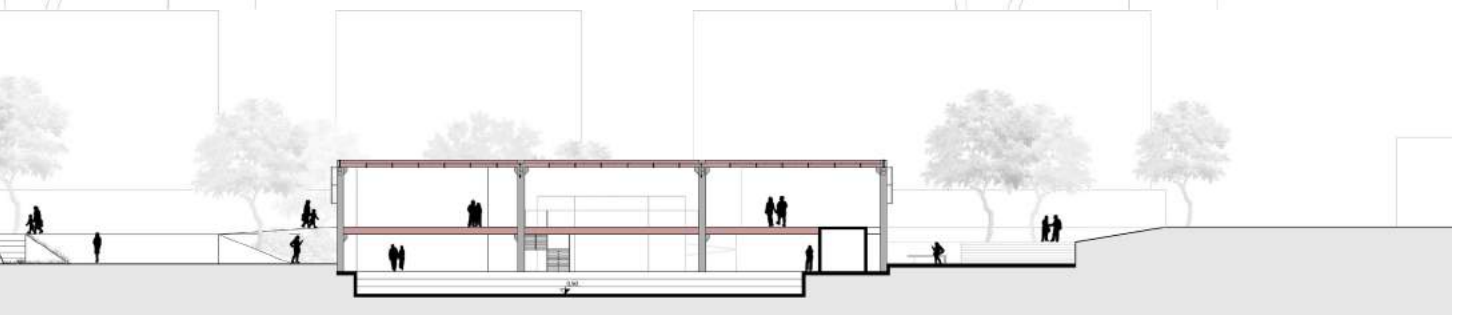
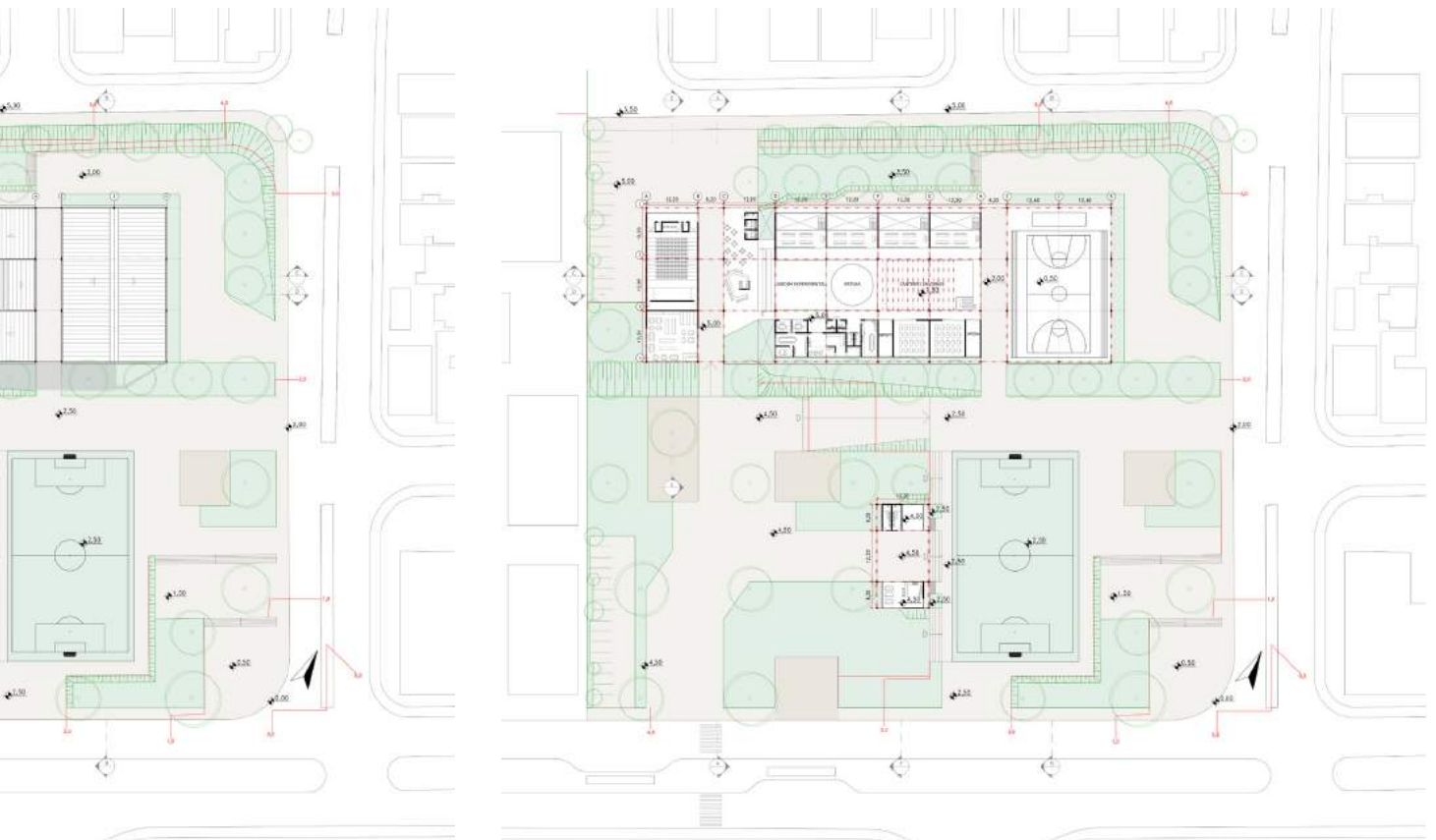
O desenvolvimento do projeto de uma Escola de Educação Profissional no bairro Jardim Santa Genebra é parte de um Plano de Reabilitação Urbana, que visa a qualificação da área a partir de sua vocação como centralidade de bairro. A implantação de um equipamento educacional, juntamente com equipamentos sociais valoriza o potencial da área, garante a qualificação do espaço público e enfatiza o caráter central da área como forma de associação comunitária dos próprios moradores.

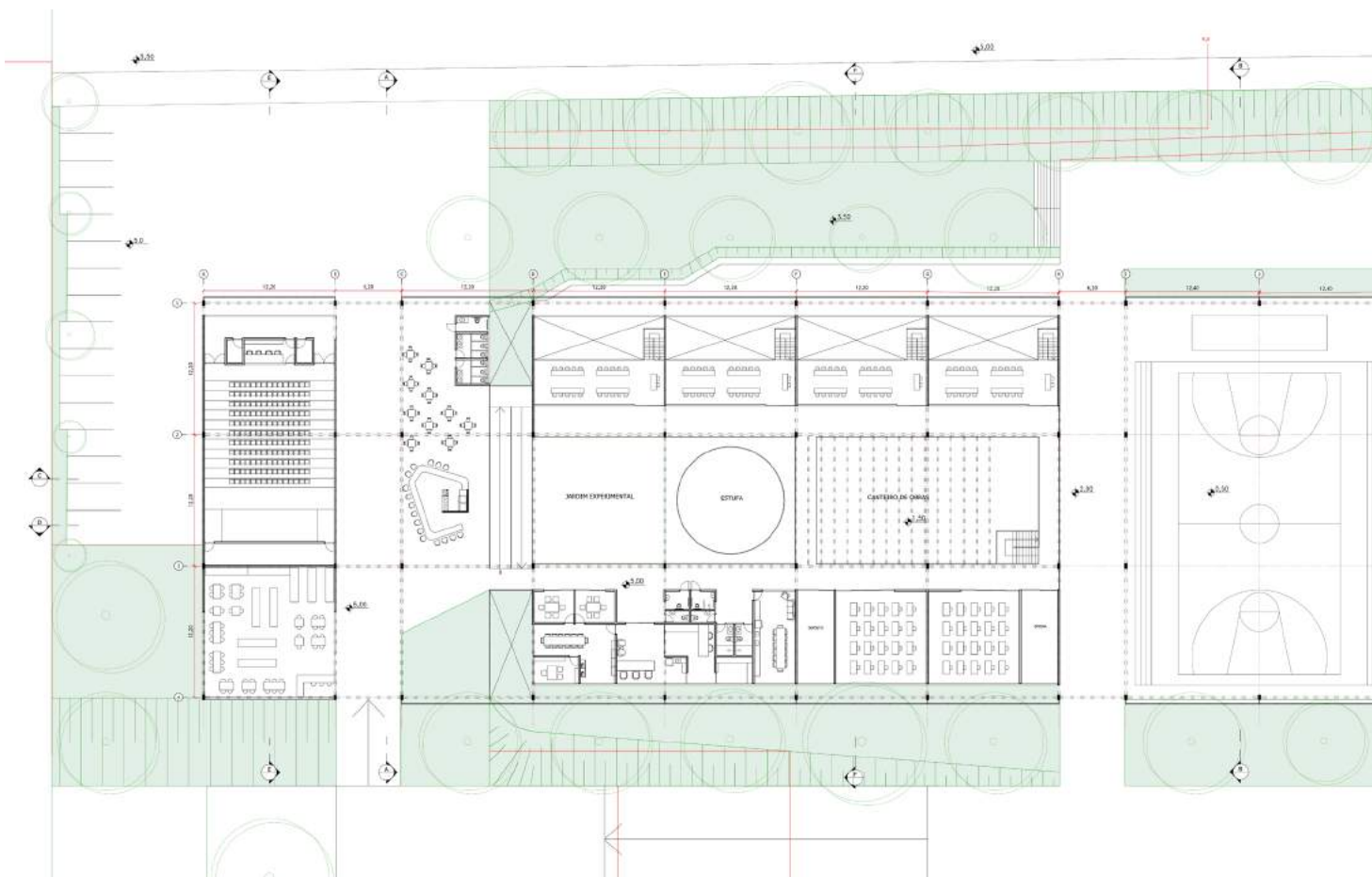
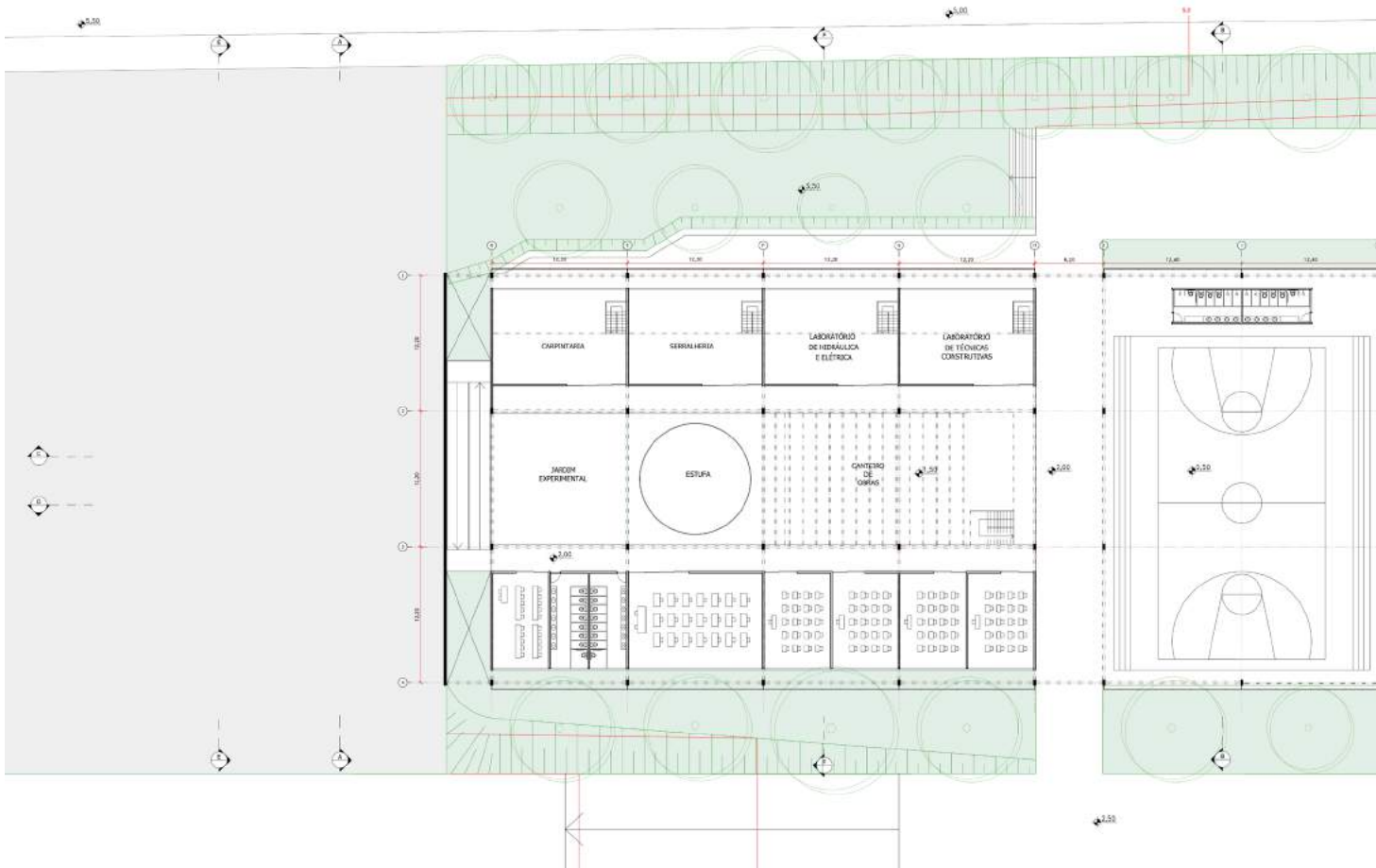
A partir do levantamento e estudo da área, foi possível identificar que, atualmente o quarteirão se divide em duas grandes áreas definidas pela topografia e também pela presença de muros

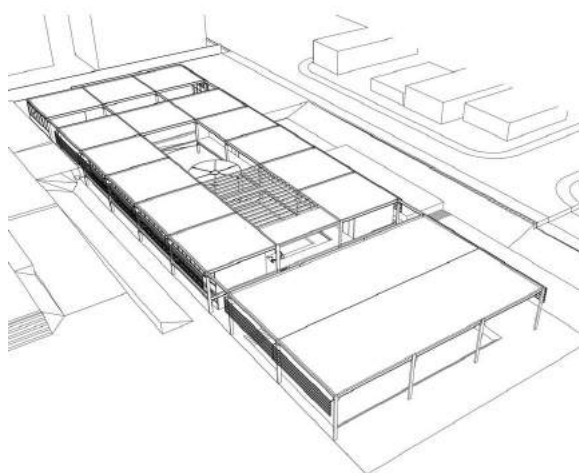
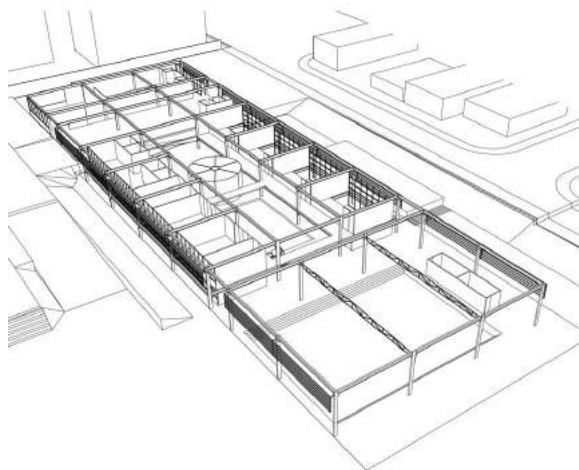
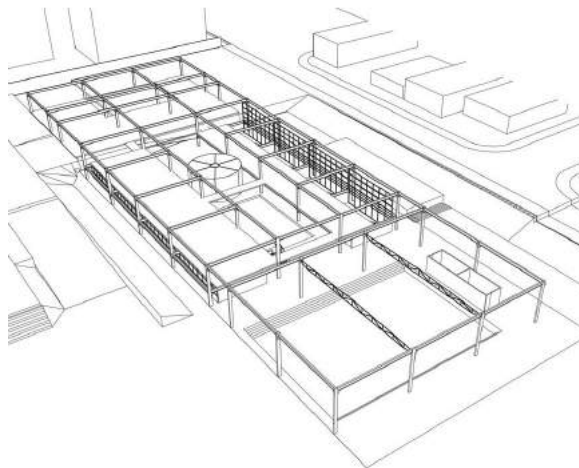
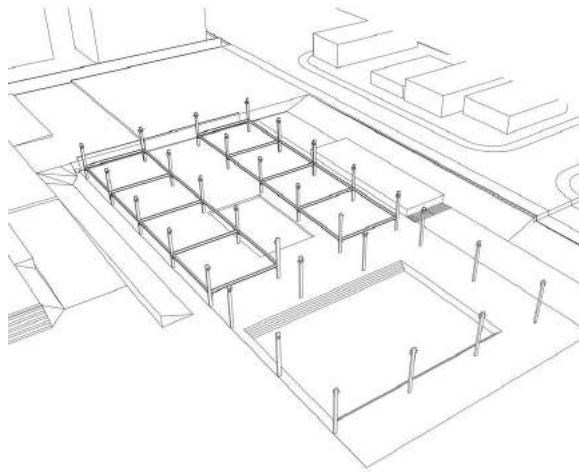
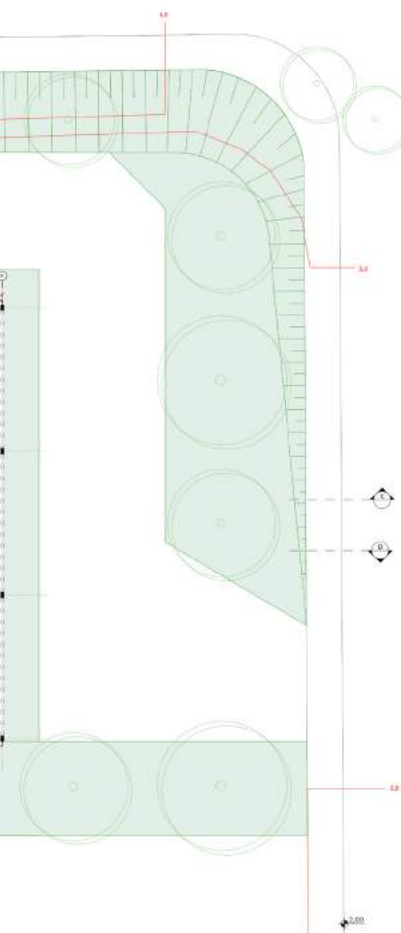
e grades, que como uma barreira, dificultam a visibilidade e integração entre os níveis. O partido definido pelo grupo parte da proposta de associação dos espaços, com o intuito de dissolver o impacto do desnível da área a partir da integração entre os níveis realizada pelo próprio volume educacional, evitando uma completa movimentação do terreno.

A Escola de Educação Profissionalizante apresenta-se como um volume único e









contínuo, implantado de forma longitudinal sobre o terreno. O edifício configura-se em função dos seus vazios, que estruturam os espaços internos de acordo com o programa definido. As áreas de uso coletivo, como o pátio e o canteiro de obras, ocupam o centro do volume, evidenciadas pela presença da iluminação natural. A circulação horizontal e vertical está sempre associada a esses espaços coletivos, garantindo um percurso com visão das áreas de maior destaque para escola.

Os laboratórios, as salas de aula e ateliês também estão associados ao canteiro de obras, de maneira que o conhecimento possa ser adquirido com base na teoria, prática e observação dos diferentes métodos construtivos estudados no canteiro.

A proposta do edifício busca traduzir através da sua própria estrutura o sistema construtivo composto por diferentes materiais, aço e concreto. A especificidade de cada material também é evidenciada por diferentes cores, que facilitam a compreensão da lógica construtiva.

O projeto, além da Escola de Educação profissional, engloba equipamentos como centro comunitário, áreas esportivas, espaço destinado às feiras típicas da região, hortas, lazer, permanência, cultura e contemplação do local com qualidade paisagística e diversidade de usos, qualificando o espaço livre público e coletivo, para que tenha um uso efetivo da população.

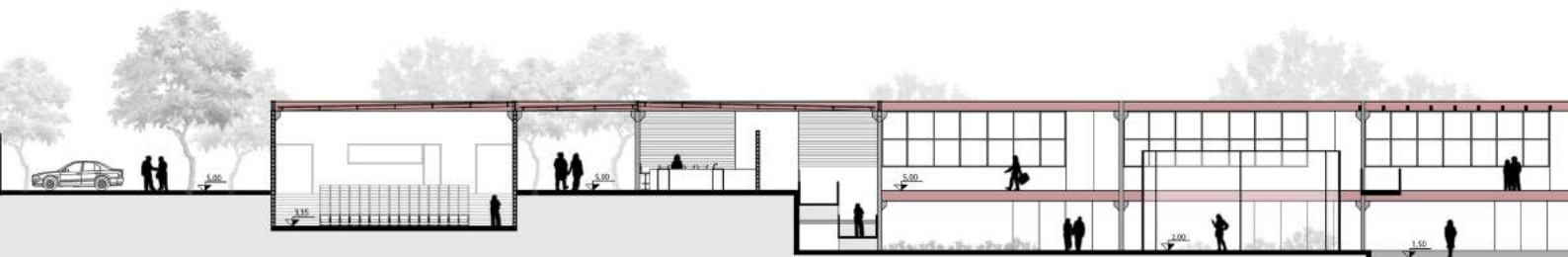


Para promover a integração entre o ambiente educativo e a praça em que está inserido, surge a ideia de refletir os ensinamentos obtidos pelos estudantes da escola técnica a toda a população do bairro, de forma que

o ambiente educacional não fique restrito apenas ao volume edificado.

A implantação de um equipamento educacional, juntamente com equipamentos sociais valoriza o potencial da área, garante a qua-

lificação do espaço público e enfatiza o caráter central da área como forma de associação comunitária dos próprios moradores.





Jaynefer Guilhen, Letícia Taverna Papa e Maria Stella Angote dos Santos são estudantes de Arquitetura e Urbanismo, do 7º semestre da Pontifícia Universidade Católica de Campinas



O PROCESSO IDEOLÓGICO DA **DEMOCRATIZAÇÃO** NA ARQUITETURA:

do Moderno ao Contemporâneo

Disciplina de Teoria da Arquitetura da FAUPUCC - 3º ano

Breno Pilot
Felipe dos Santos
Thais Bóbbo



A interpretação das questões sobre ideologia na arquitetura devem levar em conta aspectos como forma, matéria, intenção, produção, condições do sítio e contexto histórico-social. Aqui, temos um recorte temporal -do moderno ao contemporâneo- que busca compreender as relações entre arquitetura e democracia, assim como arriscar hipóteses do que é o produto dessa combinação.

O MODERNO

Desde o fim do século XIX, tomavam forma as transformações socioeconômicas dos grandes centros urbanos, resultado de inovações técnicas, provenientes da Revolução Industrial, e intelectuais, do racionalismo

e do iluminismo. A produção otimizada de aço, ferro e outros materiais, proporcionou a ascensão também de novas técnicas, como o concreto armado.

Ao mesmo tempo, a expressão cultural, e, portanto, a expressão arquitetônica, previa uma nova ordem, na qual se priorizavam formas geométricas bem definidas, a negação do ornamento excessivo, a dissociação entre estrutura e vedação, o uso de pilotis para a criação de espaços livres (e para que fosse reforçada a leveza e a praticidade da estrutura), grandes aberturas contínuas como panos de vidro que garantiam a transparência e reforçavam a leveza e a independência da estrutura.

Estes novos conceitos

aplicados à arquitetura transformavam a maneira como os espaços se relacionavam entre si, e com a cidade, como na planta e o térreo livre, de Le Corbusier. O espaço cada vez mais livre interferia na função conferida aos vazios, tanto em uma escala menor, referindo-se à habitação unifamiliar, como em uma escala maior, em edifícios públicos ou habitações multifamiliares. Da mesma forma, com o térreo dos edifícios liberado, temos a relativização da ideia de terreno, assim como o contato entre arquitetura e cidade fortalecido.

A partir de tais mudanças, tornou-se necessário introduzir densas discussões sobre o papel da arquitetura na cidade, uma vez que os espaços deveriam se ade-

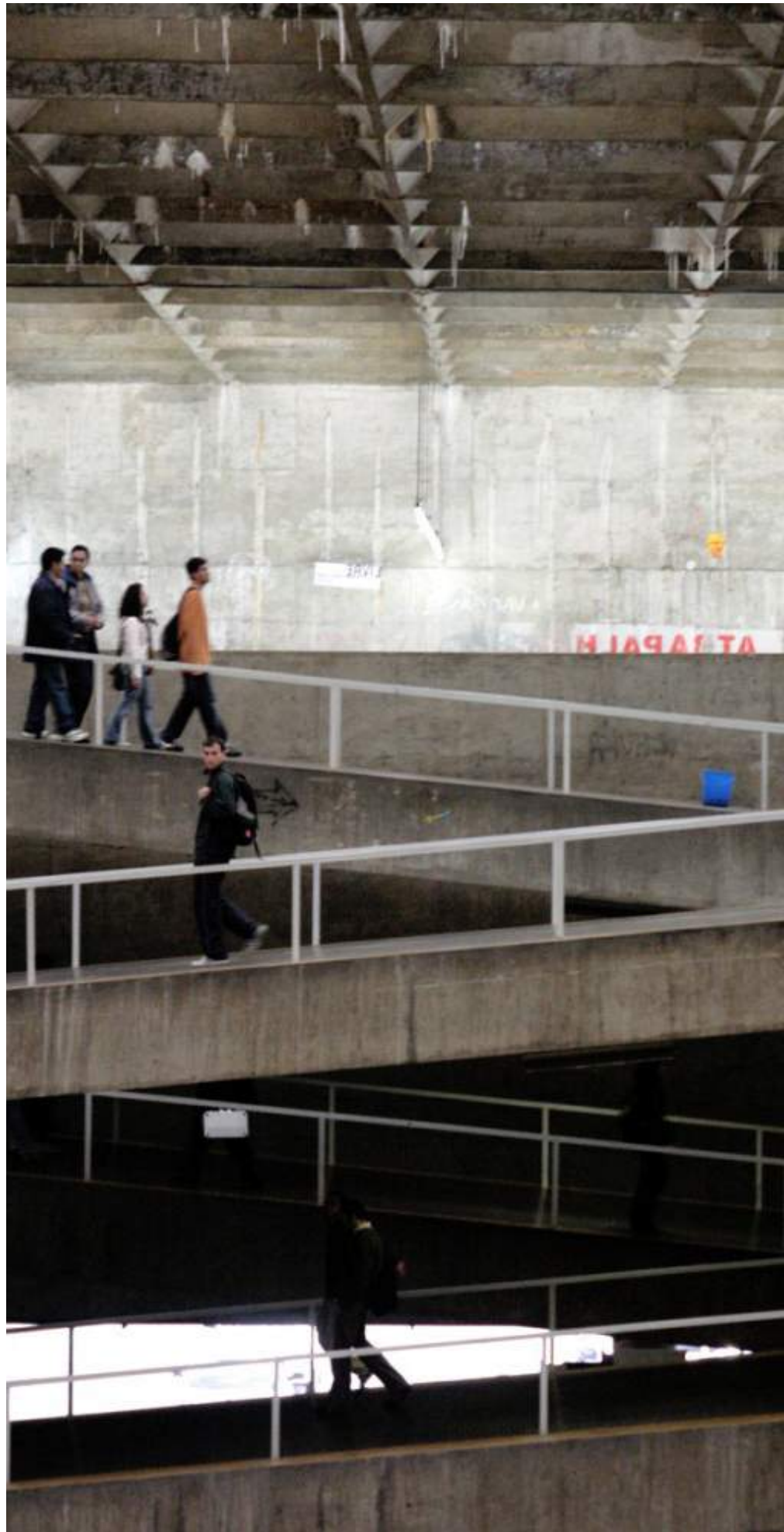


espaços deveriam se adequar a novas dinâmicas urbanas e ideológicas. Aqui, serão analisadas duas obras da arquitetura moderna e suas vertentes, a fim de investigar como este movimento cultural, principalmente na arquitetura, se relacionava com a ideologia democrática.

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU-USP) é um edifício funcionalmente educacional, porém se consolida como um forte posicionamento político. Projetada por Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, e construída em plena ditadura militar, a obra é feita de concreto bruto e aparente com vedações em concreto e vidro.

Apesar de parecer um edifício voltado para dentro, devido às suas empenas cegas, a FAU é, por si só, uma relativização do que é dentro e fora, pela ausência de portas ou fechamentos no térreo. Assim, traz a cidade para dentro do edifício, que contempla espaços coletivos de diversas escalas: as rampas (escala do edifício) e o salão caramelo (escala da cidade).

Internamente, a criação de planos extensos e diretamente conectados, com divisões que separam usos, mas não segregam espaços, mostra uma linguagem que preza pela continuidade espacial. Assim, é possível enxergar a intenção de valorizar a convivência e a apropriação do espaço por usos comunitários, contemplando a interação entre diferentes atividades e diferentes espaços.



Assim como a FAU-USP, o Museu de Arte de São Paulo (MASP) é um grande monumento, ainda mais forte enquanto símbolo da democracia, uma vez que está inserido e diretamente conectado à cidade. Projetado por Lina Bo Bardi e construído em 1968, também explora o concreto bruto e aparente, tanto na linguagem como na estrutura, representando papel importante para a esfera cultural da cidade de São Paulo até os dias de hoje.

Além do programa cultural de museu, o projeto do MASP tem como uma de

suas primordialidades o vão livre, que promove relações diretas entre espaço público e cidade, e espaço público e população, em que é dada a oportunidade de usufruir do espaço da cidade em sua plenitude, com o acesso irrestrito e a qualquer hora. Dessa maneira cria-se uma convivência significativa, complementar ao direito de ir e vir, fazendo da arquitetura um bem comum da sociedade, o que a coloca como um “serviço social”, como idealizava Lina Bo Bardi. Neste espaço, visto como coletivo, ocorrem as mais variadas atividades,

dedicadas ao público organizado, ou mesmo ao acaso, numa materialização da democracia.

Dessa forma, compreende-se que a democratização para a arquitetura moderna é traduzida nesta nova abordagem sobre as relações espaciais entre edifício e cidade.

Valorizando espaços livres, e conseqüentemente a vida comunitária, o moderno se preocupava profundamente com o produto final, ou seja, em como o espaço seria utilizado pelo ser humano.



A ARQUITETURA NOVA

Embasado pelos questionamentos à arquitetura moderna brasileira, o movimento Arquitetura Nova surge como possibilidade de uma nova orientação ao planejamento social do país a partir da arquitetura e de seus novos preceitos.

As escolas paulista e carioca caracterizavam as vertentes do moderno no Brasil e expressavam sua ideologia baseadas no desenvolvimentismo, no qual, segundo eles, a arquitetura serviria como ponta de lança da produção que alimentaria tal dinâmica.

Contudo, posteriormente, um contexto histórico conturbado, marcado pela instabilidade econômica e o golpe do estado, resultou em uma nova interpretação ideológica a respeito da arquitetura social.

O monumentalismo e o discurso tecnológico já não faziam mais sentido ao progresso nacional, e seria a partir das contradições entre discurso e prática, principalmente em relação às condições de trabalho no canteiro de obra, que a arquitetura nova de Rodrigo Lefèvre, Flávio Império e Sergio Ferro alinhava seu manifesto.

Entre os preceitos de tal movimento, estava a importância da concepção projetual a partir do uso de materiais simples (mais adequados ao estágio de industrialização do país), a experimentação da técnica e o “didatismo” da arquitetura,

orientando uma racionalização e democratização no canteiro de obras.

A produção exemplar referente à arquitetura nova está associada, em grande parte, a habitações unifamiliares de classe média alta, porém, tal ocorrência não aparenta ser uma contradição do discurso teórico, uma vez que a produção teve caráter de ensaios práticos ao que poderia ser gerido pela arquitetura social. Estas ideias foram ofuscadas pela ditadura militar, que impediu a continuidade de debates a respeito da democratização da arquitetura.

Posteriormente, com a involução do regime militar e o processo de redemocratização no país, vertentes da arquitetura nova surgem dando continuidade à difusão dos preceitos do movimento, com a intenção de aplicá-los de forma prática através de uma arquitetura social. Nesse sentido, são destacadas, aqui, obras que contribuíram para disseminação deste processo, e que somam um conjunto de exemplares deste pensamento, carregadas de teor ideológico a respeito do que era entendido como arquitetura democrática.

Fruto das conquistas do MST de São Paulo, a União da Juta foi resultado de um projeto participativo de conjunto habitacional, realizado pelo escritório Usina, juntamente com a comunidade beneficiada, e construído em 1992 por meio de mutirão e de autogestão.

O conjunto consiste em 160 unidades habitacionais e um centro comunitário,

sendo a concepção estrutural e estética do projeto elaboradas a partir do uso de blocos cerâmicos autoportantes, materiais corriqueiros e que exigem baixa complexidade de execução. No lugar de andaimes, as escadas em estrutura metálica, da própria circulação vertical do edifício, antecedem a construção da



alvenaria, servindo posteriormente ao transporte de materiais e pessoas, além de prumo e nível para as paredes a serem construídas.

Quanto ao caráter do espaço, um aspecto importante na proposição do conjunto refere-se às variações tipológicas, que superam a ideia de supressão das ne-



cessidades básicas das famílias, e propiciam espaços coletivos de convivência, que fortalecem o caráter de vizinhança.

Exemplar prático do laboratório de habitação da Unicamp, liderado pelo arquiteto espanhol Joan Villá, a Residência Estudantil é prova dos processos de experimentação da técnica, da industrialização e da proposição de tecnologia a partir de materiais simples, e que dão resultado a uma arquitetura de qualidade, prezando sempre pelo caráter comunitário do projeto.

Construída a partir de painéis armados de tijolo (técnica desenvolvida pelo laboratório), a articulação dos mesmos nos diferentes elementos da habitação -mobiliário, vedação, escadas, divisórias, etc-, resulta em volumes que conformam uma composição de espaços cheios e vazios, atrativos à convivência, e onde as atividades coletivas acontecem.

São os materiais sim-

ples e as técnicas adequadas à mão de obra, a auto-construção de um lado, e de outro a modulação por meio de painéis, a proposição do espaço coletivo como parte fundamental do programa, e o didatismo na produção, as principais características que compõem a intenção de ambos os projetos.

Nesse aspecto, a arquitetura dá mais um passo no processo de democratização, no qual a ideologia passa a ter uma nova interpretação, onde material, técnica e execução adequados viram pauta de discussão no ofício do projeto, e não só o produto final da arquitetura.

O CONTEMPORÂNEO

Na passagem do século XX para o XXI, surge a tendência dos arquitetos-estrela, dedicados a buscar projetos autorais, que prezam pelo desenvolvimentismo na produção, no material e na técnica, mas principalmente almejando as capas das revistas de arquitetura. Nessa tendência, são produzidos edifícios monumentais, não importando a função, mas querendo chamar a atenção de todos.

Se tratando de um contexto histórico de imersão no capitalismo financeiro, é possível compreender como se dá o aumento progressivo na busca por tal arquitetura, que alimenta as grandes empresas e impulsiona a economia do território.

Em segundo plano, porém, a continuidade do processo ideológico que enxerga a função democrática da arquitetura se dá, no contemporâneo, majoritariamente a partir de ações realizadas por pequenos grupos de pessoas. Nesta frente, prevalece a tentativa de produzir uma arquitetura sensível ao material (de onde vem, como é produzido), à construção (às condições do sítio, à mão de obra), e principalmente à relação do espaço com o ser humano (função, identidade e pertencimento).

Francis Keré, um jovem arquiteto de Burkina Faso, é autor de uma das obras que analisaremos neste período. Preocupado com as condições de vida da população de sua cidade natal,

Gando, Keré projetou escolas, parques, centros comunitários e bibliotecas, todos de forma extremamente sensível e conectada às pessoas.

A Biblioteca da Escola Primária de Gando surge como uma demanda resultante de outros dois projetos de sua autoria: A Escola Primária de Gando e sua extensão. A intenção era de conectar os dois espaços, assim como se tornar mais um símbolo de que aquele espaço cultural pertencia à cidade e vice-versa.

Assim, o edifício de aproximadamente 500m² é, em diversos níveis, uma parte do cidade, simbolizando a função da obra: o acesso e a transmissão do conhecimento. Sua forma elíptica (em planta) remete às habitações

da arquitetura vernacular de Burkina Faso, suas paredes são formadas por blocos de argila produzidos localmente, pelo próprio povo. A cobertura do edifício recebe, previamente à concretagem, a colocação de vasos serrados, que dão resultados relacionados à iluminação e ao conforto térmico do ambiente interno. Estes vasos são, também, símbolo do artesanato tradicional da cidade, produzidos pelas mulheres e associados à produção local de argila.

Construída em 2012, a Biblioteca de Keré simboliza a preocupação em aproximar a função (arquitetura) ao ser humano (usuário), traduzida na intenção de unir os dois espaços da escola, assim como trazer a população comum para dentro dela, atra-



vés de um espaço coletivo. Assim, buscou introduzir o ser humano na concepção, na produção e no uso, resultando em algo único, que não teria o mesmo impacto em nenhum outro lugar.

O segundo projeto a ser analisado é o Potocine, uma sala de cinema auto-construída e autogerida pela comunidade de Potosí, um assentamento irregular (sem planejamento e sem a previsão de equipamentos públicos) na periferia de Bogotá, Colômbia. O projeto foi realizado por um grupo chamado Arquitectura Expandida, em parceria com o Instituto Cerros del Sur. O primeiro é um pequeno escritório colombiano que se compromete em associar, a todo o momento, a arquitetura a conceitos como autoconstrução, autogestão, projeto participativo, e consequentemente, arquitetura democrática. O segundo, uma iniciativa comunitária que visa trazer educação, cultura, e melhores condições de vida para a comunidade.

No Potocine, vemos a intenção de criar uma arquitetura que não é importante para si só, mas sim para quem usa, quando alguém a usa, tendo que arquitetura só é tal quando relacionada ao ser humano. A estrutura principal é treliçada e feita de guadua (bambu colombiano), amarrada a partir de técnicas tradicionais de construção do local. Além disso, o revestimento externo são telhas de policarbonato alveolar, que funciona como proteção do bambu, assim como traduz a intenção de mostrar o ma-



terial e a técnica construtiva de um processo de autoconstrução, entendida como um posicionamento político. As cadeiras do auditório são construídas a partir da continuação da estrutura de bambu, adicionando tecidos (assento) costurados pela cooperativa de costureiras do bairro.

A decisão de uma sala de cinema foi feita pela comunidade, servindo como um espaço coletivo de apoio para outros equipamentos culturais já conquistados pelo Cerros del Sur, neste caso, a escola do bairro. Dessa forma, esperava-se levar para aquele território, não só um edifício cultural, mas também um símbolo de como a arqui-

tetura pode, dependendo de seus métodos e processos, se relacionar diretamente com o ser humano (usuário), e assim alcançar, na prática, conceitos como a identidade da população, e o pertencimento da mesma à obra arquitetônica.

A partir da análise da questão democrática na arquitetura, assim como seu processo de transformação e adaptação ao longo do século XX até a atualidade, surgem algumas hipóteses:

A arquitetura democrática, enquanto ideologia, foi interpretada e aplicada de acordo com o contexto histórico-político e socioeconômico - em que se inseriam os espaços produzidos. Assim,

as obras analisadas são traduções claras do que se entendia de tal conceito em cada período.

No moderno, tal ideologia significava atentar-se à função democrática da arquitetura produzida. As obras materializavam posicionamentos políticos, porém deixavam de lado a aplicação de do conceito nos meios de produção. Para a arquitetura nova e aqueles que a ela deram continuidade, significava o desenvolvimento de técnicas de construção mais democráticas, com materiais que se relacionavam diretamente com o sítio, preocupando-se com o didatismo da arquitetura produzida.

Na atualidade, entende-se que a ideologia da arquitetura democrática deve

traduzir-se nas intenções de todo o processo que a envolve - programa, concepção e partido, materiais e técnicas, construção e produto final-, acreditando que assim, obra arquitetônica e ser humano se aproximam, alcançando, na prática, conceitos como a identidade e o pertencimento de um relacionado ao outro.

Tais ideias, associadas à presença marcante do espaço coletivo em todas as obras analisadas, nos faz entender que o foco do projeto arquitetônico deve ser justamente o espaço coletivo, uma vez que é neste que ocorre a conexão entre obra e ser humano, e assim a ideologia é reconhecida. A arquitetura democrática, então, não deve ser pensada como elemento imagético, formal ou mate-

rial, mas sim como experiência física. O ser humano se reconhece na arquitetura quando enxerga nela sua própria identidade, devendo-se buscar, na essência, espaços que compreendem democraticamente todo tipo de expressão, e permitem a liberdade na apropriação do espaço.



SCULLY JR., VINCENT. *Arquitetura Moderna: A Arquitetura da Democracia*. Cosac & Naify, 2002;

Clássicos da Arquitetura: MASP / Lina Bo Bardi - Marina de Holanda. Disponível em: <http://archdaily.com.br>;

Clássicos da Arquitetura: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) / João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi - Igor Fracalossi.

Arquitetura Nova Brasileira: um debate sobre sistemas construtivos e desenvolvimento nacional - Ana Paula Koury.

Residência estudantil da Unicamp: Joan Villà, construções para a sociedade - Josep Maria Montaner e Zaida Muxí.

USINA 25 anos: Mutirão União da Juta - Romullo Baratto.

Gando School Librar. Disponível em: <http://kere-architecture.com> > .POTOCINE- Sala de Cine

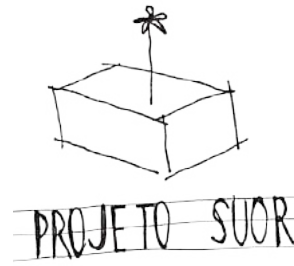
Autogestionada (arquitecturaexpandida.org);

FIORI ARANTES, PEDRO. *Arquitetura na era digital-financeira: desenho, canteiro e renda da forma*. Universidade de São Paulo, 2010.

***Trabalho na íntegra encontrado no endereço: https://issuu.com/brenopilot/docs/sem_t_tulo-1**

Breno Pilot, Felipe dos Santos e Thais Bóbbó são estudantes do 4º ano de Arquitetura e Urbanismo da PUC

PROJETO SUOR O FUNDÃO



Fundão | Jardim Ângela | São Paulo

TFG 2016 | PUC-Campinas | Orientador Antonio Fabiano Junior e Vera Luz

Barbara Titoto

BARBARA E O SUOR

Plantar na cidade é um ato necessário. Necessidade de entender a nossa essência e de conversar com a nossa raiz. Se em um primeiro momento fazer um buraco na calçada na frente de casa parece pouco é porque isso é um início. Um início inacabado de uma ação sem fim. O gesto de sujar a mão com terra não flerta com grandes ações, ele está acima disso justamente porque é base. É o alicerce entre o homem e o lugar.

A retomada da dignidade humana, muitas vezes perdida pelo ato devastador das drogas através do suor que pinga na terra a cada semente plantada, é vital para a construção de uma sociedade porque a luta para o bem do outro é uma luta coletiva. É uma busca por entender que todos somos, mesmo individualmente, seres públicos. E enquanto públicos, podemos ser como os pássa-

ros, que pulverizam sementes por onde passam, num exercício contínuo de liberdade vivencial, criando fluxo para a busca de um mundo melhor independente da aceleração do tempo e da compartimentação do espaço.

O projeto do espaço proposto é feito apenas por pequenas casas, ninhos construídos por quem ali vai morar, tocas de acolhida do homem-semente formando uma cidadela plural e infinita, livre e viva, que flerta com a cadência do tempo do nas-

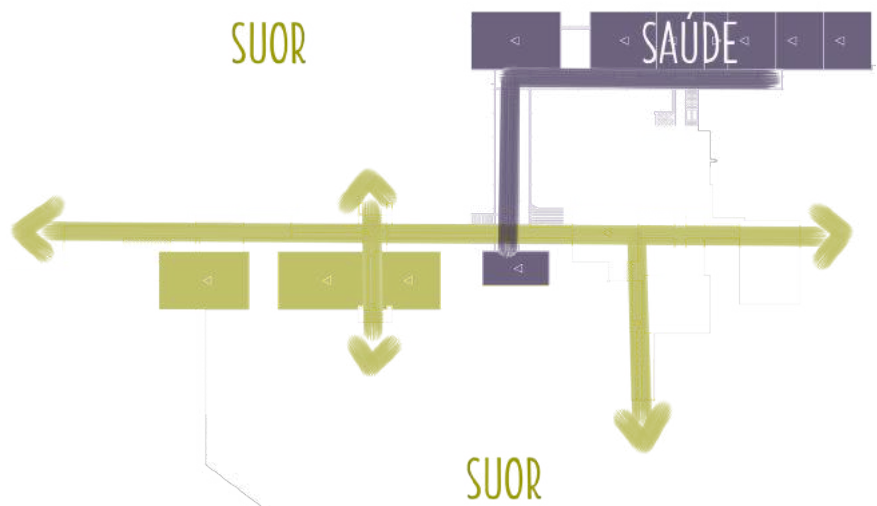
cer de uma árvore e que conversa com a mão que manuseia a terra, ato único capaz de diluir o tempo do homem por entre seus dedos.

Antonio Fabiano Junior

O CONCEITO

“Filha, o suor cura.”
– disse-me um sábio.

Morar é uma urgência. Cuidar também. Ser cuidado e cuidar. Das pessoas e da natureza. Ter com quem ou algo a que se conectar. A terra. Terapia, renovação





de energias. A reconexão com a terra e com os ciclos naturais. O poder de cura. A reconexão com a natureza, com a vida, consigo mesmo. O conhecimento. Aprender a cuidar, aprender a construir, aprender a respeitar. Empoderamento, autoconfiança. E o tornar-se necessário, reconhecido. O suor. Eliminação de toxinas. Liberação de serotonina*. Plantar, colher, cuidar, martelar, pintar, trabalhar, suar. A cura. Do indivíduo e do plural. O respeito. À individualidade e ao co-

mun. Do que é seu e do que é nosso. O reconhecimento. Da importância do indivíduo como cidadão. E de que a dependência química é uma doença. E um problema social. Serotonina*: hormônio da felicidade.

O PROGRAMA

O mínimo de ocupação, o necessário. Dois eixos principais, o da Saúde e o do Suor; e a união destes, o Repouso. O primeiro (Saúde) está situado no nível da rua (cota 764,00), devido a

necessidade de fácil acesso para eventuais emergências. O segundo (Suor) se assenta entre a agrofloresta e hortas (cotas 761.20, 760.70, 760.40), respeitando o terreno natural. Pedindo licença para permanecer. O Repouso se aconchega nos dois níveis principais, fazendo a ligação dos eixos e se misturando a natureza. A terra é sagrada aqui e permanece como está. Ambos, saúde e suor pousam nela. Com delicadeza e exatidão apenas pousam.

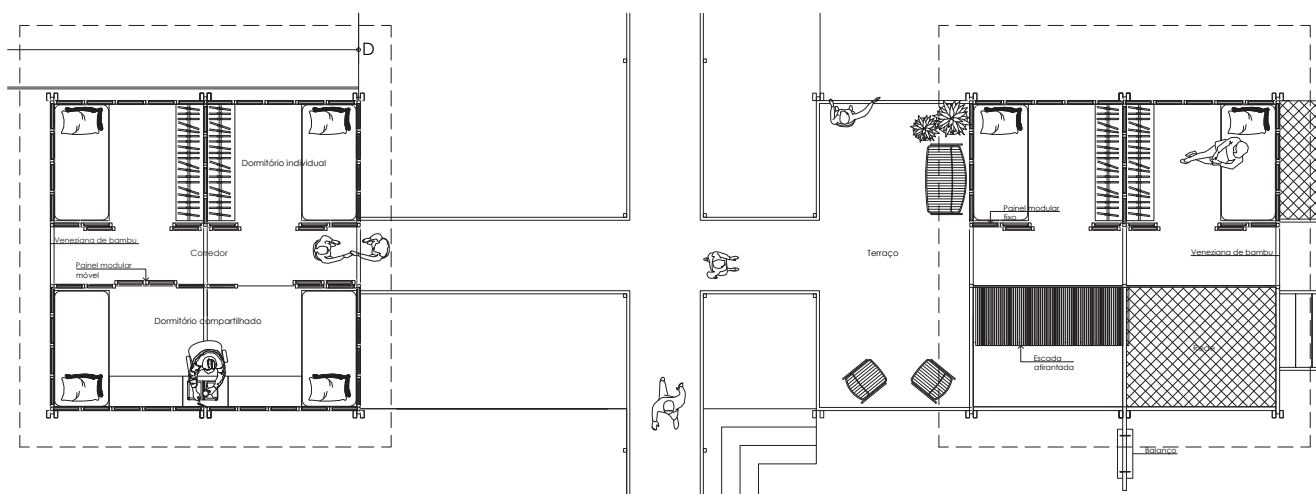


SEMENTE

Leve, compacto e funcional. Uma estrutura base simples. Um módulo mínimo, dimensionado dentro de uma vaga de carro (2.5 x 5.0m). Diversas possibilidades. Fácil de construir. Por você, por mim. Construído por ele. Um presente dele para gente. E para ele também. Um lar, um lugar dele, feito por ele. O sentimento de pertencimento. Reconhecimento. Superação. E o módulo vai para cidade. O

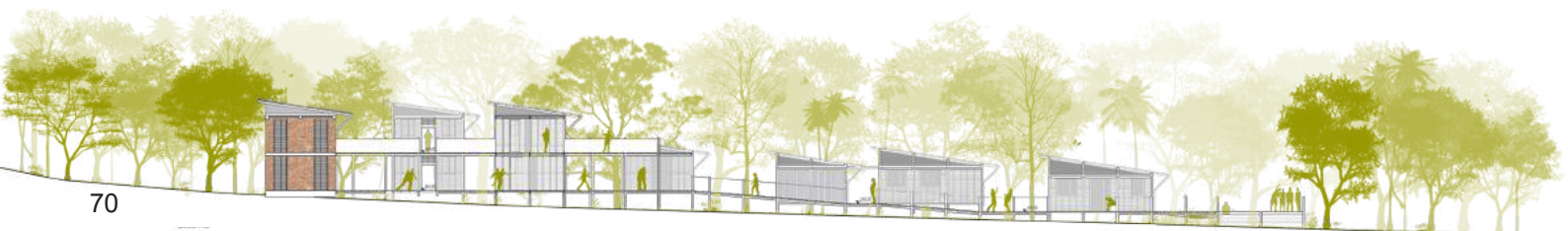
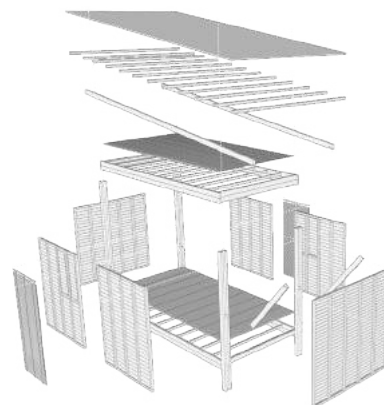
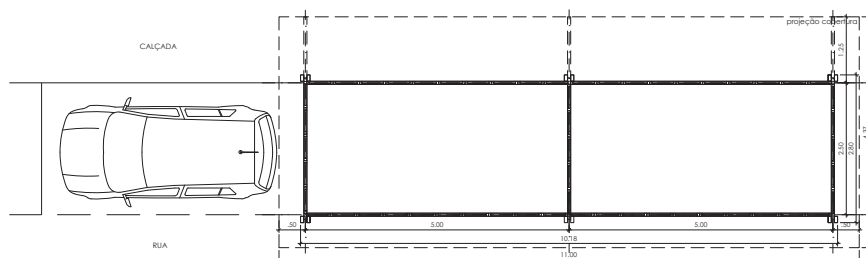
nosso lugar compartilhado. De todos nós. O módulo se espalha feito semente solta no ar. Põe rodinha e vai rodando até encontrar seu canto. Tinha carros nas ruas, agora tem os módulos. Tem vida. Se conectam uns aos outros, ampliando os espaços quando preciso. Se estabiliza em qualquer lugar. Em terrenos íngremes ou planos. Se faz presente. Se faz necessário. O uso muda conforme a necessidade. Pode

ser a feira livre na praça, onde tem a troca dos alimentos. O berçário de sementes, onde as plantinhas ganham vida para depois distribuir vida por ai. O abrigo para o desabrigado. Um pequeno ato, um começo. Como tudo tem um começo, essa história não será diferente. Uma sementinha plantada. No módulo, na cidade. Para um dia colher um mundo melhor.



CASULO

Um módulo, dois dormitórios. O espaço mínimo necessário para nosso recolhimento. O módulo se divide e se multiplica. Um corredor central (espaço coletivo), dividindo-o em dois dormitórios individuais, que nos acolhe (espaço íntimo). Os módulos se conectam uns aos outros e explodem, criando dormitórios compartilhados. As áreas individuais e coletivas são fluidas. Eles se olham, se preservam, se ajudam e se protegem.



PROJETO MARIAS

Fundão | Jardim Ângela | São Paulo

TFG 2016 | PUC-Campinas | Orientadores: Antônio Fabiano Jr. e Vera Luz Paula Pereira



Trabalhar a cidade como espaço educador, respeitando e aprendendo com seu território e com as pessoas, sem perder de vista seus momentos e circunstâncias são princípios das Cidades Educadoras* e eixos norteadores deste ensaio projetual cujo desejo é o respeito à mulher e à vida.

A gravidez, o parto e o nascimento, são aconteci-

mentos da vida afetiva, sexual e social de todas as pessoas e da natureza do corpo feminino. Diante disso qual a importância de mudar o modo de nascer e olhar para a mulher no Brasil? E como fazer isso através de um novo jeito de ver a cidade, capaz de enxergar a arquitetura como um potencial articulador para desencadear tais mudanças?

O projeto tem como

bases o valor da cultura como forma agregadora de um novo nascimento e a experiência cultural da transformação como um ato. Busca ensinar ao usuário como e porque devemos respeitar a mulher em todas as suas esferas sociais, e ancora dois programas de urgência: uma Casa de parto e um Lar temporário onde mulheres possam transformar momentos



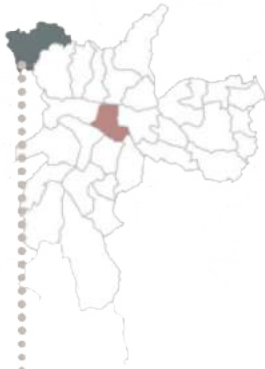
frágeis em especiais e oportunos de mudança, convivendo, compartilhando ideias, aprendendo, e tornando-se mais empoderadas a cada nova mãe, nova vida, novo dia, a cada flor que se abre, a cada nova liberdade e a cada mulher que se transforma.

O Projeto Marias é em primeira instância um espaço público no Fundão do Jardim Ângela, periferia da Zona Sul de São Paulo, que busca transmitir uma gradativa mudança de consciência. Seu raciocínio arquitetônico expansivo tem início de den-

tro para fora, assim como o começo da vida, e trabalha o primeiro ato descobridor do mundo como estopim para mudanças significativas na vida de todos.

Afinal, onde nós queremos nascer?

* Carta das Cidades Educadoras, 1990.



PERUS E A RMSP

CAIEIRAS

Localização do Projeto

Reserva da Cantareira

Parque Anhanguera

JARAGUÁ

Ribeirão Perus
Rodoanel Mário Covas

Pedreiras

Pedreiras

VILA AURORA

O DISTRITO DE PERUS/SP



MEMORIAL DA VALA

Distrito de Perus | São Paulo

TFG 2016 | PUC-Campinas | Orientadores: Antônio Fabiano Jr. e Vera Luz Felipe Neres

MEMORIAL DA VALA

A ditadura militar no Brasil foi implantada por meio do golpe militar de abril de 1964, por militares das forças armadas que depôs o governo civil, do presidente João Goulart, legitimamente eleito pelo voto popular.

Empregou-se a violência, para dispersar os movimentos populares, articulados com representantes do imperialismo norte-americano, o golpe militar contou com o apoio da elite brasileira, empresários e latifundiários.

A partir do golpe, instala-se um clima de terror ditatorial e repressivo no país, contra parlamentares, funcionários públicos, sindicalistas e estudantes. Institucionalizou-se a tortura, violência, censura, sequestros, prisões, assassinatos e desaparecimentos de ativistas contra o regime político imposto.

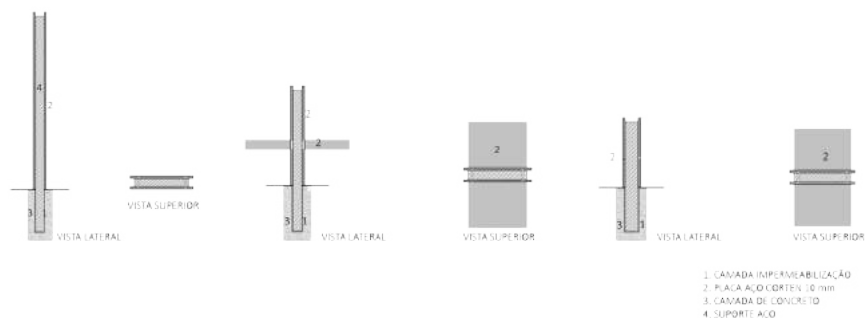
A Vala Clandestina Quatro de setembro de 1990, data em que se registra a abertura da vala clandestina de Perus, localizada no Distrito de Perus, zona norte de São Paulo.

Foram encontrados aproximadamente 1500 ossadas, indigentes, mendigos, negros, jovens dos esquadrões da morte, crianças, vítimas das mazelas e preconceitos sociais, presos políticos, sequestrados, torturados, e assassinados no período militar. Uma vala de 30m de

comprimento, por 2m de largura e 2,70m de profundidade.

AS PLACAS

A penitência em placas, é a materialização dessas em pessoas, a materialidade é o aço corten, devido a sua aparência envelhecida, essas pessoas materializadas em placas, agora podem envelhecer. As placas guardam um rasgo, um vazio, ausência, e tem o tamanho da escala humana, pois são pessoas, onde eu posso abraçar, interagir e toma-la como ente querido.



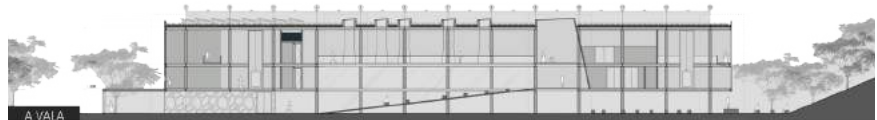


O ATO

A penitência termina na praça de acesso do memorial (cota 815), continua-se o percurso em rampa, é a experiência da busca da luz no fim do túnel.

Seu término está na cota 750, no nível da vala Clandestina, no meio da mata, junto a natureza.

A implantação é o T, o T de Terrorista, como eles eram identificados em luta, e como foram registrados e achados. O T não é para nós nos reconhecermos, mas para eles, já mortos se reconhecerem do céu.



O CHÃO

No chão (cota 750), está o final do percurso, antes do seu fim, o primeiro Mirante. Lugar de contemplação da nascente do rio, do nascer do homem, do memorial. No chão está o Teatro da Terra, lugar de acolhimento, de troca de experiências, de dor, luta, reunião, é o educativo do Memorial da Vala, de forma

primitiva, na terra, no chão.

No fim da linha que marca a rampa, temos o segundo mirante, aqui se vê a luz no fim do túnel, e 14 placas de aço corten, os 14 reconhecidos da Vala de Perus, 'sepultados' junto ao rio, na natureza.

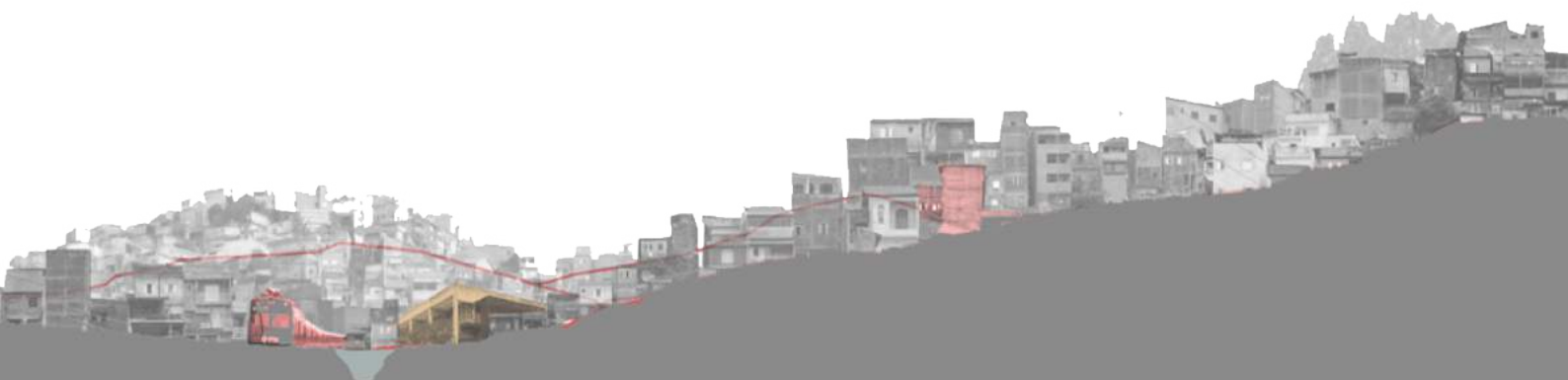
Três estúdios de gravação de depoimentos. É a sala de vozes, sala da dor,

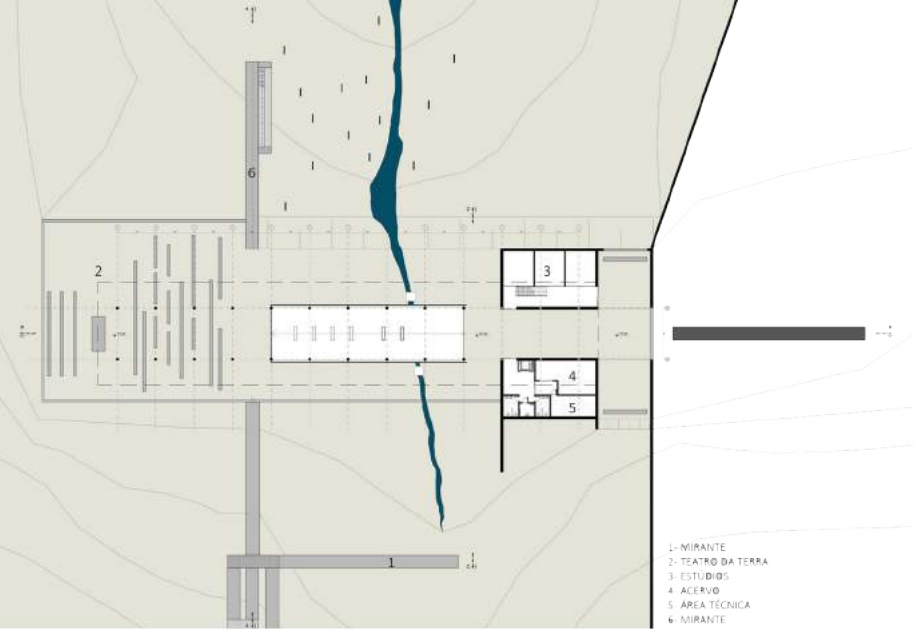
da perda, sala que se escuta a voz do pedido de justiça, de reconhecimento, do prestar de contas.

A última pedra extraída das pedreiras da Cantareira, marca o fim da extração na serra, essa pedra está sepultada no acolhimento do Memorial da Vala.

A MEMÓRIA

No nível + 3.40, está





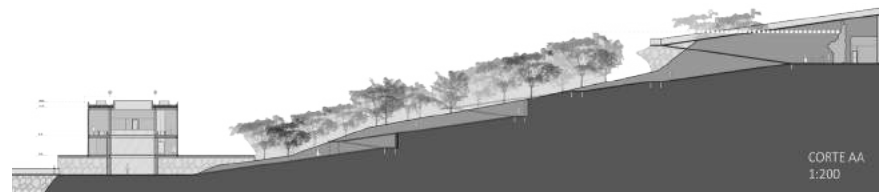
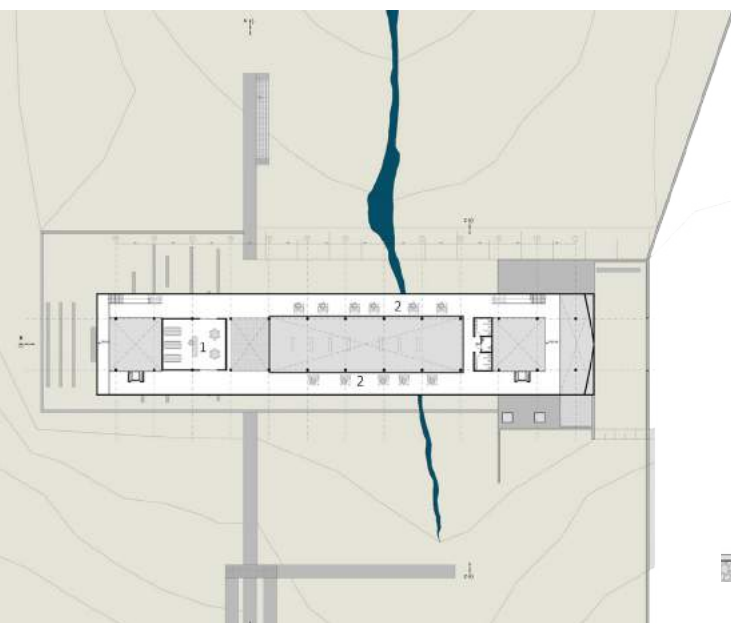
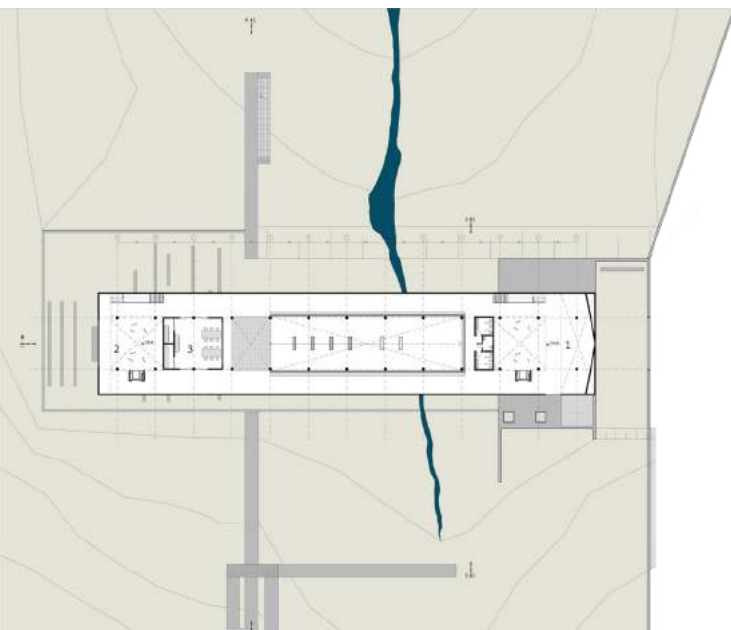
a área expositiva com duas salas de exposição, a exposição permanente na extremidade norte do Memorial, junto a Vala Clandestina, e a exposição temporária na extremidade sul. Nesse piso localiza-se também a administração

O CASULO

No piso +6.40, está o conhecimento, a biblioteca com acervo sobre a ditadura militar.

A biblioteca funciona como arquivo, sua área de estudo, são os casulos, lugar de reclusão, de isolamento, abstração e ganho de conhecimento sobre o período.

“Encontrar um desaparecido é honrá-lo, dar-lhe um lugar na memória. A palavra ‘desaparecido’ esconde quatro atos, o sequestro, a tortura, o assassinato e o desaparecimento. Porque sabemos que não estão desaparecidos, sabemos que estão mortos. (J.G.)



PRAÇA DAS LUTAS

Jardim São Manoel e Dique da Vila Gilda | Santos

TFG 2016 | PUC-Campinas | Orientador: Luis Alexandre Amaral Pereira Pinto

Viviane Bartolo

CONTEXTO URBANO

Apesar de a cidade de Santos ser conhecida pelas boas colocações nas listas de qualidade de vida, e também pela sua infraestrutura e sistema de mobilidade eficiente, nem para todos essa é a realidade. A Zona Noroeste, por exemplo, é segregada do resto da cidade, pois é rodeada por barreiras físicas geográficas, como montanhas e rios, também por obstáculos antropológicos como a Rodovia Anchieta. A dificuldade de acesso a essa zona é evidenciada ainda pela ineficiência do transporte público e do sistema de mobilidade. Além disso, a área ainda sofre com alagamentos, excesso de lixo, entre outros problemas de infraestrutura.

Nesse contexto se

encontram as duas comunidades que foram o foco do nosso projeto urbano: o Jardim São Manoel e o Dique da Vila Gilda, que consistem no maior complexo sobre palafitas do país.

POR QUÊ LUTAS?

Analisando os equipamentos públicos e programas sociais existentes no entorno da área escolhida, nota-se que a maioria são da área de profissionalização, assistência social, saúde e arte, dessa forma, faltam equipamentos relacionados à esporte visando os benefícios que podem trazer a essa comunidade. O esporte é um importante instrumento de transformação social e educacional, não se

limita apenas aos benefícios físicos em relação à saúde, promovendo a construção social e o desenvolvimento do cidadão, e melhorando seu convívio familiar, escolar e social.

Além disso, olhando mais de perto para a área escolhida, há dois programas sociais: o Centro da Juventude e o Instituto Arte no Dique. O projeto busca então complementar esses programas, de forma a aliar arte e esporte e tornar a área de grande potencial de transformação social. As lutas foram escolhidas como o esporte a ser desenvolvido no programa pois são atividades que trazem muita disciplina, autocontrole e integração, além de estimular o desenvolvimento pessoal e social.



POR QUÊ PRAÇA?

A área escolhida é atualmente residual, pois ela passou por um processo de remoção para a execução de um Programa da Prefeitura de Santos. Esse programa era de macrodrenagem e visava minimizar as enchentes da área, porém o contrato de financiamento não foi renovado e o programa está estagnado desde agosto de 2016, sem previsão de volta.

Pensando na escassez de áreas verdes e espaços coletivos nessa comu-

nidade, e principalmente na importância desses espaços para o convívio e salubridade, a intenção foi manter esse caráter de área livre, porém requalificando a mesma. A área seria uma complementação dos respiros e da orla que foram projetados para essas comunidades, formando assim um pequeno sistema de espaços livres, essencial para uma melhor qualidade de vida.

CONCEITO

A praça das lutas seria

uma grande área de convívio coberta, que permitiria a passagem, o encontro e o convívio, além de abrigar uma escola de lutas, promovendo o desenvolvimento social, fortalecendo o vínculo entre as pessoas e transformando o espaço em um local seguro, inspirador, e de convivência democrática. O uso do termo lutas não é à toa, afinal o projeto é a própria materialização da luta dessa comunidade por uma qualidade de vida melhor.

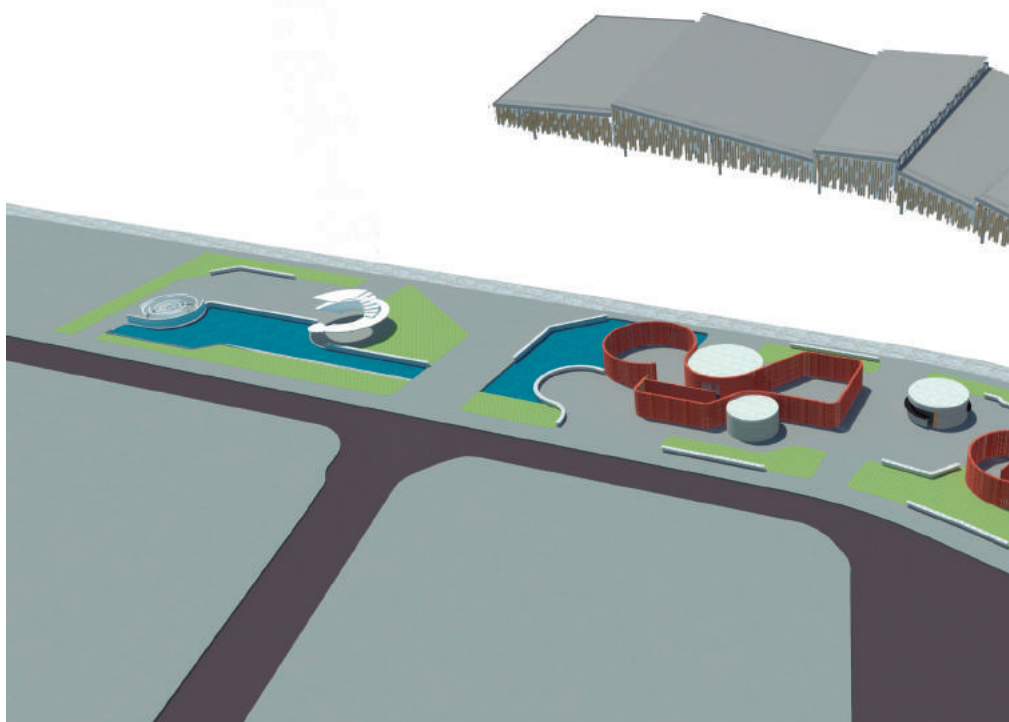
O PROJETO

Além de ser uma praça coberta com diversos espaços de convívio, permanência e passagem, o projeto contempla também uma escola de lutas, uma lanchonete, uma academia e uma área de competição que serve também como lugar de encontro e palco.

O projeto consiste em uma extensa cobertura que abriga três blocos: a escola de lutas, a área de passagem e convívio, e ainda a área de competição. A implantação desses blocos soltos permite maior permeabilidade, conectividade e locais de permanência, caracterizando-o como praça e não o transformando em uma barreira.

O gabarito da cobertura leva em conta o gabarito do entorno, buscando não se destacar dele e sim integrar-se a ele. Porém, essa cobertura apresenta uma variação de alturas, de forma a dialogar com esse movimento de gabaritos existente no entorno.

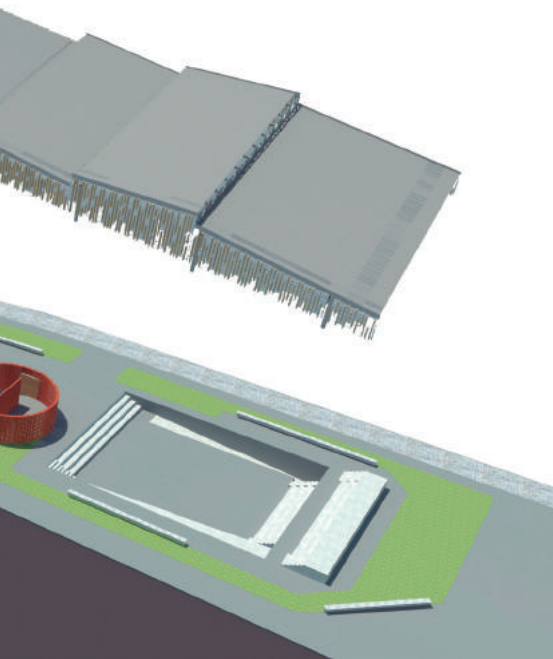
As paredes que a grande cobertura abriga são mais baixas que a cobertura em si e não possuem laje, isso permite que a ventilação seja mais eficiente, o que é necessário para uma cidade como Santos, que tem clima úmido e abafado. Além disso, as laterais longitudinais do projeto apresentam brises, que ajudam na proteção contra o sol e a chuva, buscando maior conforto dentro dessa praça coberta.



PRAÇA DAS LUTAS



FAU-PUC-CAMPINAS | TFG - 2016
DISCENTE: VIVIANE BESTANE BARTOLO
ORIENTADOR: LUIS ALEXANDRE AMARAL PEREIRA PINTO





ENSAIOS GRÁFICOS

Artista e graduando do curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá; Membro do projeto “Desenvolvimento cultural por meio da arte - Universidade Sem Fronteiras”, UEM. Representante do eixo Artes Visuais; Bolsista PIBIC - CNPq/FA com o projeto “O discurso do corpo feminino na performance Lovely Babies de Márcia X.” (2015-2016); Membro do Grupo de Pesquisa Discursividades, Cultura, Mídia e Arte – GPDISCMÍDIA (2015-2016); Participou do projeto de pesquisa docente, Mídia, Urbano, Arte e Cultura em Discurso /CNPq (2015-2016).

LUCAS
BENATTI









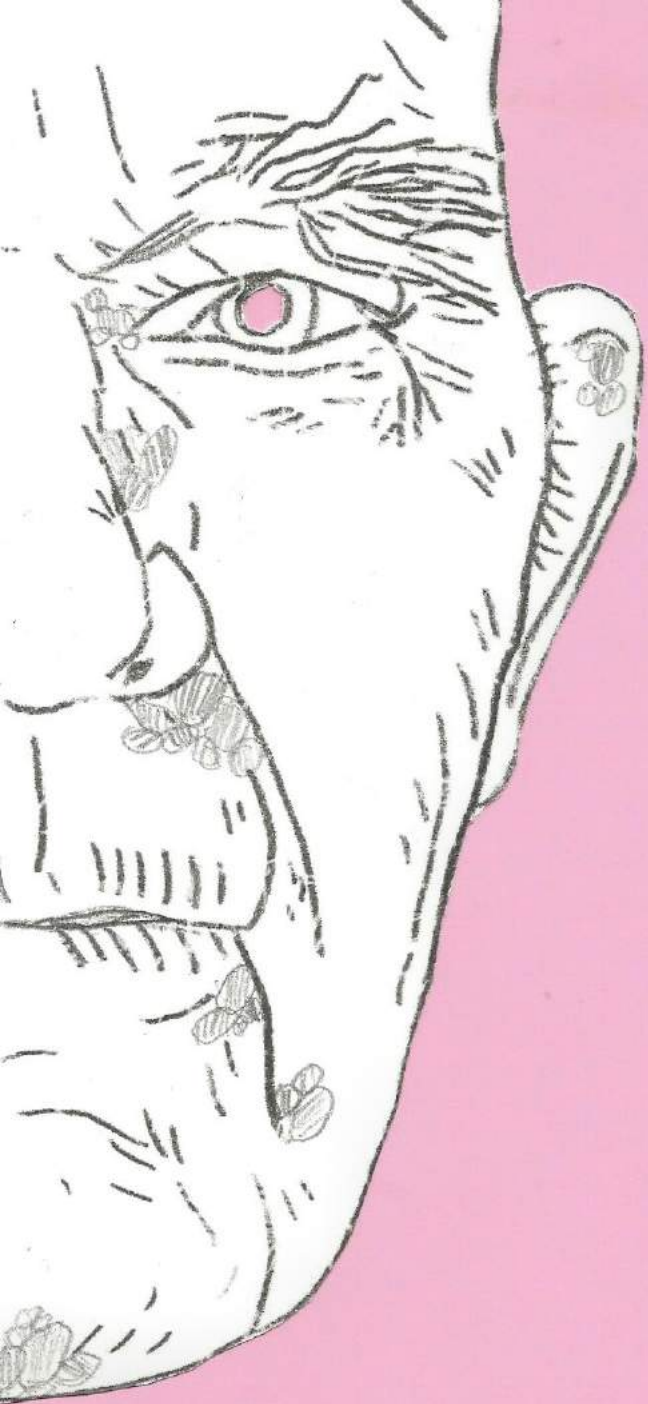


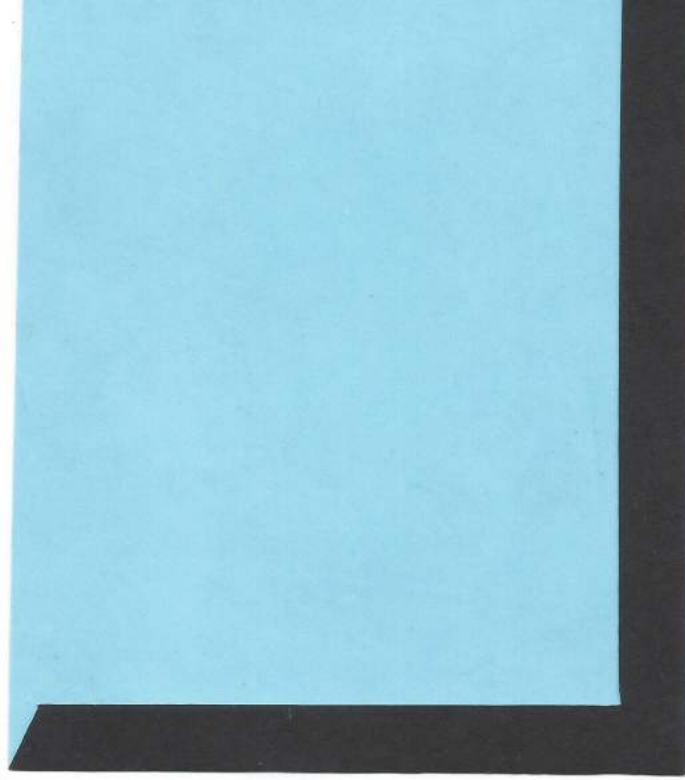


















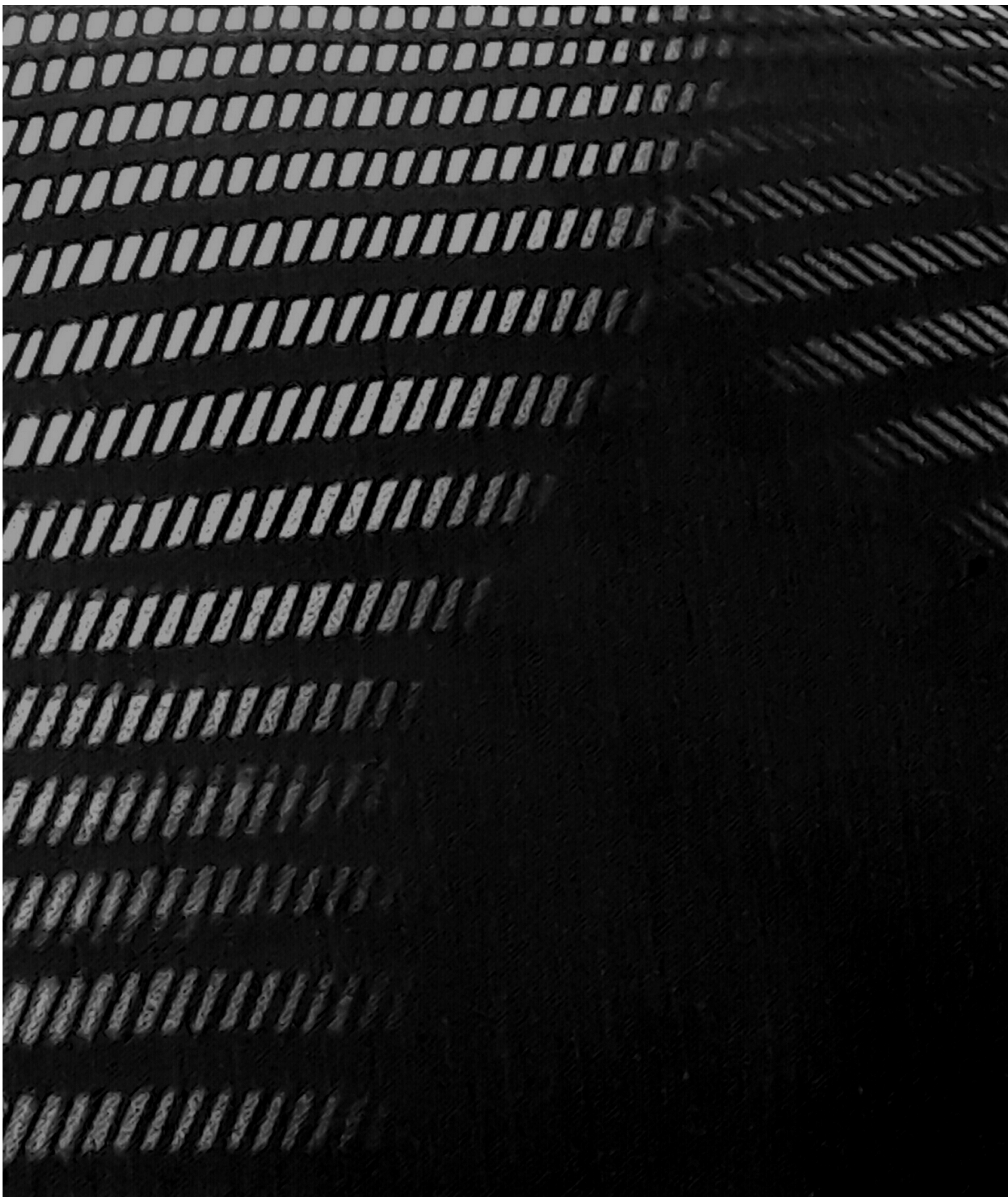
MARIA STELLA

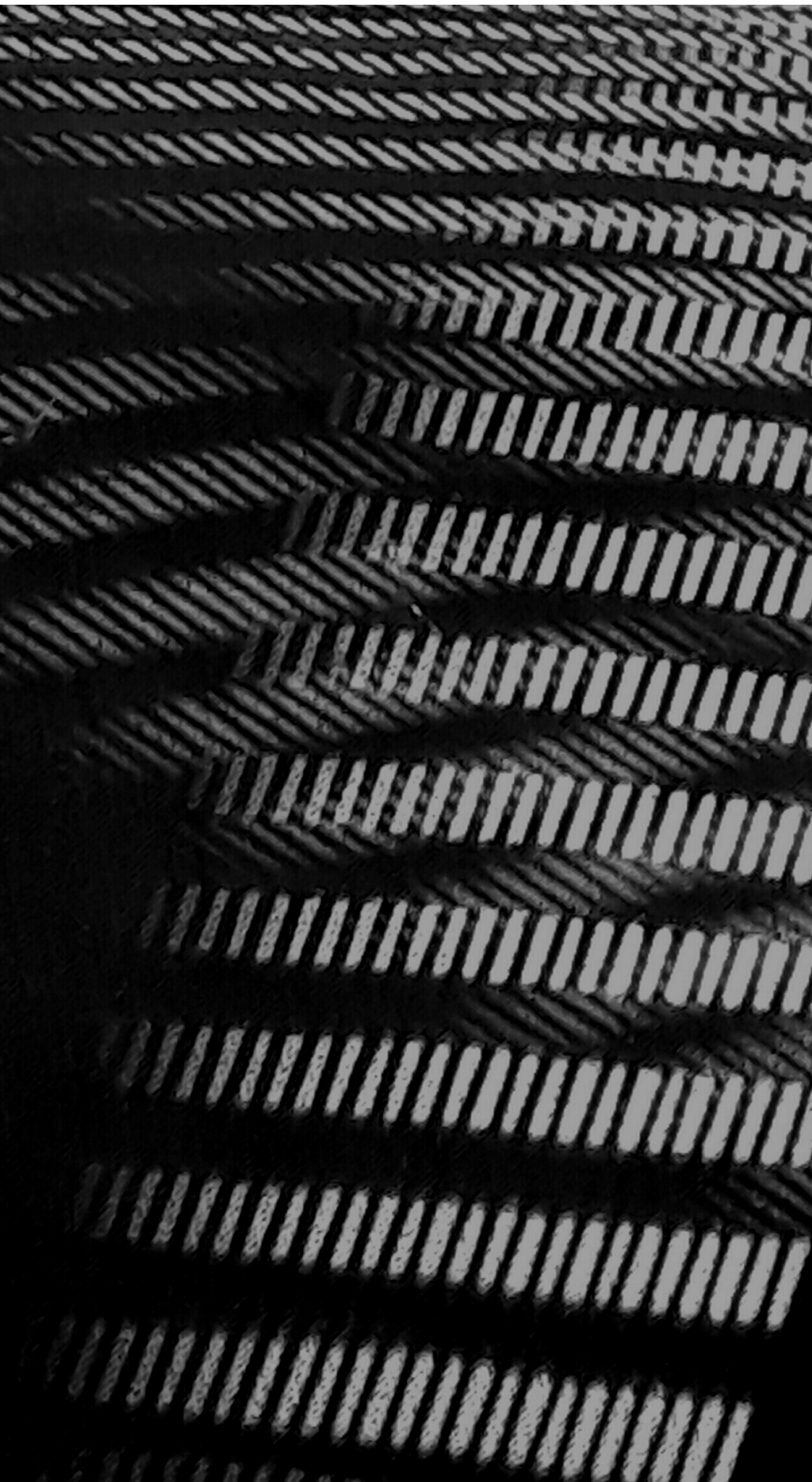
Maria Stella Angote dos Santos é estudante de Arquitetura e Urbanismo do 7º semestre da PUC, integrante do grupo PET Arquitetura e Urbanismo, ex-integrante do Interact Club de Mococa (2012), monitora da disciplina de Paisagismo A da Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 2016. Participante da publicação do artigo “A interface entre pesquisa e extensão na discussão dos parques lineares como estratégia de requalificação da paisagem urbana” na revista “Paisagem e Ambiente” – USP







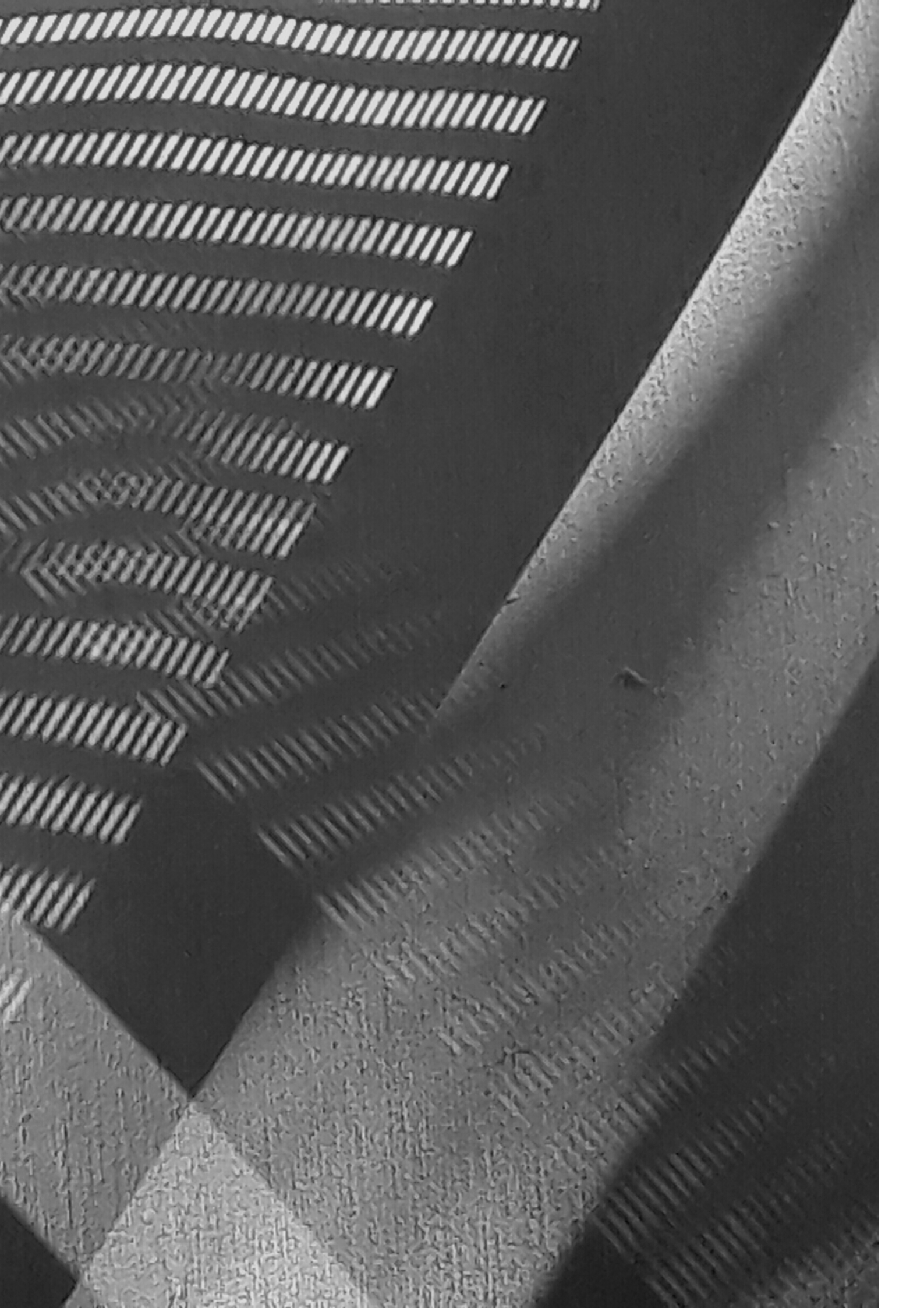


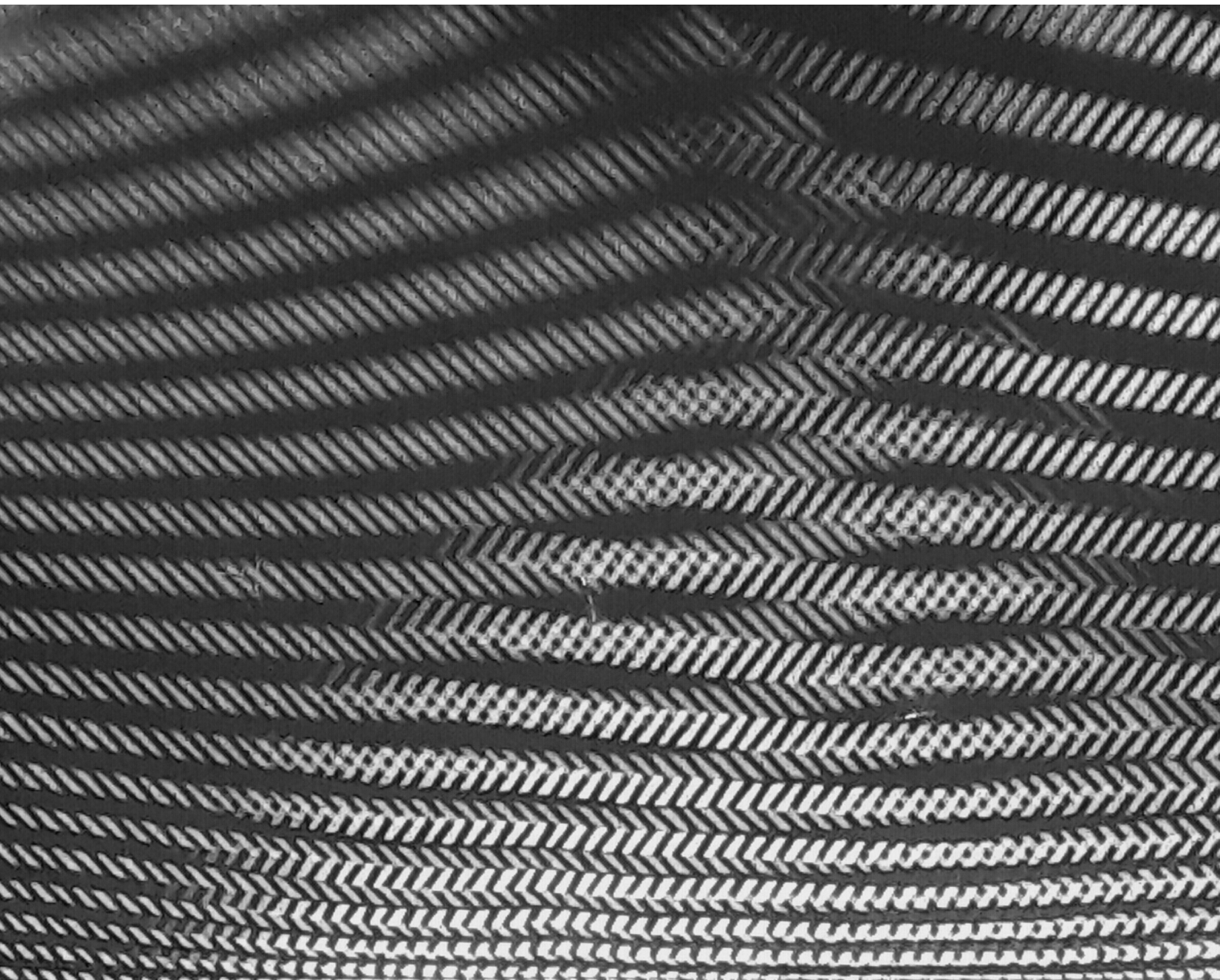


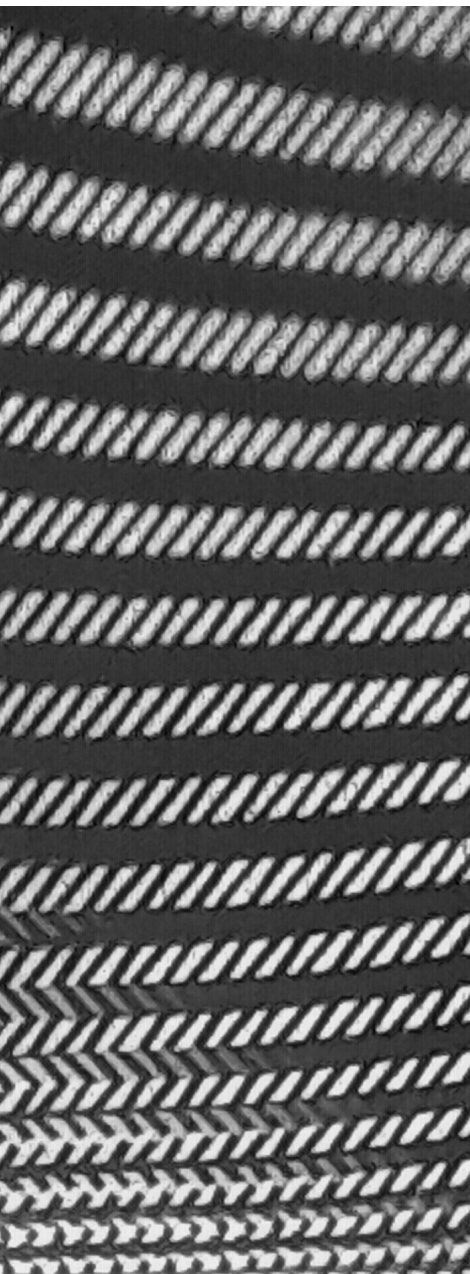
PEDRO PAULO

Graduação em Arquitetura e Urbanismo (1996 FAU PUC). Curso de aperfeiçoamento (2001 FAUP Porto/Portugal). Especialista (2003 FAU PUC). Mestre pela (2008 FAU USP), é professor da FAU PUC desde 2013. Desde 2008 atua em escritório com foco na Região Metropolitana de Campinas, elaborando projetos em diferentes escalas.











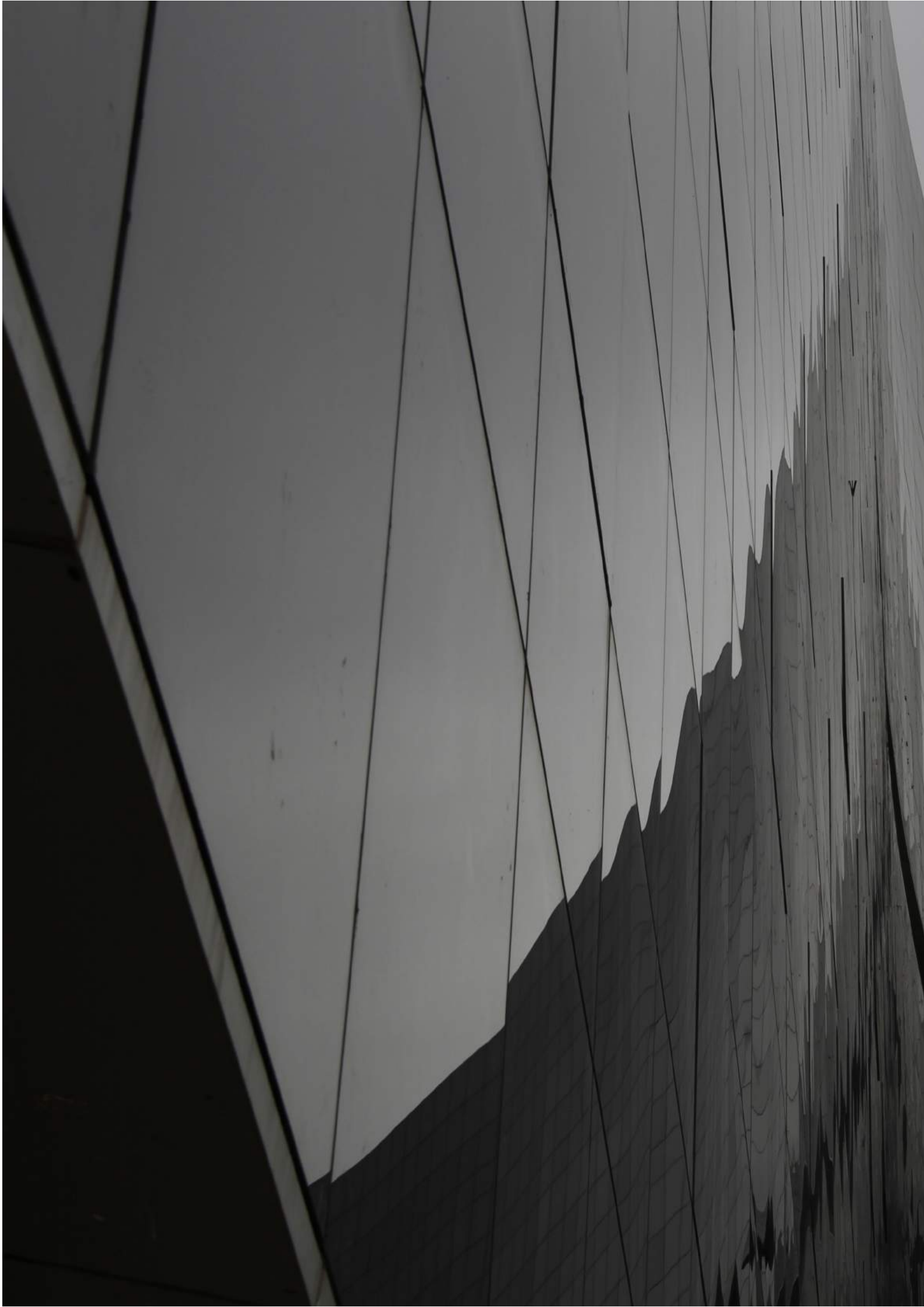
PAOLA HOEHNE

Estudante do 5º semestre de Arquitetura e Urbanismo da PUC e integrante do PET Arquitetura e Urbanismo da PUC











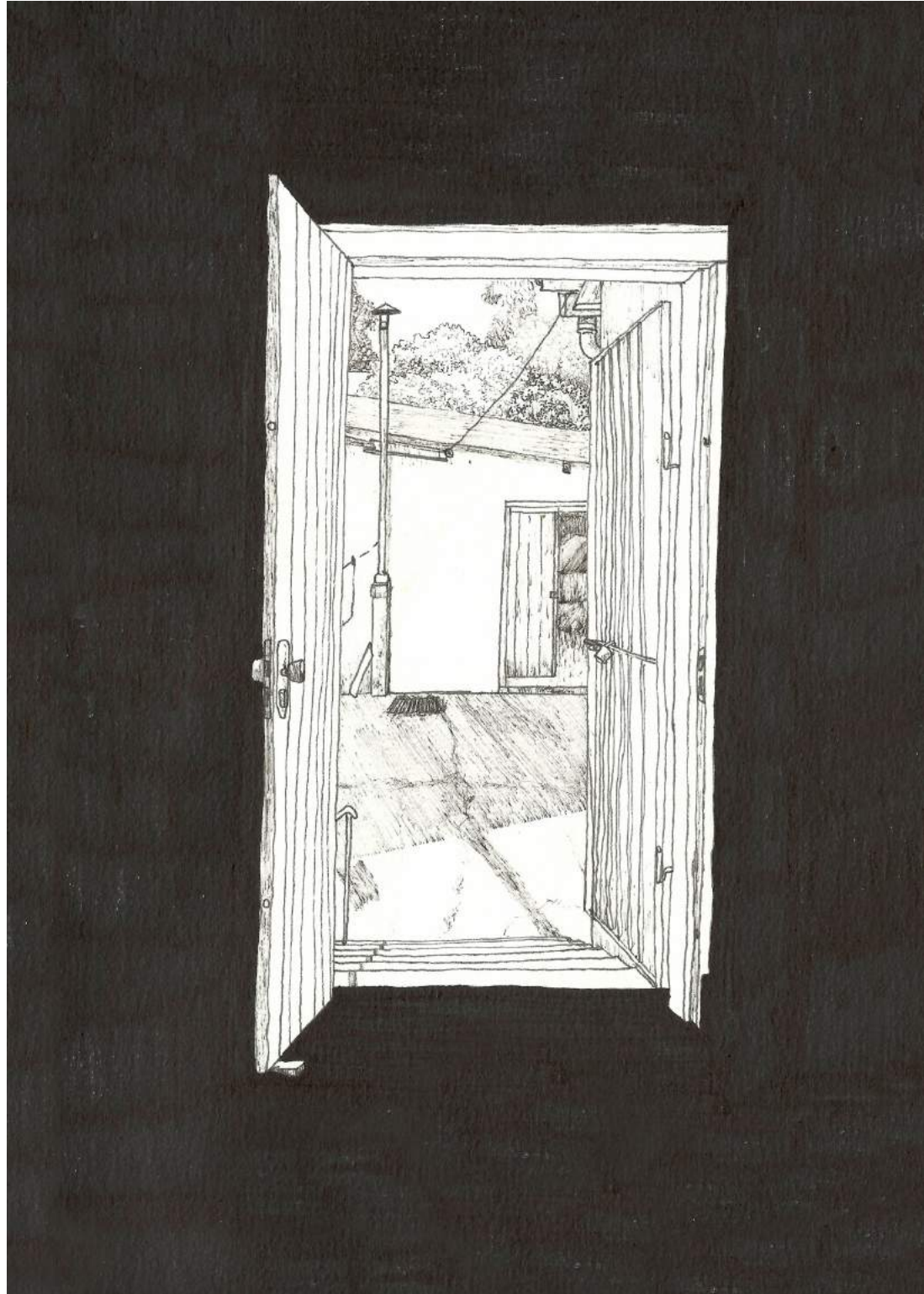






**VICTOR
LUCENA**

Estudante do 5º
semestre de Ar-
quitetura e Urba-
nismo da PUC



AGENDA



CURSOS e CONCURSOS

OFICINA SOBRE JARDIM FILTRANTE 26 e 27 de Agosto

Local: Sítio ReFazenda Bueno Brandão, MG

Investimento: R\$ 100,00 (com alimentação incluso)

CODHAB PROMOVE CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE PROJETO DE ARQUITETURA PARA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL - Mais informações: <http://www.codhab.df.gov.br/concursos/habitacoes-interesse-social/>

EVENTOS

11.08 Liga das baterias da PUCCAMP - *Vai dar samba*

EXPOSIÇÕES

MASP

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Avenida Paulista, 1578 São Paulo SP Brasil - Metrô Trianon MASP.

ARQUIVO NO TRIANON-MASP: AVENIDA PAULISTA Período: 17.02.2017 a 28.04.2017

AVENIDA PAULISTA Período: 17.02.2017 a 28.05.2017

TERESINHA SOARES: QUEM TEM MEDO DE TERESINHA SOARES? Período: 27.4.2017 a 6.8.2017

WANDA PIMENTEL : ENVOLVIMENTOS Período: 18.05.2017 a 17.9.2017

MUBE

Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia - Rua Alemanha 221 - Jd. Europa

São Paulo SP Brasil

PEDRANO CÉU: ARTE E A ARQUITETURA DE PAULO MENDES DA ROCHA Período: 02.04.2017 a 02.07.2017

JAPAN HOUSE

Avenida Paulista, 52 São Paulo, SP Brasil - Metro – Estação Brigadeiro, Linha Verde.

BAMBU – HISTÓRIAS DE UM JAPÃO Período: 06.05.2017 a 09.07.2017



OCA

Pavilhão Gov. Lucas Nogueira Garcez - Av. Pedro Álvares Cabral, 50 - Parque Ibirapuera, São Paulo - SP

MODOS DE VER O BRASIL: ITAÚ CULTURAL

30 ANOS Período: 25.05.2017 a 13.08.2017

PINACOTECA

Praça da Luz, 2 - Luz, São Paulo - SP

ANTILOGIAS: O FOTOGRÁFICO NA

PINACOTECA Período: 20.05.2017 07.08.2017

METRÓPOLE: EXPERIÊNCIA PAULISTANA

Período: até 18.09.2017

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Av. Brg. Faria Lima, 201 - Pinheiros, São Paulo - SP

INSTALAÇÃO OASI Período: 02.06.2017 a

16.07.2017

MIS

Av. Europa, 158, Jd. Europa, São Paulo - SP

NOVA FOTOGRAFIA - BAZARES, DE SILVIO

PIESCO Período: 09.06.2017 a 23.07.2017

CENTRO CULTURAL FIESP

**Av. Paulista, 1.313 São Paulo SP - Prédio da Fiesp,
em frente à estação Trianon-Masp do Metrô.**

HENRI CARTIER-BRESSON, PRIMEIRAS

FOTOGRAFIAS Período: 18.05.2017 a 25.06.2017



CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

Rua Vergueiro 1000, Paraíso São Paulo - SP

SEMANA MÁRIOSWALD - 100 ANOS DE UMA AMIZADE Período: 25.04.2017 a 20.08.2017

TOHOKU - ATRAVÉS DO OLHAR DOS FOTÓGRAFOS JAPONESES Período 26.05.2017 a 12.07.2017

DISCOTECA 80: UM PROJETO MODERNISTA
Período: 08.08.2017 a 04.10.2017

MUSEU DA CASA BRASILEIRA

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2705 - Jardim Paulista,

São Paulo SP

MOSTRA | PRIMEIRAS IMPRESSÕES
Período: 24.06.2017 a 06.08.2017

MAM

Museu de Arte Moderna de São Paulo - Av. Pedro Álvares Cabral, s/nº - Parque Ibirapuera, São Paulo

- SP

O IMPRESSIONISMO E O BRASIL Período:
16.05.2017 a 27.08.2017

CAIXA CULTURAL DE SÃO PAULO

Praça da Sé, 111 - Centro - São Paulo - SP

LABIRINTO E MEMÓRIA: A POÉTICA VISUAL
DE LUISE WEISS Período: 13.05.2017 a 23.07.2017

FRONTEIRAS ENTRE A ARTE E O DESIGN
Período: 27.05.2017 a 30.07.2017

MUSEU AFRO BRASIL

Avenida Pedro Álvares Cabral, Portão 10, s/n -

Parque Ibirapuera, São Paulo - SP

GEOMETRIA AFRO-BRASILEIRA E
AFRICANA Período: 13.05.2017 a 09.07.2017

A QUEM INTERESSAR POSSA - TRAJETOS
E TREJEITOS DE SÃO PAULO Período: 13.05.2017
a 09.07.2017

"1888" Período: 13.05.2017 a 09.07.2017

MAC

**Museu de Arte Contemporânea da Universidade
de São Paulo - Avenida Pedro Álvares Cabral, 1301**

- Parque Ibirapuera, São Paulo, SP

MAC NO SÉCULO XXI - A ERA DOS ARTISTAS
Período: 20.05.2017 - Longa duração, sem data de
encerramento agendada

RESERVA EM OBRAS Período: 06.05.2017 -
Longa duração, sem data de encerramento agendada

A INSTAURAÇÃO DO MODERNO Período:
06.04.2017 - Longa duração

OS DESÍGNIOS DA ARTE CONTEMPORÂNEA
NO BRASIL Período: 25.03.2017 a 30.07.2017

HUGO FRANÇA - UM TRONCO PARA EXU
Período: 08.04.2017 a 13.08.2017

MONUMENTOS TEMPORÁRIOS - FYODOR
PAVLOV-ANDREEVICH Período: 01.04.2017 a
13.08.2017

ESPAÇO CULTURAL PORTO SEGURO

Alameda Barão de Piracicaba, 610 - Campos

Elíseos, São Paulo - SP

LUZ ESCRITA Período: 19.05.2017 a
30.07.2017

CCBB

Rua Álvares Penteado, 112 - Centro, São Paulo - SP

CÍCERO DIAS - UM PERCURSO POÉTICO

Período: 21.04.2017 A 03.07.2017

ITAU CULTURAL

Av. Paulista, 149 - Bela Vista, São Paulo - SP

CONSCIÊNCIA CIBERNÉTICA [?] Período:

08.06.2017 a 06.08.2017

SESC

Pinheiros: TODO PODER AO POVO! EMORY DOUGLAS E OS PANTERAS NEGRAS Período: 09.03.2017 a 02.07.2017

R. Pais Leme, 195 - Pinheiros, São Paulo - SP

MEMORIAL DA RESISTENCIA

Largo General Osório, 66 - Santa Ifigênia, São Paulo - SP

ADESOBEDIÊNCIA CIVIL Período: 01.04.2017

a 25.09.2017

BIBLIOTECA MARIO DE ANDRADE

R. da Consolação, 94 - Consolação, São Paulo - SP

INAUGURAÇÃO OFICIAL DA OBRA

"PARALER" DE REGINA SILVEIRA Período:

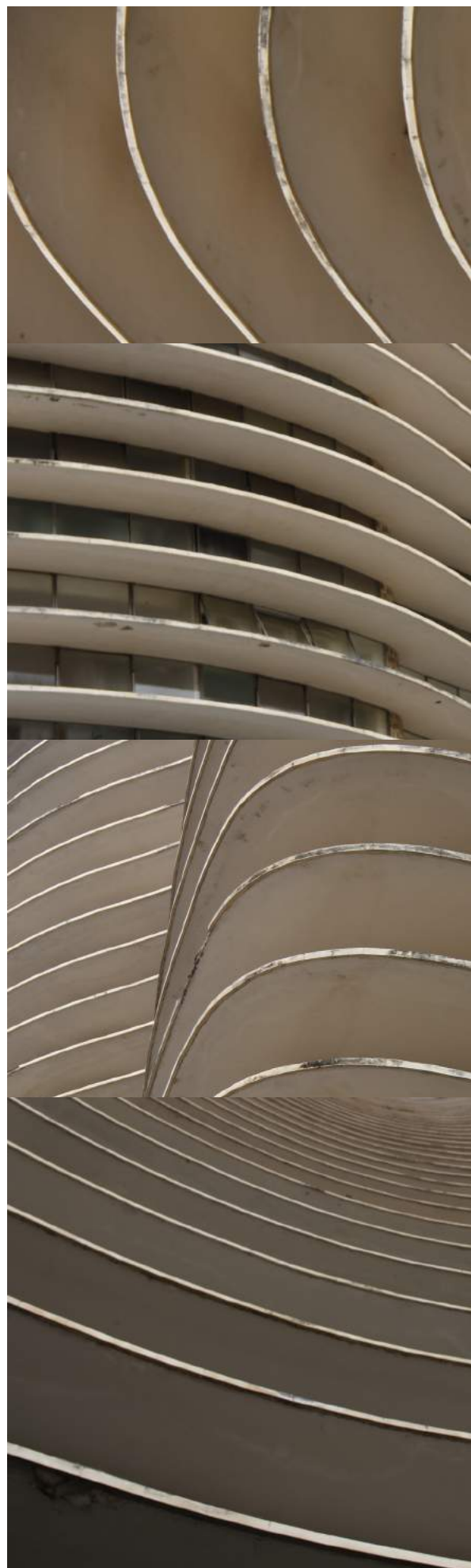
01.09.2017 - Exposta permanentemente

PRAÇA DAS ARTES

Av. São João, 281 - Centro, São Paulo - SP

QUADRA 27 Período: 24.06.2016 (mostra

permanente)





OFICINA CULTURAL OSWALD DE ANDRADE

Rua Três Rios, 363 - Bom Retiro, São Paulo - SP
TERRA NUA, DE ANGELLA CONTE Período:
13.05.2017 a 29.07.2017

GALERIA LEME

Av. Valdemar Ferreira, 130 - Butantã, São Paulo - SP

PLANARES Período: 01.06.2017 a 29.07.2017

CASA MÁRIO DE ANDRADE

R. Lopes Chaves, 546 - Barra Funda, São Paulo - SP

AMAZÔNIA LITERÁRIA Período: 10.05.2017 a
01.08.2017

INSTITUTO DE ARTE CONTEMPORANEA IAC

Rua Dr. Álvaro Alvim, 90 - Vila Mariana, São Paulo - SP

FIAMINGHI - PENSAMENTOS COMPOSTOS
Período: 28.03.2017 a 01.07.2017

FUNARTE

Alameda Nothmann, 1058 - Campos Elíseos, São Paulo - SP

ESTUDO PARA MONUMENTO Período:
28.05.2017 a 10.07.2017
ACORDOS, DESVIOS OU DIÁLOGOS, DE AMANDA MEI Período: 28.05.2017 a 10.07.2017

